

1. Um Raio de Luz

Era um domingo, dia claro, céu azul sem nuvens. O sol brilhante despontava com todo o esplendor de astro rei, dominando o firmamento. O povo, refazendo-se das labutas da semana, espichava a noite de sono, avançado os limites do dia, que se iniciava preguiçoso, como todos os domingos.

Na praça da Matriz, só o jornaleiro anunciando as últimas notícias, e as beatas rezadeiras que caminhavam apressadas para o ofício religioso inicial do dia.

O sino, manuseado pelo velho e habilidoso sacristão, badalava ritmando notas que se assemelhavam a uma mistura de lamentos, dores e esperanças, convidando o homem à contrição e ao revigoramento da fé.

Zé Turuna, comunista e ateu confesso, olhava tudo, sentado no banco da praça, onde de costume, lia os jornais ainda quentes do prelo. O badalar dolente do sino o trouxe de volta ao cenário da praça. O jornaleiro quase debochando o inquiriu:

- Oi, o senhor não obedece ao chamado do sino?
- O sino só se atreve a chamar os idiotas entorpecidos pela fé.
- O senhor não tem religião?
- A religião é o ópio do povo.

- Cruz credo, o senhor não tem medo de ir para o Inferno?
- Deixa de ser besta, vá vender teus jornais.
- Vixe Maria, o homem é doido!

O jornaleiro deixou o Zé Turuna com a sua gabolice atéia e foi à cata de leitores para os seus jornais.

O velho aposentado, sentado ao lado, fez a sua observação.

- Você não acredita na existência de Deus?
- Só creio na ciência, Deus é uma desculpa para explicar os fracassos e o sucesso dos homens, o que o faz explorado pelos espertalhões que criam e dirigem as religiões.

— Pense bem, meu amigo, não é possível a ocorrência de um efeito sem a causa motivadora. O nada, não pode dar lugar à existência concreta que fere os nossos sentidos.

- Tudo resulta da natureza e de suas mutações.
- E a vida, a sabedoria, a inteligência?
- Resultam das combinações genéticas.
- A vida, meu amigo, vai dar-te a lição, que o trará aos trilhos da razão.

— Está bem, enquanto isso vá rezando, orando e sendo explorado pelos dirigentes religiosos. Eu, por minha vez, permanecerei longe dessa narcose da fé imposta ou negociada.

Enquanto falavam, viram a filha do pastor Elias, que desviou-se da calçada para adentrar ao jardim, saltitando livre e feliz, para deter-se diante de um canteiro bem tratado e florido. Ali, colocou algo que trazia à mão sobre a grama e, como se fora levada a um estado de extrema admiração, contemplava os imensos cachos de flores multicoloridos, beijando-os enquanto aspirava o inebriante perfume. A menina assemelhava-se a um querubim dourado volitando ao redor das flores. Os dois homens olhavam como se fossem fascinados pelo espetáculo de pureza que lhes era mostrado. Raquel, indiferente, magnetizada pela beleza daquelas dádivas da natureza, cantava com a doçura melodiosa da voz infantil, fazendo calar os seus observadores.

E cantava aquele anjo loiro.

Flores, ofertas,
Olores de vida,
Da natureza florida,
Nas pétalas abertas.

É Deus, que na flor,
No vigor, no alento,
Em cada momento,
Exalta o amor.

Flores brilhantes,
Uma promessa de vida,
Farfalhantes, coloridas,
Olorosas, lucilantes.

É Deus que na flor...

Os dois homens observavam e ouviam embevecidos, enquanto quase todos os passantes se detinham para ouvi-la.

— Parece um passarinho cantando no galho do ipê florido.

— Essa menina nos leva à reflexão. Dizem que é um gênio na escola, juntamente com o filho de uma lavadeira de roupas.

— A inteligência e a finura da alma que demonstram, não seria algo acumulado em outras vidas?

— Que nada, respondeu o Zé Turuna, isso é uma resultante das reservas genéticas.

— E por que as outras filhas do pastor e da lavadeira, que procedem da mesma fonte genética, não apresentam as mesmas qualidades?

— Além da carga genética, é fator importante para o resultado, a combinação genética dos elementos.

— Você não acredita na existência do espírito?

— Não, o espírito é a vida, que só existe, enquanto o homem vive. A morte devolve tudo à natureza.

— Meu amigo, não te esqueça, só os percalços da vida, vão leva-lo a render-se à evidência da existência de Deus.

— Pois que venham os percalços...

A Pequena Raquel, depois dos momentos de exaltação que vivera e provocara, apanhou os objetos que deixara soltos na grama e recomeçou o seu caminho na direção da igreja evangélica.

Depois de andar um pouco, alternando a caminhada na calçada, com entradas saltitantes no jardim, detendo-se aqui ou ali, diante de mais uma galhada florida, a menina correu ao encontro de uma senhora idosa que equilibrava-se em um bastão, levando na outra mão uma sacola. Raquel puxou conversa.

— Dê-me esta sacola, vou ajudá-la.

— Muito obrigada, meu anjo, Deus te pague pela ajuda.

— O que é isso?

— Comida, minha filha, mantimentos que acabo de ganhar.

— Quem te deu?

— O padre Alex.

— Ele é bonzinho, né?

— É, filha, é um bom servo de Deus.

— Sinhá, o que você acha que é preciso para ser servo de Deus?

— Filha, eu não entendo dessas coisas, mas acho que se Deus é amor, para servi-lo, basta ser bom e colocar em prática as leis do amor.

— Eu também acho.

As duas falavam, enquanto a menina sustendo a sacola com certo esforço, seguia os passos lentos da anciã, quando aproximou-se o Zino, colega da escola de Raquel.

— Dê-me esta sacola, deixe-me ajudá-la.

Mal iniciaram a conversa, quando Sara, a mãe de Raquel se fez ouvir.

— Raquel, venha, está na hora da escola dominical.

— Vá Raquel, deixe que eu levarei a vó Sinhá até a sua casa.

— Vó?

— Sim, Raquel, toda senhora mais idosa, pode ser carinhosamente nossa avó.

— Está bem, então tchau vó.

— Tchau, filha, Deus te acompanhe.

A mãe de Raquel, demonstrando certa ansiedade, esboçou uma repreensão.

— O que você está fazendo no meio de incrédulos, exatamente na hora da escola dominical?

— Estava aprendendo a ser serva de Deus!

— Como?

— Praticando o bem. Eu estava auxiliando a vó Sinhá a levar a pesada sacola.

— Vó Sinhá?

— Sim mãe, o que há de mal nisso?

— Filha, ela não faz parte do Povo de Deus, não é convertida e batizada, afaste-se dela.

— Mãe, todos os que se aproximaram de Jesus eram batizados e iam à escola dominical?

— Não, filha, mas...

— Pois é, mãe, Ele nunca enxotou ninguém de perto d'Ele, pelo contrário, estendeu a mão a todos indistintamente.

— Vamos embora, está na hora e teu pai, você conhece.

— Conheço mãe.

Saíram as duas, a menina, alegre, sorrindo, sem as peias do mal, enquanto Sara quedava-se pensativa, atrelada aos preconceitos.

Na escola, Raquel destacava-se pelo aproveitamento quase genial e, pela empatia que despertava. Todos a queriam perto de si, para os estudos ou para o lazer. No coral da escola, a sua voz tomava colorido e destaque, transformando-se, sempre, no âmago da melodia. O ciúme de algumas crianças ricas que freqüentavam as aulas não a perturbava, pois era compensado pelo carinho da imensa maioria de pobres. Raquel guardava, sempre, um bombom de caramelo, na pasta, para agradar um coleguinha, levando um sorriso quase permanente nos lábios.

Zino era o colega mais chegado a Raquel, por ser estudioso, genial, com tendências bondosas semelhantes. Era a dupla de ouro da escola, não raro despertando invejas.

Naquele dia comemorava-se o aniversário de fundação da escola, que era dirigida pela comunidade evangélica local.

Pessoas gradas viriam engalantar a solenidade. O coral fora preparado para apresentar os números musicais que dariam calor e brilho ao ato. Todos aguardavam com ansiedade o momento, mesmo os não evangélicos que mantinham os filhos na escola.

Na hora aprazada, a solenidade foi aberta pelo pastor Elias, que fez uma alocução alusiva ao fato, mas a completou com a sermonária evangélica de estilo, lendo a Bíblia, interpretando suas palavras, dando curso ao ato com belos hinos e interpretações do coral. Como ponto culminante das apresentações artísticas, Raquel e Zino, com o apoio do conjunto, brindaram os assistentes, cantando a duas vozes.

CANTA A NATUREZA

Canta a natureza,
No albor de cada dia,
Nos raios do Sol,
No colorido arrebol,
No viço d'alegria.

No verde, na beleza,
Canta, canta
A natureza,
Canta, canta,
Tanta beleza,
Da lavra do Senhor.

Nesse hino de harmonia,
De esplendor e beleza,
Da semente à flor,
Tudo canta o amor,
Ao vibrar a natureza,
Na divina sinfonia.

Canta, canta
A natureza
Exaltando o Creador,
Canta, canta,
Tanta beleza,
Da lavra do Senhor.

Foi de beleza indescritível e tocante aquele canto, cujo estribilho foi acompanhado pelo coral. A sonoridade, a harmonia, o enlevo, fizeram lágrimas rolar, rompendo as comportas da emoção. A vizinha do lado, chamando a atenção de Sara, comentou:

— Como podem, uma criança e um juvenzito, nos trazer tanta emoção?

— É a fé, minha irmã, é a fé.

— Eu, de meu lado, penso que isso é dom de Deus que a fé apenas exalta.

— É, sem o dom divino, a fé seria inerte.

Ao término da solenidade, as pessoas formaram grupos comentando o brilho da apresentação, destacando a atuação de Raquel e Zino. O alcaide local aproximou-se do pastor Elias que levava pela mão a filha, passando a tecer elogios.

— Meus parabéns, pastor, pela filha que tem. E a você Raquel, meus parabéns pela magnífica apresentação.

— Quem merece elogios é a nossa professora que rege o coral, respondeu a menina.

— Não só ela, pois nenhum músico pode expressar sua arte sem um bom instrumento.

— Quanto a mim, agradeço a Deus pelo dom da voz.

— Raquel, eu quero oferecer a você e ao seu colega, os recursos para aperfeiçoarem-se em um centro mais adiantado.

— Senhor Prefeito, se me permite, antes disso, eu pediria que visitasse a casa da Duvirges e da velha Sinhá, onde pessoas carentes e doentes fenecem à míngua de recursos.

O Pastor Elias, visivelmente perturbado, interferiu, chamando a atenção da filha.

— Raquel, o amigo Prefeito traz uma oferta e você desvia a conversa para outros rumos!

O Prefeito, sorrindo, amainou a manifestação de desagrado do Pastor.

— Ela está certa senhor Elias. Minha filha, o prefeito não pode saber tudo o que passa na cidade. Eu prometo que irei até lá, para ver o que acontece com aquela gente.

— Eu vou ficar muito feliz.

A Pequena Raquel abraçou o político, beijando-lhe a face.

— Que menina, Pastor, que diferença para as outras crianças.

— É a Palavra de Deus que a faz assim.

— Não, meu caro Pastor, nem todos que são criados lendo a Bíblia, são assim. Eu creio que ela é uma alma predestinada.

— Senhor Prefeito, a Bíblia nos ensina que todo o dom vem de Deus.

— Por isso eu creio que cada um traz consigo as dádivas de Deus, que são aperfeiçoadas pelo próprio esforço.

Outras pessoas se acercaram do grupo, mudando o rumo da conversa. Raquel, sorrindo, tomou as mãos do Prefeito e despediu-se.

— Não esqueça a promessa, a Duvirges e a velha Sinhá vão esperá-lo.

O pastor Elias tomou o rumo de casa com a família e, logo aos primeiros passos, começou a tecer admoestações à filha.

— Raquel, por que você fez aquilo?

— Porque a obrigação dele é dar assistência aos pobres, o curso é você que tem a obrigação de dar-me.

— Você continua indo à casa da Duvirges?

A menina calou-se por um pouco.

— Vamos, fale, não minta para mim.

— Eu não minto, pai, só falo a verdade. Sempre que posso vou levar comida para os doentes que ela cuida.

— Ela é espírita, feiticeira, pode perturbar a tua mente.

— Eu só sei que ela é boa, caridosa e só pratica o bem. Por que os crentes não fazem a mesma coisa?

— Olha, Raquel, você está proibida de voltar à casa daquela feiticeira.

— Pai, por que os pastores só sabem falar em proibições e pecados e vivem a ralhar com todos?

— Porque a Bíblia ensina que o salário do pecado é a morte.

— Mas ela, também, ensina o amor.

— O amor, filha, não significa a tolerância com o pecado.

— Pai, por que Jesus não permitiu o apedrejamento de Maria de Magdala?

— Você ainda é muito jovem para pensar em interpretar a Palavra de Deus.

— Está bem, mas eu não gosto de ver o senhor julgando os outros na igreja e gosto de ver as pessoas sorrindo.

— Raquel, de qualquer forma você está proibida de ir à casa dessas pessoas.

— Sendo assim, por que o senhor não vai lá ver o que se passa com aqueles pobres?

— Por que você diz isso, filha?

— Pai, eu li em Tiago, I, 17 e 26, que:

“Assim também a fé, se não tiver obras por si só estará morta. Porque assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta”.

— Filha, você parece gostar de me contestar, mas, é a fé que salva. Eu repito, não quero vê-la misturada com esses incrédulos. Você, embora inteligente, é uma criança e tem muito a aprender.

Em casa, o Pastor Elias colocou suas preocupações para a esposa Sara.

— Raquel é muito inteligente, usa as palavras com a eloqüência de um adulto traquejado. Temo que ela possa ser instrumento nas mãos do Maligno para provar a nossa fé.

— Ela é uma inocente, não é possível que Deus permita que venha a ser instrumento do mal.

— De qualquer forma, eu peço vigilância, para que ela não se misture com essa gentilha sem fé.

Na hora de dormir, Raquel aproximou-se da mãe, beijou-a na testa e depois de mirar seus olhos profundos e negros, perguntou:

— Mãe, por que os pastores ralham tanto, ameaçando com o fogo do Inferno?

— Porque desejam a salvação dos homens.

— E por que o senhor Jô é tão manso?

— Não fale nele, filha.

— Por que?

— Ele é espírita.

— Sabe o que ele me disse?

— O que foi?

— Que eu fosse obediente e procurasse seguir os ensinamentos do meu pai. Sorriu e se foi sem ralar comigo.

— Vá dormir.

Naquela noite Sara demorou a conciliar o sono, pensando no comportamento da filha. Percebendo que o sono não vinha, sentou-se na cama, leu um trecho da Bíblia, em Provérbios II, 21:

“Porque os retos habitarão a terra, e os íntegros permanecerão nela”.

Quando orava, pedindo a Deus que tomasse a filha sob sua proteção, ouviu uma voz expressada com nitidez, como se fosse proferida dentro dos seus ouvidos, a dizer-lhe:

— Leia um pouco à frente, no Capítulo III, versículo 13.

Um pouco assustada, Sara voltou à página e leu:

“Feliz o homem que acha sabedoria, e o homem que adquire conhecimento”.

— Sara, completou a voz, não basta a fé inerte, é necessário que ela se torne a alavanca que retire o homem da inércia, levando-o ao trabalho e à busca do conhecimento. A fé contemplativa é morta. Viva e verdadeira é a fé que leva o homem a estender a mão solidária aos irmãos que se debatem nos emaranhados da vida. Raquel é um raio de luz, ouve-a e compreenderás melhor a razão da vida.

— Quem é você que me fala com tanta sabedoria?

— Teu amigo, teu irmão, companheiro na caminhada da vida.

— Como posso saber se não és um emissário das trevas para confundir-me?

— Vem comigo irmã, vou conduzi-la a recordações vivas do passado.

Sara sentiu-se envolvida por uma energia estranha, que a projetava num espaço iluminado por tons azulados, envolta em doce langor, como se flutuasse. Passado algum tempo, percebeu que estava postada à margem de uma estrada, que volteava colinas e margeava um lago. Pessoas em trajes típicos dos povos

antigos passavam indiferentes, até que uma jovem acompanhada por familiares, equilibrando um cântaro avantajado na cabeça, parou, sorriu e, admoestada por um ancião, retomou o seu caminho.

Sara sentia-se acompanhada, embora não pudesse visualizar o seu companheiro naquela estranha projeção ao passado. Ele, mansamente voltou a falar.

— Vês a jovem do cântaro?

— Sim, ela é bela e suave.

— Olhe o que ela vai fazer, vamos acompanhá-la.

Sara e o companheiro, como se estivessem magnetizados, seguiram a multidão, onde as pessoas falavam do assédio dos soldados romanos, do poder dos Césares, de permeio com notícias de um profeta milagreiro, que tomava conta das preocupações de toda a Judéia. Uns acreditavam, outros teciam comentários contraditórios, mas todos anotavam a presença do profeta, que diziam estar ali em Betânia.

— Sara, aquela multidão fervilha em torno daquela casa, mas não ousa nela entrar.

— Por que?

— É a casa de Simão, o leproso. O Rabi, de quem falam, está lá, à mesa de Simão. Vamos adentrá-la, para que possas presenciar algo que te diz respeito.

Caminharam, desviando-se das pessoas, que pareciam indiferentes às suas presenças, até assomarem à sala interna da casa, onde um homem jovem e vigoroso, cabelos negros levemente ondulados, que desciam até os ombros, barba bem tratada e pouco alongada, olhos vivos, magnéticos, penetrantes, descansava recostado à mesa. Alguns comentavam:

— Não ensinou Moisés que os leprosos devem ser lançados fora do arraial (Levíticos XIII, Números V, 1 e 2)?

— Contrariando Moisés, este profeta os limpa da lepra e come e bebe com eles.

Sara, olhava e ouvia tudo, sentindo uma certa alegria de rever aquelas cenas que lhe pareciam familiares. O companheiro chamou sua atenção.

A jovem do cântaro, que em verdade era um rico vaso de alabastro, contendo precioso perfume de nardo puro, derramou-o sobre a cabeça do profeta, tornando perfumado todo o ambiente. A jovem ajoelhou-se aos pés do profeta, que nela demorou seu olhar profundo e sereno, enquanto circunstantes a repreendiam. O profeta, que era conhecido por Jesus, o Nazareno, admoestou a todos, dizendo:

Deixai-a; porque a molestais? Ela praticou boa ação para comigo. (Marcos XIV, 3 a 9).

— A moça que presencias perfumando o Mestre, é Maria de Betânia, que o acompanhou até o Gólgota. Seguiu os Seus ensinamentos, como santa da Igreja Romana, como enfermeira, musicista e escritora renomada e, hoje a tens aos teus cuidados como filha, a Pequena Raquel. Não cometes o erro de a considerar um instrumento do mal, para minar a fé que professas. Antes, procura seguir o seu exemplo, colocando vida na tua fé, pela prática de boas obras.

Sara despertou, com os chamados insistentes de Elias, seu esposo.

— O que está acontecendo, Sara?

— Fui levada a ver coisas maravilhosas, enquanto lia a Bíblia.

Sara narrou o que presenciara ao esposo, o qual, após alguns momentos de reflexão, falou:

— Sara, vamos orar para que não sejamos impelidos para o erro.

— É, mas eu peço ponderação ao falar e julgar nossa filha.

A noite mostrava-se tempestuosa, sacudida por trovões e clareada pela sucessão de relâmpagos. O vento soprava com força incomum, com raros momentos de calma. Depois de horas de insônia, o casal, vencido pelo cansaço, adormeceu, alheando-se, pelo sono, daquele cenário de agitação da natureza.

No seu quarto, Raquel, desperta pelo ribombar dos trovões, inquietava-se pela lembrança que assomava à sua mente, da casa insegura de Duvirges e dos miseráveis nela agasalhados. Pensava no frio e na fome atormentando aqueles pobres, no velho Aristides, reumático, gemendo de dor. A menina sentou-se

na cama e começou a orar, pedindo com a singeleza e força da inocência, que Deus e os Seus trabalhadores viessem em socorro daqueles sofredores. A Pequena Raquel se viu tomada por uma força poderosa e, como se fosse impelida por um comando superior, levantou-se, tomou de uma cesta de compras, e passou a colocar nela alimentos e agasalhos, em volume superior às suas forças. Olhando para uma prateleira onde eram guardados remédios, obedeceu ao comando de apanhar um frasco de xarope e uma caixa de analgésico. Quase arrastando, deslocou a cesta para a porta lateral de serviços e ganhou a rua.

A chuva até então pesada e contínua amainou como por milagre. Raquel esforçava-se para sustentar a pesada cesta, quando um senhor vestindo um manto à guisa de capa, aproximou-se. Ela olhou, o velho sorriu, Raquel o reconheceu, pois já o vira em outras ocasiões. O ancião colocou uma valiosa capa de pele de carneiro vestindo a menina, cobrindo-lhe a cabeça com um capuz de igual feitura e falou:

— Vamos, minha doce Raquel, vou ajudá-la em tua tarefa, como verdadeira seguidora de Jesus.

Raquel, olhou admirada. Alisando com as mãos de marfim aquela preciosa indumentária, sorriu, deixando à mostra os alvos e belos dentes, os olhos grandes brilhando como gemas. Era uma cena de raro esplendor espiritual, que descia do alto, demorando-se num lampejo na terra, como uma trégua ou bálsamo para os flagelos do homem.

— De onde trouxestes essa bela capa?

— Do passado, minha doce Maria.

— Maria?

— Sim, Maria de Betânia, vamos pela prática do bem romper mais um vaso de alabastro, vertendo o puro e perfumado nardo nos pés do doce Mestre. Quem pratica o bem, meu doce anjo, aproxima-se mais de Jesus do que aqueles que discursam e oram em público. Vamos louvar a Jesus, praticando o bem.

— Arcana – esse era o nome do ancião – alegro-me por reencontrá-lo.

O ancião tomou da cesta, equilibrando-a com mais um fardo que trazia às costas, e, sustendo-se no grande cajado, começaram a caminhada em demanda à casa da bondosa Duvirges.

A casa da benzedeira, apesar da tempestade aparentemente acalmada, mostrava a porta entreaberta, denunciando a movimentação dos que nela viviam. Arcana aproximou-se, colocou o fardo sobre um tamborete, fazendo a menina companheira entrar. Ao adentrar a porta, Raquel notou a presença do amigo Zino, que se antecipara no socorro, trazendo o que podia. O moço, ao ver a amiga, falou sem esconder o espanto.

— Raquel, você está louca, enfrentando essa tempestade sozinha?

— Não Zino, eu não vim só, o amigo Arcana veio comigo, carregando a cesta.

Voltando-se para confirmar a presença do amigo, verificou que estava só. Ele havia desaparecido, deixando, além da cesta, um fardo que trazia às costas, contendo agasalhos e alimentos.

— Onde está ele?

— Não sei, o certo é que veio comigo, a prova aí está.

Duvirges aproximou-se e abraçou a benfeitora, alertando-a para a temeridade do seu ato.

— Filha, nós agradecemos o teu gesto, mas você deve voltar imediatamente, antes que teu pai note a tua ausência.

Raquel, indiferente à admoestação da bondosa amiga, correu ao encontro do velho Aristides, que gemia a sua dor sobre o leito, entregando-lhe os analgésicos que trouxera. O velho sorriu e balbuciou palavras de agradecimento.

— Meu anjo de luz, Deus te dê a recompensa.

Raquel colocou as mãos sobre a cabeça do velho e alquebrado sofredor, demorando-se por alguns minutos.

— Deus já me deu por antecipação a graça de vê-lo ou revê-lo, meu amigo Simão.

— Simão? Interpelou o amigo Zino.

— Sim, Zino, aqui você tem à sua frente, curtindo as últimas dores da carne, o espírito luminoso de Simão, o leproso, que fora agraciado pela presença viva de Jesus. (Mateus XXVI, 6 a 13).

— Vá, minha filha, insistiu Duvirges.

Zino, despediu-se, beijando as mãos de Duvirges, dizendo:

— Vou acompanhar Raquel.

A cidade parecia morta, luzes apagadas, iluminada apenas pelo fulgor dos relâmpagos. Os dois companheiros apressaram-se receando o recrudescimento da tempestade. Chegando em casa, despediram-se e a menina apressou-se em retornar para os seus aposentos. Sentou-se na cama, agradeceu a presença protetora de Arcana e a possibilidade do socorro que prestara. Sob eflúvios luminosos vertidos sobre ela por benfeitores espirituais, Raquel, como se fora uma jóia trabalhada por um artista divino, adormeceu, sem retirar a capa e o capuz que recebera de Arcana.

A porta da entrada lateral que fora deixada aberta pela menina, rangia abrindo e fechando no balouço do vento que anunciava o recrudescimento da tempestade. O vai-e-vem dos elementos revoltos, levando e trazendo a tempestade e a calma, assemelhava-se à intervenção de um miraculoso manifesto interferindo nos fenômenos da natureza.

O ranger da porta, na intermitência dos ventos, despertou Sara do profundo sono a que fora levada pelo cansaço. A mulher, desejando preservar o sono do esposo, levantou-se cuidadosamente, direcionando-se à porta de entrada para fechá-la. Estranhando o descuido por deixar aberta e sem trava aquela entrada, após fechá-la, Sara foi ao quarto de Raquel, pensando em recobri-la com cobertores. Ao entrar no quarto iluminado por meia luz refletida da sala, espantou-se vendo a filha atirada à cama, vestida por uma capa de peles com as bordas em arminho, um capuz vestindo a cabeça, a grande cesta jogada displicentemente ao lado, pés calçados com sandálias molhadas. Sara inquietou-se, percebendo que a filha havia saído à noite, mesmo com aquela copiosa chuva. Onde havia andado, o que havia feito e com quem? A mãe sentia dentro de si um turbilhão de dúvidas. Quando pensava em despertar a filha para obter as respostas que a inquietavam, percebeu uma luminescência envolvendo um vulto de mulher que se destacava ao pé do leito. Era uma jovem de raríssima beleza que tentava agasalhar a capa sobre Raquel. A jovem desviou os olhos na direção de Sara, fazendo ouvir sua voz cristalina e melodiosa.

— Sara, estas pequeninas e abençoadas mãos já perfumaram os cabelos do doce e manso Rabi. Alegra-te pelo privilégio de guardar os seus primeiros passos nesse luminoso retorno à vida terrena.

— Quem é você?

— Tua irmã de ontem, quando juntas caminhamos sobre as trilhas de Jesus. Podes chamar-me irmã Marta.

— Eu temo por minha fé.

— Sara, o alicerce básico da verdadeira mensagem de Jesus, a quem dizes seguir, é **crer em Deus** e **praticar o bem**. Observa essa pequena, mas grandiosa regra e terás lugar no redil do Bom Pastor.

— O que devo fazer para conciliar a minha fé com os fatos que agora me colocam em dúvida?

— Apenas observar essa regra de ouro. Não temas, Deus é o Senhor e Jesus é o pastor, os quais desejam que todos alcancem a **perfeição** que tu chamas **salvação**. Veja o que está em Primeiro Timóteo II, 4:

“O qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade”.

Se Deus deseja, certamente não será em vão, pois Ele tem o poder e o conhecimento.

— Não sei o que dizes, estou confusa.

Naquele momento, a jovem, que atendia por Marta, sorriu e começou a cantar, acompanhada por um coral invisível, uma doce melodia capaz de arrebatara alma mais endurecida e indiferente.

Vibra no Universo,
A presença de Deus,
Nos eflúvios de luz;
Quanta harmonia,
Libertação e alegria,
Nos ensinamentos da cruz.

Vibra no Céu,
Na terra e no mar,
O exemplo da cruz,
Ensinando amar,
Viver e servir,
Obediente a Jesus.

Vibra os céus,
A terra, o mar,
No viver, no amar,
Louvando a Deus.

Sara, emocionada, chorava, enquanto aquele ser angelical dela aproximou-se colocando a mão sobre sua cabeça, falando quase ao seu ouvido:

— Irmã, não tema, os bons espíritos anunciam que além dos umbrais da morte existe a vida plena do espírito, sem inferno ou paraíso, mas cada um vivendo as conseqüências de seus próprios atos.

— E a salvação prometida pelo sacrifício de Jesus?

— A redenção do homem, pelo conhecimento, não está adstrita ao sacrifício físico do Mestre, mas ao seu ensinamento, que se resume em crer e amar a Deus e ao próximo e a praticar o bem. Continua na tua fé, mas atenta à prática do bem.

Aquela visão angelical esmaeceu, enquanto Raquel dava sinais de despertar, movimentando-se no leito. Abriu os olhos percebendo a presença da mãe. Sorriu, falando com doçura.

— Mãe, o que está fazendo aqui?

— Filha, eu estou preocupada com você. Onde andou com tanta chuva e trovoadas?

— Fui levar socorro aos pobres da Duvirges.

— Onde arranjou esta capa que está vestindo?

— Foi o Arcana quem me vestiu com ela, para que eu não fosse molhada.

— Mais uma vez esse tal de Arcana, quem é ele?

— Ora mãe, você já o viu e sabe quem é. Ele é um ser superior, mensageiro do Pai na Terra, que nos induz a praticar o bem.

— Filha, eu temo por uma cilada de Satanás, para levar a nossa família à perdição.

— Mãe, nós acreditamos em Deus e em Jesus e é em seus sagrados nomes que laboramos. Como temer que o mal possa prevalecer diante do bem?

Sara sentou-se ao lado da filha, começando a retirar-lhe os sapatos ainda molhados. Raquel despiu a capa, entregando-a à mãe que passou a examiná-la com detida atenção. Embora fosse assemelhada a uma pele de ovelha arrematada com arminho, o corte, a tintura e os adornos não guardavam nenhuma relação com o que conhecia, era uma peça diferente, de tecitura e leveza singulares, capaz de causar admiração.

— Onde está esse Arcana, para devolvermos essa capa?

— Tão logo ele nos amparou e auxiliou no socorro que prestamos, se foi, certamente para as regiões da luz.

— Você fala de forma estranha, quem mais estava com você?

— Quando eu cheguei à casa da Duvirges, lá encontrei-me com o Zino, que também ali fora com o mesmo propósito de servir.

— Você encontrou-se com aquele moleque, sozinha, nas trevas desta noite?

— Sim, mãe, e foi ele que me prestou auxílio, além do bondoso Arcana.

— Filha, você está se arriscando demais.

— Por que a senhora só pensa no pior? Não tem fé em Deus?

— Filha, eu temo por você. De onde veio esta capa, meu Deus!

Sara, enquanto examinava aquela peça estranha, ouviu passos e percebeu os movimentos de alguém que, de forma inopinada, colocava-se à cabeceira da cama. Era uma senhora de porte nobre mas doce, vestes longas de tonalidade azul celeste, com aprestos dourados, cabelos prateados descendo em mechas bem definidas, encobrendo parcialmente os ombros. Ela sorriu, falando como se fosse o sopro sonoro de uma brisa, capaz de vencer qualquer resistência.

— Não tema, bondosa Sara, o mal não se agasalha nas treliças do bem. Esta capa que tens às mãos, já agasalhou uma doce princesinha, num lugar e em momento que se perdem na esteira do tempo. Vou levá-la a essas reminiscências, para que tenha a convicção da verdade.

Sara, como se fora levada a um momento de êxtase, viu-se em um cenário de beleza invulgar, junto a um pastor que apacentava suas ovelhas. Logo a seguir percebeu a aproximação de uma bela mocinha que trazia uma pequena e bela cesta trançada por bem trabalhados juncos, seguida por servos armados com lanças, que a guardavam vigilantes. A jovenzita aproximou-se do pastor, abriu a cesta, dela retirando um grande pão e pasta de amêndoas, estendendo-os ao ancião.

- Toma para ti, meu bom Joeb.
- Bela e doce Guima, Jeová guarde teus caminhos. Não te esqueça, meu doce lírio:

Quem pratica e vive o bem,
Semeando paz e amor,
Terá o amparo do Senhor,
Aqui e nas plagas d'além.

Sara sentiu-se enlevada, envolvida por vibrações de bonança indefinível, percebendo que a criança que era revivida na cena era a sua atual Raquel e, mais, que vestia a mesma capa que agora manuseava.

A doce senhora, após mostrar aquelas imagens gravadas na mente profunda dos personagens, falou com doçura, completando:

- Vamos até aquela tenda armada no alto da colina.

Sara foi deslocada para um cenário, onde se misturavam pessoas do povo com guerreiros armados com lanças e espadas, todos volteando, curiosos e protetores, uma grande tenda de pele de cabras armada no centro de uma centena de tendas menores. Adentraram à cobertura da estranha moradia, onde sentado em estofado de peles encontrava-se um homem ainda jovem e vigoroso servido por escravos, erigindo-se como o centro das atenções de todos.

Sara, quase sem fôlego, percebeu que aquele homem aparentemente poderoso, era o seu atual esposo, que era acariciado por uma bela mulher que guardava o sinete de escrava.

— Aquele rei nômade, é o mesmo espírito que anima, hoje, o corpo de Elias. Aquela jovem escrava, a preferida do rei, foi uma das tuas passagens na Terra. A menina que vistes, a doce Guima, é a mesma Raquel que hoje guardas como filha. Ela foi o anjo tutelar daquele povo nômade e guerreiro, como hoje é um raio de luz para tua família e para o teu tempo.

- Meu marido não acreditaria nisso.

— Pouco importa, o tempo é o senhor da razão e, hoje ou amanhã ele se renderá à verdade. Toma para ti, que tens um espírito de escol sob tua guarda.

— Quem é você?

— Podes chamar-me Valença.

Aquele ser luminoso, sorriu mais uma vez, meneando a cabeça como se esboçasse uma despedida, desaparecendo por traz do conhecido vulto de Arcana, que se fez visível para Sara.

— Quem é você? Quis saber Sara.

— Você me conhece e bem sabe que sou Arcana, o Viajor do Tempo. E esta lucilante irmã com quem falaste, é Valença, a Dama do Tempo.

— Por que Viajor do Tempo?

— Porque transito nas dimensões **espaço e tempo**, procurando aviventar no homem os ensinamentos da experiência.

— E por que a boa Valença é chamada de Dama do Tempo?

— Se eu trago as reminiscências das lutas, tropeços, quedas e vitórias que ensinam ao malhar da experiência, ela, a luminosa Dama do Tempo, nos leva a reviver o triunfo do bem sobre o mal e do amor sobre o ódio.

— O que tens com esta capa que não nos pertence?

— Ela pertenceu a Raquel quando viveu a experiência carnal de Guima. Todavia não te preocupes, o vai-e-vem do tempo que a trouxe aqui, poderá levá-la de volta ao seu lugar no tempo e no espaço.

Aquela cena esmaeceu na imaginação de Sara, que se viu diante da Pequena Raquel, agora aquietada por profundo sono.

Sara, ao voltar-se para retornar aos seus aposentos, viu-se de frente com Elias, o seu esposo, que a interpelou:

— Sara, com quem falavas?

A mulher, com a voz sumida pela emoção, narrou ao esposo, o quanto pode, das cenas revividas.

— E esta capa que tens à mão?

— É aquela a que me referi. Examine-a e verá que ela não tem similar conhecida para nós.

Elias examinou aquela peça estranha, vencido por forças que não podia dominar, deixando claro que era preso de vibrações para ele desconhecidas. Trêmulo, deixou a capa sobre um móvel, convidando a esposa para orar.

— Sara, é certo que fatos estranhos e acima de nosso conhecimento estão ocorrendo com nossa filha. Creio que o Demônio está a tentar contra a nossa fé. Só nos resta a oração.

O pastor Elias abriu a Bíblia e leu com evidente emoção e fé, o Salmo 23, detendo-se na entonação da voz, em seu intróito:

“O Senhor é o meu pastor: nada me faltará...”

Depois de fervorosa oração, tomando a mão da esposa, percebeu que a capa que havia sido posta sobre o móvel, desaparecera. Aliviado ele comentou.

— Anotaste, minha querida, após a leitura da “Palavra de Deus” e de nossa fervorosa oração, aquela capa, certamente instrumento de tentação, desapareceu.

De mãos dadas voltaram para os aposentos, pois ainda estavam em plena madrugada. Quando se aproximaram do leito, perceberam boquiabertos que a capa estava sobre a cama, dobrada como se o fora pela mais exímia das camareiras e, sobre ela, estava uma Bíblia de encadernação dourada, desconhecida, aberta no Salmo XXVII, onde se lê como destaque:

“O Senhor é a minha luz e a minha salvação, de quem terei medo?”

Os dois, após a leitura da passagem bíblica indicada, olharam-se significativamente, colocaram a capa e o exemplar desconhecido da Bíblia sobre o divã e voltaram ao leito. Nenhum dos dois foi capaz de conciliar o sono. Ao levantarem-se perceberam que a capa havia desaparecido, mas lá estava o volume de capa dourada da Bíblia. Ao folhear o livro, Elias percebeu que ele pertencera ao seu avô, de há muito falecido.

Naquele dia Raquel retornou da escola, alegre como sempre, noticiando para os pais, em detalhes, todos os fatos ocorridos, o que fazia com graça, atraindo a atenção de todos. Elias, mostrava-se, ultimamente, muito pensativo, reticente, aparentemente alheio ao que se passava. Ao ver a filha, chamou-a para perto de si.

— Filha, quero falar com você.

— O que foi paizinho?

— Muita coisa vem acontecendo e perturbando a paz do nosso lar. Eu não quero que você ande por aí, de casa em casa, com esse moleque Zino e muito menos que freqüente a casa da benzedeira Duvirges.

— Pai, o Zino e a Duvirges são pessoas boas, que só fazem o bem.

— Você ainda não compreende certas coisas, mas o Demônio se vale da astúcia e da bondade para destruir a fé.

— Por que Deus permite que o Demônio saia por aí enganando pessoas boas?

— Os bons e tementes a Deus, como nós, somos tentados para provarmos a nossa fé.

— Por que não provamos a nossa fé apenas fazendo o bem?

— Filha, você é uma criança, ainda não pode compreender certas coisas que nos intrigam, principalmente quanto à fé.

— Eu sou criança mas posso entender muito bem. Não creio que Deus se alegre com o sofrimento e perdição dos seus filhos, por isso não posso acreditar que esse tal de Demônio tenha o poder de perturbar a obra Divina.

— Filha, a Bíblia nos ensina que somos salvos pelo sangue de Jesus, vertido por nós na cruz.

— Eu não posso entender o motivo que levou o bondoso e divino Pai a permitir o sacrifício do Seu filho para nos salvar, quando poderia fazê-lo pelo exercício da sua poderosa vontade, sem o derramamento de sangue.

— Raquel, a nossa fé não pode ser abalada por dúvidas, pois muitas coisas que ignoramos prendem-se aos desígnios de Deus, à Bíblia...

Raquel olhou o pai com a firmeza de um adulto, fazendo-o titubear em sua fala sob o influxo de energias cujo impacto sentia, mas que não podia precisar a origem. Raquel o interrompeu.

— A Bíblia nos ensina coisas boas, mas, de permeio, nos oferece motivos para dúvidas. Eu não creio que Deus haja feito o Demônio e o Inferno para perder as suas criaturas, mas gosto dos exemplos de bondade e amor dados por Jesus. O bondoso

Rabi não permitiu o apedrejamento de Maria de Magdala, não permitiu o afastamento das crianças de perto de si, não teve pejo de adentrar à casa de Simão, o leproso e, lá na cruz, no momento de flagelo do seu corpo físico, não condenou, mas perdoou os seus algozes.

Raquel fez uma pausa, olhou fundo nos olhos de Elias e continuou:

— Pai, Jesus disse: Não julgueis para que não sejais julgados (Mateus VII, 1). Por que, então, julgar os outros? Ele nos ensinou também que: Não julgueis e não sereis julgados, não condeneis e não sereis condenados, perdoai e sereis perdoados (Lucas VI, 37). Por que, então, julgar e condenar os nossos irmãos?

Aquele anjo loiro, tomado por um surto de sabedoria e eloqüência inexplicáveis, olhou mais uma vez o pai, afagou-lhe as mãos e continuou:

— Pai, nos Evangelhos está escrito: a religião pura e sem mácula para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas em suas atribulações, e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo (Tiago I, 27).

— Filha, é necessário a fé para que alcancemos a revelação da Palavra de Deus e a conseqüente salvação de nossas almas pela purificação do sangue de Jesus. Está nas Escrituras que: Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça mas tenha a vida eterna (João III, 16).

— É, paizinho, mas em Tiago II, 26, está dito que:

“Porque assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta”.

A menina tomou as duas mãos do pai, como se assumisse o comando do diálogo, para concluí-lo.

— Paizinho, vamos ter fé, muita fé, mas façamos a prova disso, praticando boas e muitas obras. Obedecemos a Jesus, não julgando e nem condenando os nossos irmãos que discordam de nós, mas os perdoados e os aceitando como o fez o Mestre nos

rastros de sua passagem na Terra, quando nos deixou o exemplo vivo do amor sem limites. Não esqueçamos o que está escrito em Mateus XVIII, 14:

“Assim, pois, não é da vontade de vosso Pai Celeste, que pereça um só desses pequeninos”.

E, como a vontade de Deus é soberana, nenhum, nenhum mesmo perecerá, ainda que se demore nos caminhos e encruzilhadas da redenção.

A menina beijou o pai e saiu saltitando, perdendo-se no imenso pomar que volteava o casarão antigo onde residiam. Não demorou e a sua voz doce se fez ouvir, como o trinado de um pássaro emigrado das paragens celestiais. Cantava ela:

“No alento da brisa,
No balouço que afaga,
Nas trilhas da saga,
Que no amor se matiza;

Presente se agita,
Da noite ao dia,
No amor, na alegria,
Do Pai, que palpita.

Canta alegre no galho,
Avezita emplumada,
Ensaando a revoada,
Agradecendo o agasalho.

Presente se agita...”

Elias ouvia o canto e anotava a mensagem que ela continha, sem compreender por que a filha era tão diferente.

2. A Família

Embora um pouco apreensivo com os fatos estranhos que envolviam a Pequena Raquel, Elias mantinha o equilíbrio do lar com alicerce na fé verdadeira que alimentava a sua alma. Sara, a esposa, mesmo afogada em dúvidas, esforçava-se para não ser um atropelo na relativa paz, mostrando-se afável e participativa. Raquel, como se nada ocorresse, caminhava o seu caminho de criança, com rasgos de maturidade, sem perturbar-se, despertando inegável admiração pela empatia que emanava do seu ser.

Naquele dia, Sara, percebeu que Raquel se demorava para o lanche da tarde, o que a fez procurá-la no imenso pomar. Pouco andou, deparando-se com uma cena que marcou nos registros de sua mente. A menina conversava alegremente, como se houvessem pessoas à sua volta. Sara aproximou-se um pouco mais, escondida pela folhagem, deparando-se com um quadro indescritível, tal a beleza e harmonia que o cinzelavam. Raquel, como se fosse algo natural, conversava com os passarinhos, que volteavam sua cabeça, pousavam nos seus ombros e vinham apanhar migalhas de pão e grãos de arroz em sua mão. Ela sorria, de forma angelical, como se naquele momento estivesse no paraíso. Olhando para um pássaro maior e arreado, que teimava em permanecer na galhada, como se alimentasse medo, ela o convidou.

— Venha azulão, venha comer na minha mão, eu tenho algo especial para você.

A menina caminhou na direção do galho, azulão voou mais para o alto, como se desejasse colocar-se a salvo. Raquel teimou, mostrando-lhe uma banana amarelinha, quase dourada.

— Venha seu bobo, não vou fazer-lhe mal algum.

Azulão olhava a fruta, guloso, mais não vencia o medo, pulando de galho em galho, cada vez mais próximo. Enquanto isso, a passarada fervilhava em torno de Raquel, muitos deles já satisfeitos, davam mostras de sentirem-se seguros e alegres em contato com a garota.

Sara, boquiaberta, contemplava tudo, vendo a filha falar com alguns dos pássaros, como se fossem velhos conhecidos. Sara, a mulher, espantava-se, tanto quanto a mãe, deixando as lágrimas rolarem quentes na face, denunciando a emoção que não podia esconder. Raquel, mais uma vez, adulou o teimoso azulão.

— Venha seu tolo, venha bicar sua banana, do contrário vai ficar sem nada.

O pássaro, vencido pela gulodice, pousou num galho ao alcance da mão da menina, que para ele estendeu o braço oferecendo o repasto. Azulão, mais uma vez, voou para longe, vencido pela dúvida ou pelo medo. Raquel colocou a fruta numa forquilha segura, afastando-se, o que fez o amigo azulão vir rápido ao encontro da guloseima. Raquel olhou, sorriu e desabafou:

— Um dia, meu amigo, a tua dúvida será vencida pela confiança e o amor vencerá o medo. Um dia, amiguinho, você pousará em meus ombros, como os teus irmãos alados. Enquanto azulão empanturrava-se de banana, Raquel voltando-se para a ramagem onde Sara pensava estar escondida, sorriu estendendo os braços.

— Venha mãezinha, agora que tu vistes a alegria dos pássaros, venha vencer as dúvidas cantando comigo.

— Como você sabia que eu estava aqui?

— O amor tem cor e perfume, mãezinha, não pode ser escondido.

Tomando as mãos da mãe, Raquel começou a cantar. Não era um canto, era um hino. Não era um hino, era uma prece, emoldurada por um cenário de beleza e paz, que fluía do Céu à Terra, para elevá-las da Terra aos Céus.

Um maestro invisível, parecia reger aquele coral de singelas vozes, mas de grandiosa eloquência e beleza. Raquel, a doce menina, cantou. Os pássaros, silenciando e voltando a trinar, compunham a harmonia, dando ritmo e cadência à melodia. E cantava.

A Presença de Deus

Olho no chão,
Vejo o verme,
Vivendo;
No horizonte,
O azul do Céu,
Brilhando;
Olho meus pés,
Percebo o pó
Fervilhando,
Mas lá no alto,
Dançam estrelas
Cintilando.

No todo, criando,
Da Terra aos Céus,
A presença de Deus
Por certo vibrando.

Vejo a dor,
As lágrimas fluindo,
Queimando;
Mas vejo a bondade,
Sufocando a maldade,
Amando;
Sinto no viço do dia,
O borbulhar d'alegria
Vencendo;
A dor e o mal
Nesse imenso aral
Cantando.

No todo, criando
Da Terra aos Céus,
A presença a Deus,
Por certo vibrando.

Sara, de mãos dadas com a filha, voltaram para o interior da casa, enquanto conversavam.

— Filha, eu sei que você é boa, estudiosa, mas eu sofro pelas preocupações de teu pai.

— Por que ele se preocupa?

— Por você viver sempre de mistura com pessoas incrédulas, que não são servos de Deus.

— Mãe, eu acho que todos são filhos e servos de Deus. Não creio que o Pai, bom, sábio, justo e misericordioso, haja criado filhos bons e maus, salvos e perdidos. Eu li em Atos X, 34:

“Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas”.

Por isso, mãezinha, eu creio que todos somos iguais, a única diferença é que alguns já despertaram para o bem enquanto outros se comprazem no mal.

Após o lanche, Raquel entregou-se à tarefa dos deveres de casa, ao tempo em que Sara, no alpendre, tecia considerações com o esposo, sobre o que presenciara no pomar.

— Querido, nossa filha não é um ser normal, pois guarda grande diferença das outras pessoas.

— Eu temo que ela se constitua em instrumento do maligno, para minar a nossa fé.

— Ela só tem manifestações bondosas, assemelha-se a um anjo. Todos os seus atos visam o bem. Não creio que Deus permita que um ser tão doce se transforme em instrumento do mal.

— Eu não posso crer que os fatos estranhos que acontecem em volta dela, tenham origem Divina. Essa estória de vidas passadas, reencarnações, aparição de objetos estranhos, repugnam a nossa fé e, por isso, não podem proceder de Deus.

— Seria a nossa fé o único caminho para alcançarmos a verdade?

— Mas os fatos são intrigantes, inexplicáveis!

— Deve haver uma explicação além dos limites da nossa fé.

— Sara, algumas vezes eu penso que o comportamento de Raquel está levando você ao Espiritismo.

— Não, definitivamente, não, mas lendo os Evangelhos eu não encontrei Cristo falando de religião.

— o0o —

Zé Turuna, como era o costume naquela cidadezinha, estava sentado no banco da praça, rodeado de pessoas que discutiam entre si todos os assuntos correntes e que se incorporavam ao cotidiano da comunidade. Os assuntos versavam da política à religião, da arte à vida alheia. Ali eram analisados o comportamento, a fé, a vida pública e a alcova. Era um grupo temido por quem prezasse a intimidade, a convicção religiosa ou política e a própria honra. Ali se erguia o cadafalso da donzelice, da fidelidade, da honra e da probidade de todos quantos compunham a sociedade local.

Zé Turuna era um verdadeiro parlapatão, conhecido por suas idéias materialistas e comentários acres, sempre recheados de ironia e malícia. Inventava piadas e historietas sobre todos os acontecimentos e pessoas mas, mesmo assim era apreciado por muitos. Como sempre, repetimos, ele estava na praça deitando falação. O padre Alex, bondoso e respeitado, fazia sua caminhada matinal na praça, após o ofício religioso, quando fronteu o grupo.

— Olá padre, já salvou alguma alma hoje? Disse e riu o boquirroto.

— Eu não salvo, Zé, quem salva é Deus, mas se eu pudesse salvar alguma coisa, salvaria a tua língua, não por você, mas pela honra alheia que você tanto aprecia tisanar.

— Ora, ora, seu vigário, eu só falo sobre o que existe, não invento nada. Se a pessoa vulnera a própria honra, não pode reprovar a notícia do que fez. Agora mesmo, o Tito Gororoba encontrou um documento que prova a falsidade da escritura da fazenda Gameleira, grilada pelo Pepê.

O grupo ficou assustado com a notícia, “oficial”. O deputado Petrônio Paz, o Pepê, era a expressão do poder na região, onde era capaz de “prender e mandar soltar”. Era proprietário das melhores fazendas, da indústria nascente de laticínios, da recém instalada máquina de beneficiar arroz e, diziam, controlava o hospital, o banco oficial e até as missas, pois, segundo Zé Turuna, o padre só encomendava defuntos que fossem parentes de seus partidários. Zé Turuna continuou:

— Agora padre, a brasa vai ser atçada, os verdadeiros herdeiros da “Gameleira” vão demandar para tomar de volta o que é deles.

— Zé, isso é coisa para a Justiça e para o Governo, que não interessa à Igreja.

— Padre, pelo que sei, a Igreja sempre floresceu à sombra do Poder e dos conselhos da Justiça.

— Você tem o direito de pensar o que quiser, mas tem a obrigação de respeitar as pessoas e suas convicções.

Alguém que fazia parte do grupo, manifestou-se:

— Muito bem padre Alex, esse sujeito, além de ateu é também atôa, gosta de ser respeitado, mas não sabe respeitar ninguém.

O homem que reagiu, era conhecido por Chico Discurso, dado à sua facilidade de expressar-se e do vasto conhecimento que demonstrava sobre tudo. Chamavam-no de Chico Discurso ou Chico Dicionário e, por isso, era convidado para solenidades, a fim de fazer apresentações e discursos, de onde lhe vinha a curiosa alcunha.

— Vá pro inferno, seu orador de aluguel.

— Você não acredita em inferno, como é que manda alguém para lá?

Todos riram da enrascada do Zé Turuna.

— Então vá para os raios que o partam.

O conflito virou galhofa e a galhofa piada, desfazendo-se tudo em deboche e risadas.

A cidade estava agitada pelas festas do santo padroeiro e suas animadas novenas que, segundo o costume, realizavam-se na casa do festeiro, personagem proeminente na ocasião. Nas ladainhas e ave-marias, ressurgia a figura do Chico Discurso, que recitava as louvações e puxava a cantoria. E lá estava ele como figura principal, falante, oferecido e requisitado. O Zé Turuna, que não era religioso, mas não perdia festas e novenas, de olho na mulherada e na mesa de biscoitos, não perdeu a oportunidade de colocar em uso a sua ferina língua.

— Esse Chico Discurso é o mais refinado malandro que já vi. Aqui, ele é devoto do santo padroeiro, amanhã, no culto evangélico, ele abomina a idolatria e se diz convertido e crente, para logo mais invocar os mortos no Centro Espírita. No palanque do governo ele o defende, para logo mais fazer coro com a oposição metendo o pau na administração. É um camaleão multicolorido, esse Chico Discurso.

— Não meu amigo, redargüiu alguém, ele é um bom político, está de acordo com a maioria, não fica por baixo, fica sempre na crista da onda.

— É um espertalhão.

— É, mas o mundo pertence aos espertos, pois o dito popular afirma que “*o quitute não é para quem o faz, mas para quem o logra*”.

Chico Discurso, alheio às críticas, comeu, bebeu, dançou e se aproveitou de tudo, antes de despedir-se alegre e triunfante.

Quando voltava, empanturrado de comida e zozzo pela ação quase brutal do licor de jenipapo e da pinga da roça, o Zé Turuna cruzou com o velho Jô, o presidente do Centro Espírita, não perdendo a oportunidade de exercitar a sua refinada ironia.

— Como é, seu Jô, como vão os espíritos?

— Alguns vão bem, outros menos mal, mas existem alguns como o seu, que vão de mal a pior.

— Então eu sou tão ruim assim?

— Não, meu filho, você não **é ruim**, apenas teima em **estar ruim**, mas creia que o tempo vai curar sua teimosia.



Havia na cidade uma expectativa muito grande pelas solenidades comemorativas do aniversário de emancipação política do município. Dentro das festividades, programava-se a apresentação do coral infantil, que era composto pelas crianças frequentadoras das escolas públicas. A regente, para apresentar um número especial, carecia de uma voz infantil de grande alcance, sem que a houvesse no grupo de que dispunha. Foi aí, que alguém trouxe à baila, o nome da Pequena Raquel.

— Ela tem voz potente, afinada e alcança oitavas que a ninguém do grupo é dado alcançar.

— Eu sei, pois já a ouvi cantando à solta, causando-me viva admiração. Mas não podemos contar com ela.

— Por que?

— Porque ela é filha do pastor e os evangélicos são muito rígidos e preconceituosos, não permitindo que os filhos participem de grupos fora da sua igreja.

— Eu conheço o pastor Elias, ele é severo, mas é extremamente bem educado.

— Vamos pedir ao padre Alex que nos acompanhe à residência do pastor Elias, para tentarmos convencê-lo a permitir a participação da bela Raquel em nossa solenidade.

Acordes e com a aquiescência do padre Alex, foram em grupo à residência dos pais de Raquel, onde foram recebidos com extrema afabilidade. Depois de falarem sobre generalidades, o padre tomou a palavra.

— Pastor, nós estamos aqui para solicitar a sua colaboração nas festividades que esse grupo prepara para comemorar o aniversário da cidade. Para isso, gostaríamos de contar com a participação da pequena Raquel, no coral, por ser dona de uma voz que se destaca.

O pastor pensou um pouco, para ao depois colocar o seu modo de ver as coisas.

— Padre, nós só cantamos para louvar a Deus e isso fazemos na igreja.

— Eu respeito o seu ponto de vista, mas pergunto: cantar a alegria jovem de uma cidade, comemorando uma data cívica, não seria também uma forma de louvar a Deus?

— Louvar a Deus exige contrição e fé, o que não é possível nas solenidades profanas.

— Pastor, redargüiu o padre, não existiria um espaço para a tolerância dentro dos limites da fé?

— Existe, padre, desde que não venha a comprometê-la.

— O canto, a música, as manifestações de talento e arte poderiam comprometer uma fé robusta e bem alicerçada?

— Depende de onde e quando essa manifestação de arte e talento se faz expressar.

Falavam amistosamente, quando Raquel se fez presente, aproximou-se do padre Alex, beijou-lhe as mãos e voltando-se para o pai, tomou a sua destra com as duas mãozinhas, olhou em seus olhos e falou como se cantasse uma canção.

— Pai, permita que eu participe do coral, eu gosto de cantar. Paizinho, o canto, que se agasalha na harmonia e na melodia, é uma prece elevada da terra aos céus, em louvor ao Senhor que distribui o dom do talento. Quem canta, ora e, quem ora, canta.

Todos ouviram, admirados com a fluência bem concatenada das palavras de Raquel.

Uma mocinha de aproximados treze anos, adiantou-se, colocando-se frente a frente com o pastor Elias e disse:

— Pastor, vamos cantar o que é bom, depois cada um voltará para sua igreja, são e salvo.

Todos sorriram, inclusive o Pastor, que decidiu permitir a participação da filha.

Os preparativos, em si, já eram uma festa, atraindo grande número de pessoas, entretanto, o mais esperado era o ensaio do coral infantil, onde se destacava a participação de Raquel. Todos ouviam, embevecidos, a voz firme, afinada e melodiosa da menina. Até o Zé Turuna, o irreverente ateu, calava a boca e deixava de lado a ironia, para ouvi-la. Certo dia, no curso do ensaio, aquele incorrigível falador, um pouco pensativo, comentou com o velho Jô, conhecido Presidente do Centro Espírita, que também apreciava os números.

— Senhor Jô, essa menina exala de si algo diferente, é doce e bela, ao tempo que exerce grande atração sobre todos.

— É meu amigo, ela deixa exalar o perfume da alma, com os dotes que Deus lhe deu.

— Ora, senhor Jô, não existe alma e nem esse tão invocado Deus.

— É um direito que o livre arbítrio te dá, de crer ou não. Mas nós, os espíritas, cremos na existência de Deus, tanto quanto as demais religiões, cada uma ao seu modo.

— Qual a prova da existência desse tão cultuado Deus?

— Para nós, não existe efeito sem causa e, essa causa da existência do Universo é Deus.

— Qual a base, o âmago da Doutrina Espírita?

— Crer em Deus, praticar o bem e buscar a verdade é a essência da nossa Doutrina. Como cultuamos a verdade, aceitamos a evolução, a reencarnação e as verdades demonstradas pela ciência.

— Por que o Espiritismo se rotula como religião, ciência e filosofia?

— É religião porque busca o reencontro com o Criador pelas trilhas da religiosidade; é ciência, porque aceita toda a verdade demonstrada pela ciência; e é filosofia, porque cultua a liberdade de pensar para que possam ser alargados os horizontes do conhecimento. Por isso, meu caro Zé Turuna, o Espiritismo

acompanha a dinâmica da evolução, sem violentar a essência doutrinária, que é, como já o disse, a crença em Deus, a busca da verdade e a prática do bem.

— Senhor Jô, se todas as religiões pregam a crença em Deus e nenhuma ensina a prática do mal, qual a diferença entre elas e o Espiritismo?

— A diferença não está na essência, mas na forma, posto que, nós cremos na reencarnação, na possibilidade da comunicação entre encarnados e desencarnados, na evolução e, não condenamos nenhuma outra religião, em obediência aos ensinamentos de Jesus.

— O senhor acha que eu irei para esse tal de Inferno, porque sou ateu?

— Em primeiro lugar eu não creio que você seja ateu, eu penso é que cultiva um certo respeito humano pelo acervo cultural que aceitou e deseja preservar. Em segundo lugar, nós os espíritas não cremos na existência física do Inferno, como um lugar destinado às almas teimosas. Por fim, materialista ou não, você meu irmão, creia que cedo ou tarde vislumbrará a verdade.

— Por que o Senhor fala sempre em Creador e, não Criador como os demais?

— Apenas para distinguir o Deus **causa** dos que crêem na origem divina de tudo quanto existe, do Deus **artesão**, aquele que faz e que, segundo as lendas religiosas, **fez** o homem do limo da terra, soprou nas suas narinas o alento da vida e, ao depois mutilou o homem para dar-lhe uma companheira. Por isso, julgamos judicioso aceitar o pensamento de um moderno filósofo (Hodhen), aceitando o termo Creador, para não confundir.

— Eu li todos os livros básicos da tua Doutrina, e neles não encontrei nenhuma referência a esse Deus causa, ou lei.

— Nem sempre quem olha vê e, nem sempre quem lê aprende. Faça um esforço e releia no Livro dos Espíritos, no primeiro capítulo, a questão 1; lá a pergunta é: **O que é Deus?** A resposta foi: “*Deus é a Inteligência Suprema, causa primária de todas as coisas*”. Veja que ali não foi dito que Deus é o **autor**, mas a **causa**. Sabemos que a **causa** não faz, mas **dá origem**, por isso, tal como entendeu o pensador já mencionado, preferimos

nos valer do termo **Creador**. Entretanto, essa questão periférica não mede a verdade essencial da Doutrina.

— Por que os espíritas não fazem campanhas para atrair os crentes de outras greis para a sua religião?

— Não fazemos proselitismo, pois sabemos que todos, mesmo por caminhos diferentes, caminham para Deus. De mais a mais é bem melhor um bom protestante, católico, muçulmano ou ateu, que um mau espírita.

— Senhor Jô, eu gostaria de falar mais com o senhor, pois não vejo nenhuma intenção de me fazer espírita, como senti em outros religiosos de me levarem à conversão, aceitando, como dizem, Cristo como único e suficiente salvador.

— Pois venha falar comigo quando quiser, na minha casa ou no Centro Espírita, mas sem o ânimo do debate, do confronto, pois não desejo convencer e tão pouco ser convencido por ninguém.

O ensaio terminou, os assistentes e participantes começaram a se dispersar. O padre Alex passou, cumprimentou Zé Turuna e o velho Jô, sem rodeios, alegremente. Raquel veio correndo, sorriu aceitando os cumprimentos e elogios dos dois, enquanto o pastor, sisudo, guardava distância, repreendendo a filha no seu retorno ao seu lado.

— Filha, nós devemos evitar as pessoas que possam nos induzir a trilhar os caminhos do mal.

— Paizinho, o senhor Zé Turuna é muito gentil, não fala nada com maldade. E o velho Jô é tão doce, tão suave, só vive alegre. Não podem me causar nenhum mal.

— Esse tal de Turuna é ateu e não podemos esperar nada de bom de quem não crê em Deus. O outro é espírita, feiticeiro, pode ser um instrumento do Demônio para nos levar à perdição. Por isso proíbo-a de se aproximar deles.

— Pai, o senhor é bom, mas é muito rigoroso com aqueles que não pertencem à nossa religião.

— Isso porque uma pequena porção de levedo pode fermentar toda a massa, assim também, as más companhias corrompem os bons costumes. A nós, os crentes, é dado a obrigação de nos afastarmos do mal e, aos pais, de velarem pelos filhos.

— Está bem, mas eu não vejo mal nenhum nas pessoas que não pensam como nós.

— Está proibida, ouviu? Proibida.

— Deixe isso pra lá, paizinho, vamos olhar o mundo com os olhos da alegria, do amor, do perdão. Vamos cantar, louvando a Deus com alegria.

A menina desprende-se da mão do pai, saiu saltitando para a imensa praça fronteira, perdendo-se envolvida no meio da criançada.



Na casa de Duvirges, a benzedeira, eram acolhidos os rejeitados pela sociedade, os doentes terminais, sem recursos, os dementes, alcoólatras, filhos abandonados e todos quantos não encontrassem abrigo, socorro e pão. Ali encontravam o alento e a palavra amiga. O socorro material vinha pelas mãos anônimas de pessoas abnegadas e bondosas, dentre elas, o Padre Alex, Jô, Presidente do Centro Espírita e, às escondidas, a pequena Raquel e o seu amigo Zino, o filho da lavadeira Tina. Esta, auxiliava Duvirges na limpeza e higiene. A carência de bens materiais era extrema, mas sempre, no último momento, aparecia alguém trazendo o socorro. O abrigo era pobre, entretanto, todos se mostravam alegres, balsamizados pela verdadeira fraternidade.

Naquele dia, Duvirges e seus companheiros, auxiliados por jovens do Centro Espírita local e por Jô, preparavam a comemoração do aniversário de Nina, a menina tetraplégica, que fora abandonada na porta da benzedeira, ainda bebê. Nina, embora sem nenhum movimento corporal, era alegre, bem falante e demonstrava grande inteligência. Jô fez uma prece. Cantaram “*Feliz Aniversário*” e partiram o bolo. De forma inopinada, Raquel e Zino entraram, beijaram Nina e, acompanhados por instrumentos de corda e com o fundo musical de uma flauta, como se tornassem um coral descido do Céu, cantaram, entrecortado por um estribilho, uma canção, um lamento, uma oração ou uma prece, não sabemos, mas cantaram.

POR QUE?

Porque,
Suspira a mãe,
Com fome, ninando,
O filho chorando,
Sugando sem graça?

Porque,
Geme o velho,
Esquálido, doente,
O maltrapilho, o demente,
A tristeza que passa?

Não desalentes,
Nos caminhos teus,
Confiando em Deus,
Vivamos contentes.

Por que,
O choro, a fome,
O filho sem nome,
A guerra, o conflito,
O desamor, a desgraça?

Por que,
No embalo do tempo,
Somos todos levados,
Sem sabermos para onde,
Para que, e porquê,
Tantos sonhos sonhados.

Não desalentes,
Nos caminhos teus,
Confiando em Deus,
Vivamos contentes.

Foi uma cena emocionante, capaz de fazer gemer as pedras. Todos calados, entreolhando-se, como se não soubessem encerrar a cena. Nina, a homenageada, falou.

— Meus irmãos, nós não podemos alcançar os desígnios de Deus. Não existem efeitos sem causa. Se hoje eu estou privada da liberdade de locomoção, deve haver um motivo, pois que não eflui injustiça de Deus. Eu, por minha vez, estou feliz, pois posso andar e cantar, pelas pernas e pela voz fraterna de vocês. Aqui, no meu cantinho, pela única janela que o corpo físico me dá, posso ver e sonhar e, com vocês repetir o estribilho que me ensinaram. Cantou, então, a menina, com voz doce, segura e afinada:

*Não desalentes,
Nos caminhos teus,
Confiando em Deus,
Vivamos contentes.*

Cada um foi para o seu lado, todos levando consigo, a marca daquelas emoções.

Chico Discurso estava na praça, como sempre rodeado pelos costumeiros debatedores, falando de política, de religião, economia e, principalmente, da vida alheia. As risadas sucediam às piadas e colocações dos galhofeiros. Naquele momento, cruzando a praça, passou Petrônio Paz, o Pepê, o chefe político que representava o poder.

— Ele pensa que é o senhor da vida e da morte, comentou Zé Turuna.

— Da vida eu não sei, mas da morte ele é.

— Por que?

— Ele não pode dar a vida, mas pode destruí-la.

— É verdade, é o que tem feito impunemente.

Após a passagem de Pepê, o Padre Alex veio em sentido contrário. Zé Turuna não perdeu a oportunidade.

— Aquele não dá a vida e não mata, mas encomenda o cadáver e vende um lugar para a alma no purgatório ou no Céu.

Alguns riram, outros disfarçaram, mas alguém ponderou.

— A tua língua corta mais que uma navalha.

— Não, respondeu Turuna, eu apenas tenho coragem de dizer o que vocês pensam e não dizem.

Depois do Padre Alex sumir no portão da Casa Paroquial, foi a vez do Pastor Elias passar em frente ao grupo, fazendo um leve cumprimento. Turuna não deixou por menos, manejando seu instrumental irreverente e ferino.

— Esse aí, não dá a vida, não mata, não indulgencia, mas julga e condena todos quantos não aceitam a salvação que promete.

— Ta danado, Zé Turuna, ninguém presta para você?

— Presta, mas cada um tem a sua própria verdade, que eu não aceito, pois não sou tolo para acreditar naquilo que não vejo.

No curso da conversa, Jô, o Presidente do Centro, aproximou-se, cumprimentando a todos, continuando a sua caminhada.

— E este Zé Turuna?

— Este não salva, não condena, não absolve, mas fala com os espíritos e promete vencer a morte com a ilusão das reencarnações. Ainda bem que não cobra por isso.

Ao anoitecer, Elias, sentado à mesa, comentava com a esposa, o comportamento de Raquel.

— Querida eu não sei o que fazer para impedir nossa filha de andar em companhia dessas pessoas incrédulas que escolheu.

— Elias, Raquel é um ser diferente, especial, mas exala bondade e simpatia em todos os seus atos e gestos. Todos a querem, admiram e amam, por isso, não posso vislumbrar nenhum mal no seu comportamento.

— Eu me esforço para compreender, mas a menina tem preferência por pessoas que se apegam ao Espiritismo e a outras práticas condenadas pelas Escrituras Sagradas.

— Não podemos condenar os fatos e as pessoas pela simples razão de não compreendermos o que fazem e pelo que acontece. É melhor sermos tolerantes.

— O amor materno é que te leva a pensar assim, sempre em defesa da filha, entretanto, o convívio com feiticeiros, benzedores e invocadores de mortos é taxativamente condenado pela Palavra de Deus.

O pastor Elias falava, sem esconder a amargura por ver a filha comportar-se de forma contraditória, que considerava afrontosa à sua fé.

— Vamos ler a Palavra de Deus e orarmos, pois é na oração que encontramos forças para superar as tentações.

Elias tomou a Bíblia e leu em Hebreus IX, 27:

“E assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, e depois disto, o Juízo”.

É certo, comentou o pastor, que essa passagem evangélica extirpa a possibilidade da reencarnação, que é o sustentáculo dos que adotam essas crendices exóticas. O pastor fez uma oração inspirada, sem perceber que Raquel, silenciosamente, havia tomado lugar à mesa. Ao terminar a oração, ouviram a voz doce e maviosa da menina, que deixava brotar da alma, na singeleza e inocência da infância, a sua prece.

PRECE DO INOCENTE

*Pai,
Dai-nos a pureza,
O senso de bondade,
A luz da verdade,
A segurança, a certeza;*

*Pai,
Dai-nos a luz
Para não julgarmos,
E jamais condenarmos,
Obedecendo a Jesus.
Dai-nos a luz, a verdade,
Para sermos dignos
De Teus desígnios
E excelsa bondade.*

Ao término da prece de Raquel, Elias visivelmente emocionado, percebeu que entre a filha e Sara, encontrava-se uma senhora cujo rosto era iluminado por uma beleza suave e dotada de um sorriso cativante e doce. Ela sorriu e se fez ouvir por todos.

— Elias, como já afirmei em outras ocasiões, vocês são almas voltando para a carne, no eterno aprendizado que o Pai nos oferece. Não tema, continua o teu trabalho, pois a fé é universal e se agasalha nos corações preparados para aceitar a existência de Deus.

O Pastor, com voz firme, ponderou.

— Não creio em reencarnação, acabamos de ler na Palavra de Deus, que ao homem é dado morrer somente uma vez.

— É verdade, o homem no seu estágio físico atual, por força das leis naturais, somente pode morrer uma vez em cada experiência de vida. Entretanto, ao espírito, não é negada a verdade das incontáveis encarnações e reencarnações e as necessárias mortes físicas. Você, meu irmão deveria atentar para o versículo imediato, onde está escrito que, **“assim também”** tal como ocorre com o homem, **“Cristo tendo-se oferecido uma vez para sempre”** tal como ao homem **“aparecerá, segunda vez”**. Mas, não te inquietes com isso, amanhã, dois irmãos virão a ter contigo, quando poderão falar sobre esse tema. O importante meu bom Elias, é que pratiques o bem e tenhas a coragem de não condenar a ninguém. Não te esqueças que Raquel, inocente e pura, não pode ser instrumento do mal para destruir a tua fé.

Aquela visão desvaneceu-se deixando Elias e Sara atordoados, enquanto Raquel aproximando-se do pai, beijou-o, sussurrando nos seus ouvidos:

— Pai, a luz do sol pode ser momentaneamente ocultada, mais jamais poderá ser negada. Assim, também, ocorre com a verdade, que cedo ou tarde, sempre prevalecerá.

— Raquel, de onde você retira esse fraseado eloqüente?

— Eu creio na existência de um Reservatório Infinito, de sabedoria e luz, onde todos podemos alcançar o conhecimento, basta termos fé.

- O que nos impede de alcançarmos esse conhecimento?
- A perda da singeleza e as complicações dogmáticas, que elevam óbices ao poder da fé.
- Raquel, você ainda é muito jovem, gostaria de vê-la sempre por perto de mim e de sua mãe, para evitar a contaminação do mundo.
- Venham comigo visitar e acudir aos necessitados e sempre estaremos juntos na prática do bem.
- Você conhece essa senhora que falou conosco?
- Conheço, é a boa Valença, a Dama do Tempo, que sempre esteve ao nosso lado, hoje e em outros tempos, na grande caminhada da evolução.
- Não gosto de vê-la falando em evolução e reencarnação.
- Pai, você precisa ler e ver o que está na Bíblia. A evolução está em Primeiro Timóteo II, 4:

“O qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade”.

Só chega ao conhecimento quem quer avançar, quem evolui. No que se refere à reencarnação, veja o que está escrito em Jeremias I, 4 e 5:

“A mim me veio a palavra do Senhor dizendo: Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci e antes que saíesses da madre, te consagrei e te constituí profeta às nações”.

Ora, pai, se antes de nascer Jeremias já fora conhecido é porque já existia e, se já existia antes de sair da madre, ou seja, de nascer, é porque reencarnou.

Em Malaquias IV, 5, está a promessa da volta de Elias à carne, quando diz:

“Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor”.

Para completar, meu bondoso pai, Jesus, confirmando o que está em Malaquias, asseverou que João Batista era o Elias prometido. Está em Mateus XI, 14 e 15:

“E, se o quereis reconhecer, ele mesmo é Elias, que estava para vir. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça”.

Pai, só não vê quem não tem olhos para ver e só não ouve quem não tem ouvidos para ouvir.

Raquel falava visivelmente inspirada. Terminou a eloqüente Sermonária, beijou o pai e a mãe e retirou-se como se nada houvesse acontecido.

— Sara, querida, honestamente eu não sei o que dizer.

— Eu só afirmo, com plena convicção, que isso não pode ser uma manifestação do Demônio e, sim, de Deus. Eu acho melhor deixarmos as preocupações de lado, confiarmos em Deus e aguardarmos seguros na fé.

No dia seguinte, uma grande agitação se formara à porta da Igreja Matriz, chamando a atenção de todos. Um soldado grandalhão, forte, quase negro, conhecido pela valentia, visivelmente embriagado, postava-se à porta de entrada, impedindo o acesso dos fiéis ao ofício religioso, ameaçando a todos com uma faca grande e afiada. Quem botar o pé aqui, eu corto o pescoço, gritava ele, riscando a arma no chão, na porta e nas paredes, como se estivesse enlouquecido. O povo, à distância, continhasse por medo. O padre Alex quis aproximar-se para tentar convencê-lo, recebendo a ameaça.

— Se vier, seu padre, vai morrer e quem vai encomendar a sua alma?

Chamaram o sargento, comandante do destacamento para convencer o seu comandado. Ao aproximar-se, o graduado foi contido.

— Se vier, vou tirar as suas divisas com esta faca, antes de cortar-lhe as orelhas e decepar-lhe a cabeça.

Alguém ponderou:

— Deve ser algum espírito ruim que incorporou nele.

— Que espírito que nada, isso é o Capeta.

Zé Turuna, curioso, mas temeroso como os outros, observou:
— Que espírito, que Capeta, que nada, isso é pinga da brava e falta de peia.

Alguns sorriram amarelo, tentando disfarçar o medo.

Algumas crianças brincavam na praça alheias às bravatas do endiabrado soldado. Do grupo destacou-se a Pequena Raquel, que atraída pela confusão, veio ver o que se passava. Aproximou-se, rompeu a distância entre o povo e Zé Patureba, o soldado, colocando-se frente a frente com o ensandecido homem. O povo fez silêncio, as pessoas estupefatas observavam. A menina, com voz doce, mas firme, falou:

— Amigo, vamos trocar as armas?

O homem, como se fora abatido por um raio, calou-se, estremeceu, respondendo.

— Você não tem medo de mim?

— Eu não tenho medo, porque você é filho de Deus e tem coisas boas dentro de ti. Vamos trocar as armas?

— Qual é a tua?

A menina, diante dos assistentes apalermados, estendeu na direção do homem, uma flor numa haste comprida.

— Esta é minha arma, toma-a para você e faça dela um símbolo para a sua vida.

— Você não é gente, menina, você é uma santa.

O homem aproximou-se de Raquel. Houve um murmúrio geral. Raquel entregou-lhe a flor e o soldado entregou-lhe a lâmina.

— Minha santa, o que devo fazer para ficar livre disso?

— Qual é a sua religião?

— Eu fui criado no Catolicismo!

— Pois então, meu amigo, entra na igreja, ouça o padre que você certamente se tornará livre.

O padre aproximou-se, convidou o Zé Patureba a entrar na igreja. O soldado, num gesto impensável para pessoas de seu naipe, beijou as mãos de Raquel acompanhando o padre Alex para dentro do templo. Raquel retornou para o meio da criançada, entregando-se aos folguedos, como se nada de anormal houvesse acontecido.

— É incrível o que presenciamos.

— É a prova de que existe um poder maior, acima dos poderes que conhecemos.

Sara, informada do que havia acontecido, já calejada pelos fatos que se desenrolavam ao redor de Raquel, tomou a mão da filha, retornando ao lar.

Após os fatos ocorridos na porta da igreja, o pastor Elias foi procurado pelo velho Jô e por Duvirges, em sua casa. Acomodados na sala, Jô, que era presidente do Centro Espírita, tomou a palavra.

— Sr. Elias, eu sou portador de um pedido que pode parecer estranho.

— O que deseja?

— Sei que o senhor não aprecia os espíritas, mas os necessitados que acolhemos na casa de Duvirges sentem-se alegres com a presença da Pequena Raquel, por isso viemos pedir-lhe que permita que ela os visite ao menos uma vez por semana.

— Senhor Jô, a minha família vem sendo atormentada por fatos estranhos, que eu atribuo a essa proximidade com os seus seguidores.

— Amigo, eu não tenho seguidores, os meus irmãos seguem os ensinamentos de Jesus.

— Quem segue a Jesus não invoca os mortos.

— Nós não invocamos os mortos, mas não podemos negar a verdade da reencarnação e a possibilidade da comunicação mediúnica. Entretanto, meu bom amigo, não nos interessa qualquer discussão religiosa. O que desejamos é a visita da Pequena Raquel e, se for possível, do senhor e de sua esposa ao nosso modesto albergue.

— Eu não posso fazer isso, por uma questão de consciência, pois sendo evangélico não devo freqüentar casas espíritas.

— Qual a razão disso, os espíritas são tão maus assim?

— Não julgo os espíritas, apenas obedeço a Palavra de Deus.

Falavam, quando Sara e Raquel entraram na sala. O sol já se fora, deixando ainda o lusco-fusco do anoitecer. Raquel aproxi-

mou-se de Duvirges, tomou-lhe as mãos, falando, como se fora uma brisa suave.

— Estou alegre por vê-la aqui.

Deixando Duvirges, a menina aproximou-se de Jô. Beijando-lhe as mãos, afirmou:

— Senhor Jô, meu pai é um homem bom e sobretudo reto.

— Eu sei, Pequena Raquel, eu sei.

Elias, um pouco aturdido, tomou a palavra.

— Embora não deseje mal a você, eu não posso permitir a ida de Raquel, como pede; eu já disse, por uma questão de consciência.

Naquele momento, Duvirges visivelmente transfigurada, com entonação de voz completamente diferente, levantou-se e colocando-se próxima a Elias, passou a falar.

— Elias, não é questão de consciência, é apenas orgulho, cuja mazela você ainda não venceu. Você invoca a Bíblia, mas esquece o que está em Atos X, 34:

“Então falou Pedro dizendo: Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoa”.

Se você diz seguir o que está na Bíblia, por que discrimina os espíritas?

— Os espíritas falam de reencarnação e de comunicação com os mortos, o que repugna os ensinamentos da Palavra de Deus.

— Elias, você é bom, mas quer fechar os olhos para não ver. Numa única passagem bíblica, com a participação de Jesus, encontramos a prova da reencarnação e da possibilidade da comunicação. No relato da transfiguração de Jesus, que está em Mateus XVII, 3, está escrito:

“E eis que lhe apareceram Moisés e Elias falando com ele”.

Aqui se vê que os mortos podem comunicar-se com os encarnados, pois Jesus seria o primeiro a respeitar as leis divinas. Ainda, referindo-se a Elias (Mateus, XVII, 12 e 13), disse:

“Eu porém, vos declaro que Elias já veio, e não o reconheceram...”

Então os discípulos entenderam que lhes falara a respeito de João Batista”.

Meu bom Elias, o que está escrito ali é verdade. João Batista **“era o Elias que haveria de vir”** ou tudo o mais que está na Bíblia é mentira.

Houve uma pausa. Todos estavam presos pela surpresa, quando Valença, a Dama do Tempo, materializou-se diante de todos, passando a falar com desenvoltura.

— Elias, eu percebi a dúvida ou o medo em tua intimidade, por isso deixei o corpo da irmã Duvirges e me faço presente aos teus olhos. Como já o disse, vocês compõem um grupo de espíritos em luta, hoje reunidos nessa cidade, para que aprendam a exercitar o perdão. Como já o fiz com Sara, vou colocar dentro do campo de tua percepção as reminiscências gravadas na intimidade de todos, para que possas avaliar o poder e a justiça de Deus.

Um imenso clarão se fez e o pastor perdeu-se nas dimensões tempo e espaço, passando a reviver fatos que lhe pareciam familiares. Encontrou-se, então, em um grande anfiteatro, ao lado de Valença, que apontava pessoas e os fatos que se sucediam como se fora numa imensa tela. Ele viu e ouviu.

— Olhe aquele sacerdote diante do altar e anote o que faz.

O altar era de porte avantajado, protegido por colunatas que suportavam a carantonha de um deus esculpido em bronze. Elias, estupefato, reconheceu-se na pessoa do sacerdote, que naquele momento sacrificava uma bela criança, obedecendo ao ritual religioso professado por aquele povo. Os familiares da inocente sacrificada assistiam orgulhosos, como se fora o momento da redenção de todos, enquanto a mãe, ao lado, sufocava o sofrimento e tentava esconder as lágrimas, para não se mostrar incrédula ou adversária daquele deus sanguinário, criado e alimentado pelo estágio evolutivo dos pensadores daquela época. Elias, atento a tudo, certificou-se de que a criança sacrificada era Raquel e que a mãe chorosa era Sara, a sua esposa de agora.

Quando aquele sacerdote preparava-se para consumir o sacrifício, um jovem, vestindo-se apenas com um calção de peles, com um avental do mesmo material cobrindo a parte da frente, pulou sobre o sacerdote, tomou-lhe a criança e, com ela, galgou um monte, de onde gritou:

— Aproveitadores, hipócritas, por que não sacrificam seus próprios filhos a este deus frio de mármore e bronze?

Naquele momento, um grupo de guardas armados com lanças, ao comando do guardião do templo, aprisionaram o jovem, que ali mesmo foi decapitado, seguindo o ritual do sacrifício naturalmente, como se nada houvesse acontecido. Valença, a Dama do Tempo, observou:

— Observe, meu bom Elias, desde aquele tempo, a fé era imposta como o é ainda hoje, pela ameaça da perdição entregue aos cuidados do Demônio. As conquistas interesseiras se faziam ontem, como se pretende fazer hoje, mediante trocas no balcão da fé, sob a batuta do Senhor da Doutrina. Não é admissível que com os avanços do conhecimento, o homem permaneça genuflecto diante de conceitos de fé, que a razão isenta repugna. É necessário e, mesmo, imperioso, que o homem seja renovado para palmilhar o mundo de progresso que se anuncia.

Elias, gélido pelo que presenciava, arriscou uma tímida questão.

— Se cremos em Deus, o que deve ser renovado?

— Exatamente essa crença em Deus, cujos pressupostos devem ser racionalmente revistos, para que possa ser removida da mente daquele que crê, a concepção de um Deus interesseiro, capaz de impor regras, de exigir coisas e comportamentos em troca de um lugar de benesses ou de uma fogueira para os teimosos.

— O que seria Deus para você?

— Deus, meu bom Elias, é a Energia Absoluta, oceano infinito de poder, conhecimento e luz, de onde deriva toda a existência. Essa Energia Absoluta, que age obediente a Leis Eternas, está além e acima dos limites interesseiros do homem, que palmilha os primeiros passos na tarefa co-criadora, evoluindo no retorno para a Energia Absoluta ou Deus. É

necessário que um novo conceito ilumine o espírito humano, para fazê-lo compreender que Deus é “Lei” e não um ser individuado e, que Ele não **cria**, ou seja, não **faz**, mas **rege**, por ser **Lei**, a **origem** da existência.

— Deus **não faz**? Redargüiu Elias.

— Isso mesmo, Deus não faz, posto que Ele não é um artesão a manipular coisas, mas Ele **dá origem**, ao que existe, por ser o manancial da energia, que d’Ele emana, para condensar-se formando o Universo fático que conhecemos. Os homens, principalmente os religiosos, devem rever seus conceitos, para acompanharem os avanços do conhecimento que se anunciam no campo da eletrônica, da análise e da síntese, do cálculo e da engenharia genética, para que os avanços tecnológicos não venham impor a imagem do cientista como um novo Deus.

Elias, como conseqüência dos fatos que revivia naquele momento, viu projetada em sua mente as feições do jovem decapitado, percebendo que se tratava de Zino, o atual menino prodígio que sempre acompanhava Raquel.

— A semelhança que anoto, deve ser reflexo do que guardo na mente!

— Os registros mentais auxiliam a rememoração, mas em verdade o moço da cena é o mesmo espírito que anima o corpo de Zino, com quem convives.

— É difícil acreditar nisso!

— Tudo tem o momento certo para acontecer, por isso, em outra ocasião, vou mostrar-lhe a existência vivida como sacerdote católico reformador e, a última encarnação já no Brasil, para que você possa renovar a mente libertando-se de conceitos e crenças que não se coadunam com os avanços da ciência.

Aqueles fatos, que pareciam reviver séculos, se passaram em alguns minutos de alheamento de Elias, do próprio ambiente em que se encontrava. Valença, após projetar aquelas reminiscências na mente de Elias, colocou as mãos sobre a cabeça de Duvirges e de Jô, como se transferisse um passe magnético, deslocando-se a seguir para colocar-se em frente a Elias, dizendo:

— Elias, não tema, pois não sou o Demônio e nem desejo remover sua fé. Seja qual for a tua religião, você deve vencer o orgulho e crer que Deus é um só, de onde todos os homens emanam e, que por isso, todos somos irmãos.

Um breve clarão prenunciou a retirada de Valença do campo de percepção de todos.

— Não posso crer, balbuciava Elias.

— Meu irmão, não há necessidade de te tornares espírita para crer na reencarnação e na comunicação com os entes já falecidos. Basta crer na Bíblia que tanto cultivas e na certeza de que Cristo não iria proceder de forma errada.

— Você é presidente do centro espírita, por certo pensa em abalar minha fé!

— Não, meu amigo, eu acho que você está bem onde está, mas não vê o que lê. Sem desejar molestá-lo, apenas esclarecendo, quanto a reencarnação, está escrito em Jeremias I, 4 e 5:

“A mim me veio, pois, a palavra do Senhor dizendo: Antes que eu te formasse no ventre materno eu te conheci, e antes que saíesses da madre te consagrei e te constituí profeta”.

Veja, meu bom pastor, ali está dito que Jeremias foi conhecido e constituído profeta, antes de ser gerado e antes de nascer, logo ele existia antes, o que torna claro o ato da reencarnação.

Em Malaquias IV, 5, é prometido o retorno de Elias já falecido, o que de fato aconteceu, como relata Mateus XI, 7 a 14, onde lemos, referindo-se a João Batista:

“Este é de quem está escrito: Eis aí eu envio diante de tua face o meu mensageiro, o qual preparará o teu caminho diante de ti”.

E, completando a elucidação, Jesus esclareceu aos que não eram versados na Lei:

“E, se o quereis reconhecer, ele mesmo é Elias, que estava para vir”.

Já o próprio João Batista que segundo o relato evangélico era o “Elias que haveria de vir” disse em João III, 28:

“Eu não sou o Cristo, mas fui enviado como seu precursor”.

A possibilidade da comunicação com os já falecidos, é encontrada em inúmeras passagens da Bíblia, mas, basta lembrar a passagem da transfiguração de Jesus, relatada em Mateus XVII, 1 a 13 e Marcos IX, 2 a 13, onde está afirmado que Elias e Moisés, já falecidos aparecem e falam com Pedro, Tiago e João.

Elias, o pastor, permaneceu calado, como se um vulcão ameaçasse explodir de suas entranhas, tal o conflito de idéias e conceitos que fervilhavam em sua mente. Jô, adoçando a voz, voltou ao que viera.

— Pastor, a Pequena Raquel é um bálsamo para os nossos pobres, com o seu canto e a presença que consola. Permita que ela os visite, principalmente no aniversário da Sinhá.

Elias pensou mais um pouco, como se vacilasse entre o desejo de ceder e os ditames de uma fé cega e rígida. Por fim decidiu.

— Eu permitirei que vá uma vez por semana, para não perturbar as tarefas escolares, mas sempre em companhia da mãe.

Jô e Duvirges saíram, satisfeitos, pois viam em Raquel, a presença de uma alma de escol. Sara aproximou-se do esposo, que confidenciou o que pensava.

— Querida, eu penso que o Demônio está lutando para destruir a nossa fé.

— Eu também já vi e ouvi em outras oportunidades, fatos idênticos aos que me relata, mas nunca me pediram a renúncia à nossa fé, o que nos foi dito, sempre, é que fizéssemos o bem e que procurássemos vencer o orgulho. Querido, nós somos ciosos de nossa fé, exigimos muito e nada fazemos pelos que sofrem, ao alcance de nossas vistas.

Era um dia especial na moradia de Duvirges, compartilhada por inúmeros necessitados, abandonados e doentes. Muitos, além do alcaide, movido pelo interesse político, dado as proximidades das eleições, ali compareciam. Era preparada uma surpresa para a velha Sinhá, que morava sozinha, em um casebre próximo, onde recebia o socorro de Duvirges, de Jô e outros benfeitores, bem como, o bálsamo da visita de Raquel e Zino, quase às escondidas.

Todos trabalhavam alegremente, com o concurso da mocidade espírita e de outras pessoas dedicadas, promovendo a limpeza, cada um trazendo o que podia para abrilhantar o acontecimento. Zino e Raquel, acompanhados por Sara, se faziam presentes.

Sara apreciava com um certo contentamento a movimentação alegre da filha, que ia de leito em leito, de pessoa a pessoa, distribuindo sorriso e palavras amigas e reconfortantes. A menina, tomando a mãe pela mão, levou-a a um catre humilde, mas irrepreensivelmente limpo, onde se encontrava um velho preso pela paralisia. O velho sorriu ao ver Raquel junto ao leito.

— Como está, amigo Jacinto?

— Alegre e confiante como sempre. Agora, sinto maior alegria com a presença de meu doce anjo.

— E as dores?

— Suporto-as fortalecido pela fé em Deus. Quem é esta senhora?

— É a minha doce mãezinha, amiga guardiã que o Pai me deu.

Jacinto estendeu a mão à Sara que recalcitrou por momentos, mais impulsionada pelo olhar da filha, recebeu o cumprimento com afabilidade.

— Minha senhora, disse o paralítico, vejo que compõe uma família feliz, pois somente os agraciados por Deus recebem o conforto da presença de espíritos companheiros como a Pequena Raquel.

— Você fala com apuro, parece-me uma pessoa letrada.

— Fui mestre-escola na zona rural, mas fui e sou um simples aprendiz.

— Mesmo agora, idoso e no leito, você ainda se considera aprendiz?

— Sim, minha irmã, a vida não se extingue com a morte do corpo físico, ela é eterna, como eterno é o aprendizado.

— O que você pode aprender no leito, preso nas grades da paralisia?

— Muito, principalmente a cultivar a paciência e a fortalecer a fé. Antes eu não sabia que, de permeio com a maldade que avassala o mundo, havia tanto amor nas pessoas. A minha fé era quase mecânica e condicional. Hoje eu percebo que existem motivos para a esperança da libertação, vejo almas que incensam a vida pelo desvelo, pelo amor e pela expressão prática de uma fé racional, viva e incondicional.

— Sinto que existe entusiasmo e esperança em sua fé.

— Minha irmã, não podemos perder a esperança num mundo onde laboram espíritos como Raquel e Zino e a benfeitora Duvirges.

Raquel aproximou-se do velho osculando-lhe a fronte, sob o olhar reprovador da mãe, após o que saíram as duas, a convite da filha, para completar a visita. Um pouco distante do grupo, Sara observou.

— Filha, não é aconselhável beijar pessoas doentes.

— Mãe, nós somos mais doentes que o velho Jacinto, ele é doente, apenas do corpo, enquanto nós, somos doentes do espírito, pela mazela do orgulho.

Raquel, indo e vindo, como se fora uma formiga humana, perdeu-se do alcance das mãos da mãe, misturando-se com as pessoas, falando com uns e outros, sempre despertando a admiração e simpatia. Naquele momento Jô, o presidente do Centro Espírita, convidou a todos para irem ao casebre de Sinhá, uma senhora muito pobre e solitária, que morava a poucos passos dali.

Sinhá, espantada pela presença de tantos companheiros do Centro Espírita, que freqüentava anônima e em silêncio, não tinha forças para estancar as lágrimas que borbulhavam e rolavam pela face envelhecida, brilhando como pérolas.

— Minha gente, eu não mereço tantos cuidados.

— Minha irmã, nós queremos lembrar que você foi presente à fundação de nosso Centro, ao qual freqüentou por várias décadas, sem nada pedir, sempre disposta a servir.

— Meus bondosos irmãos, o trabalhador é quem necessita da tarefa e, não a tarefa, do trabalhador. Feliz o obreiro que tem uma oficina para trabalhar. Feliz o crente que dispõe do altar da vida, para exercitar na prática, a sua fé. Por isso eu afirmo que nada ofertei e que muito recebi em nossa casa.

Naquele momento, um coral infantil, cujas vozes eram lideradas por Raquel, se fez ouvir, para o espanto e, também, para gáudio de Sara, que não sabia dos ensaios do grupo. Como se fora um conjunto de pássaros canoros, em divinos acordes, a Pequena Raquel fazia a primeira voz, enquanto o grupo compunha o fundo e respondia em estribilho.

Da pequena semente

À árvore frondosa,

Da estrela à nebulosa,

Deus está presente;

Da monera incipiente

Ao conjunto universal,

É nesse imenso aral

Que Deus se faz presente.

No micro ser vivente

Ou na mãe que amamenta,

Na mão amiga que alimenta,

Deus está presente;

Na criança sorridente,

Na voz que aconselha,

Na calmaria ou na centelha,

Deus vive e está presente.

No albor

De cada dia,

Encontramos alegria,

Na esperança e no amor.

No albor

De cada dia,

Encontramos alegria,

Na esperança e no amor.

Aquela melodia, rica em seus acordes e na mensagem de fé e esperança, assemelhava-se a um raio de luz em descenso à Terra, para elevar os homens ao plano da paz. Todos sentiram-se tocados por indefinível emoção. Sara, com o brilho dos olhos acentuado pelas lágrimas, murmurou para si mesma.

— Não pode ser a força do mal que anima e fortalece essa gente para alegrar-se tanto com a prática do bem.

Quando assim raciocinava, acercou-se dela o jovem Zino, com os olhos faiscantes de alegria, falando quase medroso.

— Dona Sara, só existe um Deus, creador de todos nós, por isso, quaisquer que sejam nossas diferenças somos todos irmãos.

— Zino, eu também creio dessa forma.

— Cada homem ou cada grupo humano, tem a sua forma de louvar a Deus, a qual, mesmo que não compreendamos, devemos respeitar.

— O Espiritismo tem por alicerce a invocação dos mortos e a reencarnação, esses são os pontos de nossa discordância.

— A senhora está enganada, o alicerce da mensagem Espírita, é a crença em Deus e a prática do bem, que nos foi ensinada por Jesus. Como paralelo, buscamos a verdade e, como cremos que é possível a comunicação com os que já transitaram para o mundo espiritual e, também, na reencarnação, aceitamos como verdade. Saiba que, como ensinou o Codificador do Espiritismo, nós estamos dispostos a reformar os nossos conceitos, sempre que a verdade venha a comprovar que estamos errados. Nós recusamos os preconceitos, o fanatismo e os dogmas que possam nos levar à intolerância, isso, porque, aceitamos a lei do amor apregoada por Cristo. Para nós, dona Sara, todos são nossos irmãos, até mesmo aqueles que não crêem em Deus e praticam o mal.

Após aquela homenagem à velha Sinhá, um grupo formou-se em torno dela, que se mantinha sentada em surrada e rota poltrona, entoando a conhecida canção “Parabéns pra você”. Sinhá agradeceu, pediu silêncio e fez sentida prece.

A PRECE DE SINHÁ

*Deus, Senhor dos Universos,
Que te manifestas em todo esplendor,
No campo, na hera ou na flor,
Na inocência da criança,
Que alimentas a esperança,
Que confortas no sofrimento ou na dor;*

*Deus, que estás presente
Na palavra amiga, na bondade,
No gesto de caridade,
No alento e na provação;
Dai-nos simplicidade,
De alma e de coração,
Para alcançarmos o entendimento,
Que tudo emana de Tua bondade,
Agora e por toda eternidade.*

*Deus, dai-nos a pureza, a humildade,
Para Te encontrarmos
Em nossa intimidade.*

O velho Jô, agradeceu, encerrou aquele ato, afastando-se enxugando uma lágrima teimosa. Raquel aproximou-se, tomou-lhe as mãos, balbuciando.

— Amigo, só as pedras não choram.



Em família, a vida continuava, mas os últimos acontecimentos levaram Elias a uma profunda reflexão.

Na mesa do café, após o costumeiro culto diário, o pastor fez a sua colocação, à esposa, sob a atenção da Pequena Raquel.

— Eu sinto que esses espíritas estão perturbando a nossa fé.

— Elias, meu querido, eu não penso assim. Relendo a mensagem de Jesus, não o vi, em nenhum momento, discriminar a ninguém, pelo contrário, Ele aproximou-se dos réprobos e rejeitados pela sociedade, oferecendo-lhes o socorro do ensinamento. Não vejo razão para excluirmos os que não pensam como nós de nossas relações.

— Mas, se não é justo nos afastarmos deles, também não é razoável nos apoiarmos sabendo que professam uma doutrina que afronta a nossa fé.

Raquel, atenta a tudo, quis saber:

— Paizinho, por que os espíritas afrontam a nossa fé?

— Eles consultam os mortos e crêem na reencarnação e, mais que isso, não levam a sério a Palavra de Deus.

— Pai, eu li na Bíblia que o mandamento maior é:

“Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento”. (Mateus XXII, 37)

E, que, o segundo mandamento igual a este é:

“Amarás ao teu próximo como a ti mesmo”. (Mateus XXII, 39).

Também em João XV, 12, eu li:

“O meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei”.

Paizinho, até hoje eu não vi um espírita repudiar-nos por professarmos uma religião diferente, o senhor não acha que somos nós que estamos nos afastando dos ensinamentos de Jesus?

— Filha, Jesus nos deixou a parábola do joio (Mateus XIII, 24 a 30) onde é dito que o inimigo semeou joio no trigal, enquanto o lavrador dormia, para deitar tudo a perder. Assim, também, não podemos permitir as más doutrinas entre nós.

— Entretanto, na mesma parábola, ao ser questionado pelos servos, para que permitisse o arrancamento do joio, para não prejudicar a ceifa, o Senhor respondeu:

“Quereis que vamos e arranquemos o joio? Não! Replicou ele, para que, ao separar o joio, não arranqueis também com ele o trigo” (Mateus XIII, 28 e 29)

Pai, não seria mais acorde com os ensinamentos de Jesus, amarmos os espíritas e com eles convivermos? Se eles forem o joio, como os servos da parábola, não nos é dado extirpá-los do aral, pois certamente o Senhor o fará no devido tempo. E, se formos nós o joio da lição?

— Filha, você fala como adulta segura de si, de onde vem essa eloqüência e inspiração?

— Paizinho, eu sou auxiliada por minha amiga Valença, a Dama do Tempo, que o senhor já viu e teima em desconhecer.

— Eu não creio em espíritos e na reencarnação, isso é artimanha do Demônio, para nos iludir.

— Pai, o senhor não crê, porque apenas lê, mas não vê o que está nas páginas da Bíblia. Creia, meu bom pai, nós já vivemos outras vidas e, é por isso que estamos aqui reunidos, na eterna tarefa de aprender.

— Você, minha filha, é boa e genial, mas está sendo instrumentada pelo mal.

— Pai, o mal, como o joio da parábola, jamais vencerá o bem. Enquanto o senhor pretende extirpar o joio, teimando contra o ensinamento da parábola, os espíritos nos amam e caminham indiferentes à nossa repulsa, sempre praticando o bem. Façamos o mesmo, amemos a todos e prossigamos em nossa jornada, sempre desejando e praticando o bem.



A cidadezinha estava em reboição, a vida e seus acontecimentos invertendo-se na ordem, sem alterar o curso das coisas, como se fora um hipérbato social, a política, as eleições, a posse e, ao depois da posse, o governo, a politicalha e as novas eleições. Às gentes, ao povo sofrido, agora castigado pela demorada estiagem, restava a fé, que alimentava as novenas, as rezas, deixando viva a esperança.

Assim, vivia o povo. O padre rezando missa, encomendando as almas dos falecidos, batizando, casando, alimentando suas quermesses e subindo aos palanques dos políticos bem sucedidos, para conservar o prestígio e o lustro da sua igreja. O pastor, em suas sermonárias, continuava a prometer a salvação a quem aceitasse o seu batismo, a sua disciplina, comando e o dízimo bíblico. Algumas seitas novas, todas rotuladas por evangélicos, despejavam na sociedade, igrejas e crenças a granel, com a Bíblia nas mãos, sagrando pastores de todos os matizes, prometendo bênçãos e benesses a quem fosse obediente e pagasse. Zé Turuna, o ateu, regalava-se com tantos motivos para justificar a sua descrença.

No canto da praça, palco de todas as falas, lamúrias, promessas políticas e de amor da cidade, testemunha de todas as

fofocas e comentários, justos ou injustos, o Zé Turuma falava alto, tentando despertar reações para as suas controvérsias. Quincas, o evangélico, ouvia irrequieto, quase enraivecido. O Chico Discurso, concordando e discordando esperava a hora para deitar a sua eloquência. O Zé Turuma falava:

— Está bem, vocês acreditam em Deus, em reza, em oração, em santos. Pois eu desafio que usem a fé que dizem ter, para fazer chover, salvando a lavoura e a pastagem. É a hora de vocês cobrarem de Deus ou dos santos o milagre da chuva, eu dou uma semana. Onde estão o padre, o pastor, as rezadeiras e os benzedores? Vocês são uns idiotas acreditando nessas besteiras. O que existe é a natureza e suas leis, o resto é bobagem.

Chico Discurso, ensaiou uma reação, ao gosto do povo, que se calava à mímica de argumentos.

— Zé Turuma, nós não temos o direito de afogar a fé, só porque não a aceitamos!

— Fé, lá vem você com esse ópio para amortecer a razão. Veja, amigo Chico, agora mesmo acabam de ser instaladas na cidade, uma tal Casa da Benção e esta Igreja Internacional da Salvação, onde os pastores prometem tudo, negócios, amores, saúde e a salvação da alma, desde que o fiel ofereça como “ofertas ao Senhor”, o que podem e o que não podem.

— Mas só dá quem quer, ninguém é despojado à força.

— Existem várias formas de forçar alguém a fazer o que não deseja, começando pela imposição de uma vontade externa, ou pela fraude pura e simples. Eu vi pessoas serem contratadas por esses falsos pastores, para se fingirem de molestadas e serem curadas na frente de todos, simulando milagres. Quem duvidar, vá lá e confira o que eu estou dizendo.

— Mas nem todos fazem isso.

— Eu sei, mas a fé é sempre imposta pelo convencimento e nada é de graça, todos cobram, a oferta, espórtula ou dízimo, mas cobram pelo ofício religioso.

— Você, além de ateu, é atôa.

Todos riram com a tirada do gaiato. Zé Turuma reagiu.

— Pois chamem os pastores, o padre e os benzedores, e peçam a esse Deus de vocês a chuva e, se puderem, tirem o Pepê do poder.

— Isso já seria um milagre grande demais!

A gargalhada geral se fez ouvir, pois no fundo, todos desejavam a queda do poderoso Petrônio Paz, o Pepê, que dominava tudo e a todos, sendo paternal para os obedientes e um verdadeiro tirano para os que a ele se opunham.

O velho Bino, o conhecido Contador de Estórias, aproximou-se do irreverente ateu, tentando dar um novo curso àquela irreverência parlapatória.

— Meu filho, ninguém vive sem o alento da fé, até você, finge que não crê, mas encontra fôlego no materialismo, para se fazer ouvido.

— Senhor Bino, o que se discute é que eu não creio em Deus, como autor da existência.

— Entretanto você existe, ou duvida que existe?

— “*Penso, logo existo*”! Rebateu o ateu, sorrindo debochado.

— Não, meu caro, esse conceito já está superado pela razão, hoje aquele pensador diria: “*Existo, logo penso*”, pois somente quem existe pode pensar.

— Por que penso, ou por que existo, não creio nesse Deus das religiões.

— Não importa, o que vale é que você existe e que o espetáculo da criação está aí e, a razão nos diz que não existe efeito sem causa. Para mim, meu filho, essa **causa**, que não cria ou faz, mas que **dá origem** ou **crea**, é Deus. Seja qual for a forma de concebê-lo, Ele existe como **causa** primária da existência, talvez para você Ele seja, apenas, a natureza, mas não podemos negar a existência da causa. Eu vou contar para você, uma pequena grande estória.

“Um homem primitivo, que não conhecia o fogo, caminhava pela floresta quando viu uma fogueira que crepitava à sua frente. Espantado, pensou logo num poder maior, que podia consumir lenhos e folhas nele lançados. Ofuscado pelo brilho das chamas e atemorizado pelo calor escaldante, correu de volta à caverna, levando a novidade. O seu interlocutor, mais velho, cheio de dúvidas foi com ele, para confirmar o encontro.”

Aproximou-se, sentiu o calor, atirou folhas e troncos, que foram transformados em cinza. Tocou com a mão na brasa viva deixando escapar um grito de dor. Voltando para a gruta, o teimoso concluiu: eu não creio, mas existe”.

Assim, meu bom Zé Turuna, você não crê, mas a causa da tua existência, existe.

Turuna sorriu respeitoso, pois admirava o velho Bino.

— Senhor Bino, as benzedeiras e rezadeiras da cidade vão começar uma novena para São José fazer chover. Se chover em uma semana, eu juro que vou acreditar que o fogo queima.

Sorrindo amistosamente, despediram-se.

A novena com o objetivo de pedir a bênção das chuvas, já havia começado. Naquela região, tudo era motivo para festas, comilanças, cachaçada e arrasta-pé. O povo ansiava por um motivo para se alegrar e, nada melhor que fazê-lo no veio da fé.

A novena teve início, com a adesão de todos, crentes e descrentes, alguns pelo medo, outros por simples curiosidade e muitos pela fé sedimentada por gerações. O Zé Turuna ria, tecia comentários acres e debochados.

As rezadeiras, em fila dupla, todas levando pequenos potes equilibrados na cabeça, amparados por rodilhas de pano, ou levando bilhas d'água à mão, caminhavam, num verdadeiro périplo da fé, pelas estradas poeirentas da periferia da cidadezinha, indo de casa em casa de cruzeiro a cruzeiro, cantando numa voz dolente, quase sofrida, o seu canto de fé, pedindo a um poder que desconheciam, que fizesse chover sobre a terra ressequida, para salvar as criações, a lavoura, devolvendo o verde ao campo, e o grito das águas à cachoeira, hoje silente.

Maria das Dores, a rezadeira mor da cidade, de voz forte e estridente, ia à frente seguida por quatro ou cinco moçoilas levando imagens e cartazes de santos, puxando a cantarola.

*Senhora,
Virgem Maria,
Vem socorrer,*

Os que seguiam atrás, faziam um coro multitonado, quase choroso.

*Na terra seca,
Faça chover.*

*Poderoso,
Meu São José
Vem socorrer,*

*Na terra seca
Faça chover.*

*Meu bondoso,
São João,
Vem socorrer,*

*Na terra seca,
Faça chover.*

E ia, por aí afora, a sentida e polimórfica sinfonia da fé, despertando a esperança no socorro do Alto. O povo crédulo, respeitoso, assistia e algumas vezes engrossava o volume da procissão. Zé Turuna ria e debochava. Os políticos, para não perderem votos, associavam-se àquele ato de fé pura, levando consigo a malícia do interesse. Pepê, o mais rico e poderoso, colocou-se à frente, quase arrebatando o lugar da Maria das Dores. Tito Gororoba, para não perder a vez e os votos, colocou-se atrás, para distanciar-se do inimigo. Chico Discurso, para não perder a independência, colocou-se no meio da fila, podendo assim, vender os seus falatórios aos dois grupos políticos. Zé Turuna, olhava, irônico, quase cínico, comentando:

— Só faltam os pastores, o padre e Jô, o presidente do Centro Espírita.

— Não seja injusto, gritou alguém, você nunca viu o velho Jô em palanque de político pedindo voto e nem fazendo promessas e ladainhas para alcançar favores do Céu.

— É, falou Turuna, isso é verdade, os espíritas mordem em silêncio.

— Mordem não, seu irreverente, servem em silêncio, sem nada pedirem em troca. Vá à choupana da Duvirges e veja lá, quantos miseráveis são acolhidos como verdadeiros irmãos. Onde você viu a Duvirges pedindo ou cobrando dízimos, espórtulas ou outras obrigações para dar abrigo e socorro aos miseráveis que socorre?

— Ah! Eu não sei, nunca fui lá.

— Pois vá, antes de falar, seu língua de trapo.

— Não brigue comigo, vá rezar também, para ver se esse Deus de vocês manda chuva pra valer.

— Pois Ele vai mandar, para você ver que existe um poder maior acima de nós.

— Olhe, seu besta, se chover dentro de...

Zé Turuna, deixou transparecer um certo temor. Olhou para o Céu limpo, sem nenhuma nuvem, onde apenas um gavião volitava, como se fora um vigia alado, tomou coragem para completar:

— ...Se chover dentro de uma semana, eu vou ficar de joelhos na frente da igreja e rezar alto um “Pai Nosso”.

— Um não, seu atrevido, você vai rezar dez “Pai Nosso”.

— Tá bom, eu rezo até cem, pois um ou uma centena valem a mesma coisa, ou seja, nada.

— Respeita a fé alheia, seu peste, gritou alguém com sotaque nordestino, ou eu te meto a peixeira no bucho.

— Calma, gente, cada uma diz o que pensa e faz o que quer.

— Desde que não abuse dos outros, principalmente da fé.

Apaziguados os ânimos, todos se voltaram para as rezadeiras, que fizeram uma parada na porta da igreja, onde despejaram a água das vasilhas, rezaram Padres Nossos e Aves Marias, saindo em direção à casa de Maria das Dores, a puxadora da novena.

Em sentido contrário, vinha um cortejo casamenteiro em direção da igreja. Os noivos à frente, seguidos pelos padrinhos e familiares, todos vindos da zona rural. O sanfoneiro puxando o fole, a molecada soltando foguetes, e os indefectíveis gritos de “*viva o noivo e viva a noiva*”. Era alegria demais para o povaréu, eram notícias e fofocas para muitos dias. Naquele burburinho provocado pela mistura das rezadeiras com os casamenteiros, um episódio hilariante aconteceu para

alimentar a malícia do Zé Turuna e dar pasto às más línguas da praça. Um bode, assustado pelo foguetório e perseguido por um vira-latas, misturou-se com a multidão, metendo-se entre o noivo e a noiva, espetando os chifres no longo vestido da donzela, arrastando consigo, a parte de baixo, completamente rompida e esfarrapada. A noiva caiu, foi acudida, camisas daqui, blusas dali, para cobrir a quase nudez da virgem casadoira. No momento foi o espanto, a solidariedade, o socorro, que ao depois, cederam lugar ao deboche, principalmente aos ferinos comentários do Turuna.

Os devotos e adeptos das novenas, após a caminhada da fé, desaguaram na casa da noveneira, ávidos pela melhor parte daquele ato de fé, que era a comilança, as bebidas e a dança. Na imensa barraca de palhas, chão batido e molhado, juntaram-se os que rezaram, os que não rezaram, os aproveitadores de festas e, até mesmo os que se proclamavam incrédulos como o Zé Turuna. Maria das Dores rezou, acompanhada pelas beatas e acólitos costumeiros. A molecada soltou foguetes. A mesa estava posta, repleta de biscoitos, doces e quitandas. Os meninos, de olhos grandes, aguardando o momento de avançar, as donzelas irrequietas em busca de um par para a dança e os rapazes, tímidos, encorajados pelos pais machões, de olho nas curvas das meninas. O sanfoneiro puxou o fole, soprou a poeira dos baixos, a viola repicou buscando afinação, o pandeiro ensaiou o ritmo e o arrasta-pé começou. O resto, a pinga e o licor de genipapo, terminaram por fazer. O sanfoneiro e o bandeirista cantaram, repetiram em coro até cansar. O povo comeu, bebeu e dançou

*É no bafo
Da sanfona
Que encontro
O meu alento.
É no gingado
Da morena
Que me alegro
E me contento.*

*Quanto mais vejo,
Mais gosto dela
E mais me amarro
Nessa donzela.*

No intervalo, Chico Discurso subiu numa cadeira e teceu palavras de elogio à noveneira, aos santos e à fé, sem esquecer de enaltecer a figura de Pepê, o “lídimo representante e defensor do povo”. Zé Turuna, a tudo atento, não deixou de lado o seu espírito sibilino.

— Essa é a fé, a dança, a cachaça e a comida e o interesse é o Deus, desse povo ignorante.

Alguém ao lado, intrometeu-se no raciocínio do ateu.

— Pense o que quiser, seu Turuna, mas se chover, você vai rezar o Pai Nosso como prometeu, ou vai apanhar muito, para aprender a respeitar a fé alheia.

— Pois nem vou rezar e nem apanhar, vou apenas gargalhar porque não vai chover.

Um dia, dois, três ou quatro de novenas seguidas, o dia amanheceu enfarruscado, o sol escondendo-se entre nuvens que se fartavam, apagando o azul do Céu. As esperanças aumentavam, todos olhando para o alto como se buscassem ver um Deus sorrindo, agradecido pelas novenas, abrindo as torneiras para despejar água na terra seca, súplice, ajoelhada em busca de socorro. Os comentários sucediam-se. Deus vai castigar o Turuna, vai mandar uma chuva de pedras em cima dele.

— Nada de chuva, vai ser um raio para ele aprender a respeitar o poder de Deus.

— Que raio, que nada, ele vai é ter que rezar dez “Pai Nosso” e dez “Aves Maria” no cruzeiro da porta da igreja, para aprender a ter fé.

— Que fé, que nada, ele tem que levar uma surra, cabeça dura só cede com pancada.

A coisa estava assim. As nuvens, indiferentes ao que se passava na terra, foram se acumulando, o sol sumiu num escuro quase noite, a trovoada e os raios fizeram tremer os medrosos. O céu se abriu deixando escapar para a terra, um verdadeiro caudal como se o mundo fosse acabar em água. Passada a tempestade, a chuva mansa e proveitosa para a lavoura e pastagem, despejou-se por alguns dias, com raros momentos de amanação. O Zé Turuna, sem poder ir ao coreto da fofoca, já reclamava.

— Agora, é hora das rezadeiras fazerem novena para parar a chuva.

Alguém que ouvia, ponderou:

— Não, Turuna, você precisa é se arrumar para rezar cumprindo a promessa, ou preparar a salmoura para as costas, pois os rezadores querem te pegar.

— Pega nada, quem reza esquece fácil. De mais a mais, bater é pecado.

Falou e riu o debochado.

A chuva amainou, o sol começou a aparecer timidamente, como se receasse ou anunciasse uma nova tempestade. As pessoas foram se aglomerando em volta do coreto, onde já se encontravam o Zé Turuna, o Chico Discurso e outros. Algumas crianças ensaiavam o brinquedo reprimido, agora livre na praça.

Quando Turuna se deu conta, estava cercado por algumas dezenas, talvez centenas de pessoas que gritavam.

— Venha cumprir a promessa, seu ateu de uma figa.

O populacho, em nome do respeito à fé, ameaçava fazer o incauto prometedor a rezar de joelhos os “Padres Nossos” prometidos. Turuna, acuado, vermelho como uma pitanga, ensaiava escapular, quando um mulato de porte avantajado colocou-se à sua frente, ameaçando agarrá-lo.

— Pega esse ateu, gritou alguém, logo acompanhado por outros como se compusessem um coral de vinganças.

— Ele tem que aprender a respeitar a fé alheia.

Os ânimos se avolumavam num verdadeiro caudal de ódio e vindita, em nome da religiosidade da massa, contrariando todos os princípios da fé cristã.

Animado pelos gritos da turba, o mulato, conhecido zelador da igreja e carregador quase vitalício do andor, preparava-se para pegar o Turuna, quando uma menina que viera correndo da praça, colocou-se entre os dois. Era a Pequena Raquel, que olhando para o mulato, ponderou.

— Logo você Tonhão, que vive dentro da igreja falando em Jesus.

— Ele abusou de Deus, duvidou que Ele tinha poder para mandar a chuva.

— Pois então deixe, que se for preciso, Deus o castigará.

— Nós temos o dever de zelar pelo nome de Deus e pelo respeito à Igreja.

— Mas não temos o direito de punir ou vingar. Lembre-se que Jesus ensinou o perdão e, Ele mesmo, na hora da crucificação, perdoou seus algozes. Por que você, que diz seguir a Jesus, não faz o mesmo?

O mulato titubeou, sentindo-se vencido pelos argumentos da Pequena Raquel. O povo, já agora motivado pela menina, mudou passando a exigir a libertação do Turuna.

— Deixa ele, a vida ensina!

— Deus vai botar uma ferida na língua dele, para deixar de ser falador.

— Cruz, credo, não fala uma besteira dessa, menino! Ponderou uma beata.

Raquel, tomando a mão de Turuna, saiu com ele rompendo a massa humana que se havia aglomerado, atraída pela curiosidade, sem que ninguém ousasse impedi-los. Um gaiato, aproveitou-se para deixar a sua graça.

— Aí ateu, protegido por uma menina!

Todos riram. O Chico Discurso, não podia perder aquela oportunidade, tomando logo a defesa do vencedor, como sempre o fazia. Subiu na mureta e começou a sua verborrêia.

— Meus amigos, os ensinamentos de Jesus, que é o pálido da Santa Madre Igreja, nos induz à prática do perdão. Esse incrédulo que acaba de ser perdoado pela intersecção de nossa menina santa, recebeu aqui, como exemplo, que a massa não pode e não deve ser desafiada.

— Muito bem.

— A fé deve prevalecer sobre o mal e superar a mazela do ateísmo.

— Muito bem! Gritavam em coro.

— O homem de fé, por obediência às leis de Deus, procura seguir, sempre, os arautos da fé.

— Muito bem.

— Agora, meus concidadãos e irmãos de fé, é chegado o momento de varrermos o materialismo avassalador de suas pre-

tensões ao poder, votando em homens religiosos, que tenham Deus no coração.

— Muito bem.

Chico Discurso, percebendo que havia catalisado as atenções, aproveitou-se para dar o recado para o qual era pago.

— Falando em homem de fé, o Petrônio Paz, o nosso Pepê, lídimo defensor das idéias cristãs...

O parlapatão não terminou, interrompido por alguém.

— Não misture fé e Jesus com esse criminoso aproveitador.

— Cala essa boca.

— Aqui não é lugar e hora para política.

Por pouco, o Chico Discurso não ficou no lugar do Zé Turuna. Recobrando a sua conhecida verve, mudou rápido de lado.

— Eu mencionei o Pepê, mas tem também o nosso Tito Gororoba, tão crente e fiel como Pepê.

— Muito bem.

A massa é assim, segue a quem faz o discurso da hora, basta saber aproveitar. Os senhores da Terra, da Doutrina, da Idologia e da Cobiça, sabem disso e, por isso, prevalecem e dominam o mundo.

O padre Alex, atraído pelo burburinho, veio em socorro de Raquel e de Zé Turuna, mas já os encontrou fora da multidão, saindo o padre, o ateu e a menina de mãos dadas. O pastor Elias, chamado às pressas, veio com a esposa, tendo o dissabor de encontrar a filha ladeada por um idólatra e um materialista.

Em casa, Elias, já cansado pelo comportamento da filha a admoestou.

— Filha, logo entre o padre e o ateu?

— Pai, os dois são filhos de Deus.

— Um é idólatra e o outro é incrédulo.

— Com maior razão devemos estar perto deles. Não esqueça o comportamento de Jesus, frente aos que queriam apedrejar a Maria, aquela de Magdala.

Sem saber mais o que fazer para manter Raquel dentro dos limites de sua fé, o pastor voltou para a sua Bíblia, suas orações e a intolerância de sua doutrina.

Choveu muito, o verde voltou, a fartura sobrou. A fé, embalada pelas rezas, novenas, promessas e festanças, acendeu o seu poder na mente e no coração de todos. Os rosários e santos agitaram o comércio. O velho marceneiro, santeiro afamado, concluiu:

— “*Mais vale o santo que o pau da barca*”, sacramentando o dito popular.

Elias, por momentos, pensou em colocar a filha, internada em colégio na capital, com o objetivo de afastá-la dali. Sara, a mãe, ponderou:

— Não adianta, querido, lá ou aqui, Raquel será sempre a mesma. Depois, eu não vejo nada de mal naquilo que ela faz.

Raquel, indiferente a tudo, estudava, brincava e, sobretudo servia.

Assim caminhava a família nas trilhas do seu destino.

3. Caminhos Cruzados

Elias, o pastor, embora relativamente jovem não gozava de perfeita saúde. Algumas vezes, sempre à noite, ele era acometido por desmaios, os quais, agora, alongavam-se por horas. Era a preocupação da família e dos médicos que o assistiam. Alguns meses atrás ele fora submetido a uma série de exames, sem, contudo, ser encontrada uma causa plausível para o molestar. Naquela entrada de noite, Elias começou a sentir arrepios pelo corpo e uma leve tontura, que eram os prenúncios do desconforto maior. Entristecido ele sentou-se numa poltrona, no amplo alpendre do casarão, olhando para um ponto indefinido na direção da rua. Sara, solícita, veio ter com o esposo, procurando reconfortá-lo.

— Não tema, querido, certamente Jesus, em sua bondade infinita te libertará dessa moléstia.

— Sara, o que me preocupa é que, sempre, a melhora nos vem pelas mãos de raizeiros ou benzedores, como um verdadeiro desafio à nossa fé.

— Eu penso que os benzedores bem intencionados podem ser usados como instrumento do amor de Deus.

— A Bíblia condena benzedores, adivinhos e feiticeiros. Em Levíticos XIX, 31, está escrito:

“Não vos voltareis para os necromantes, nem para os adivinhos...”

Ainda em Levítico XX, 27, lemos:

“O homem ou mulher que sejam necromantes, ou sejam feiticeiros, serão mortos; serão apedrejados; o seu sangue cairá sobre eles”.

— Elias, meu querido, algumas vezes eu coloco a Bíblia em dúvida, pois não encontro condições de crer nas maldades e falências atribuídas a Deus, que nela existem. Em Atos X, 34, Pedro, o discípulo de Jesus, disse:

“Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas”.

Eu, de minha parte, prefiro acreditar na bondade de Deus, a crer que Ele se alegre com o sangue de suas criaturas.

— É, mas é condenável a prática da consulta aos mortos.

— Pode ser, mas Saul que foi constituído rei por Deus, consultou a Samuel, já falecido, através da médium de En-Dor (*I Samuel XXVIII*); e o próprio Jesus, no ato da transfiguração, em companhia dos discípulos Pedro, Tiago e João, falou com Elias e Moisés já falecidos. Mas, além disso, existem relatos na Bíblia, nos quais a participação de Deus me deixa em dúvidas.

— Quais?

— Eu destaco dois deles. No primeiro, em I Reis, Cap. XXII, 19 a 23, está escrito que Deus confabulou com espírito mentiroso, para espalhar mentiras, o que é incrível. No segundo, também inacreditável, que está em Números XXXI, 17 e 18, relata que Deus mandou matar a todos os homens e mulheres, excluindo as virgens e **meninas** para entregá-las à soldadesca. Creio, meu querido, que muita coisa deve ser repensada, sem que, por isso, tenhamos que renunciar à nossa fé.

Elias ouvia, calado, contrariando o seu hábito polêmico e contestador, como se algo de mais poderoso o fizesse silenciar para ouvir.

— Estás sentindo mal?

— Os arrepios aumentam e sinto uma leve prostração.

Falavam, quando Duvirges, sem ser anunciada, abriu o portão colocando-se frente à frente com Elias e Sara, trazendo um molho de ervas.

— Pastor, disse ela, não zangue comigo, mas o senhor José Pegasso, pediu-me para trazer para o senhor estas folhas, recomendando que fizesse chá e usasse por dez dias. Eu ponderei que o senhor não gosta de espírita, mas ele me disse: “Vá, minha filha, o Elias é bom”. Por isso estou aqui.

— Como é o nome dele? Quis saber Elias.

— Disse chamar-se José Pegasso, eu nunca o vi aqui.

— Como é ele?

— É um senhor forte, cabelos negros, bigode, barba feita, uma verruga no lado direito do rosto e falta-lhe um dedo da mão direita.

Elias amarelou, quase perdendo a fala. Sara, gentil e bem conhecendo Duvirges, apressou-se em receber as folhas, convidando-a para entrar. Elias, trôpego, acompanhou-as até o interior da casa, jogando-se numa cadeira colocada à volta da mesa.

— O que foi, querido?

— Ela falou de meu avô, que acabo de ver aqui.

Naquele momento Elias sentiu-se projetado em outro cenário, voltando a rever Arcana, que já vira em outras circunstâncias. O Viajor do Tempo, valendo-se de sua grande potencialidade magnética, acalmou o seu interlocutor, passando a um breve diálogo.

— Embora você ainda relute em aceitar a verdade da reencarnação, além das cenas de vidas passadas que já te foram mostradas, vou levá-lo a dois outros episódios, para que possa compreender o que acontece hoje.

Elias viu-se levado a um imenso mosteiro, onde religiosos iam e vinham, em azáfama coletiva, como se ali algo de muito importante estivesse acontecendo. Sentiu-se colocado em uma sala ampla, cheia de religiosos, que o olhavam com respeito. Um dos participantes, que dava mostras de liderar o grupo, o interpelou.

— Senhor bispo Antão, nós estamos a ver a Santa Sé em promiscuidade, com reis, rainhas e poderosos do mundo negociando indulgências como se fora mercadoria, a grosso e a retalho. Queremos saber o que pensa Vossa Reverendíssima pessoa.

Elias sentiu-se na pele do bispo Antão, falando com desenvoltura.

— Nem só as indulgências, mas as imagens, os santos e as canonizações encomendadas, já ultrapassam os limites do bom senso. O mais grave são as alterações que se fazem a cada momento que se renova o Sacro Colégio, dos ditos originais dos escritos sagrados. Temos que preservar o quanto possível o texto mantido pelos padres gregos, contra todas as investidas de modificações propostas ou impostas pelo papado.

— Quer dizer que o senhor aceita a tese da reforma religiosa?

— Aceito, desde que não surja uma nova religião.

Naquele momento, Elias ou Antão, se viu andando às escuras, por becos e galgando sótãos, para comunicar traiçoeiramente o conluio dos religiosos contra Roma. Viu prisões, torturas, humilhações e até o sacrifício de vidas, como decorrência de sua traição. Aqui como no sacrifício da pequena Ina ao deus Baal, ele via a figura tenebrosa de Colito, agora na roupagem de um dignitário da Igreja. Neste episódio, como naquele, Colito o impulsionava para desatinos, sofrimentos e, até a morte.

Quando via o desenrolar dos fatos, como se fora um pesadelo, Elias percebeu, com alívio, a presença de Arcana, que olhava para ele e sorria.

— Está vendo, meu bom Elias, estas são breves amostras do teu passado. Para concluir, vou levá-lo a algumas reminiscências ligadas de forma mais próxima à tua experiência atual.

Elias, como se voasse no tempo, viu-se à frente de um grupo de homens armados à moda dos antigos bandeirantes, cercado uma taba indígena, matando os homens e, cada um tomando para si uma das mulheres da tribo. Elias, como Dom Avelar, o chefe, arrebatou a bela índia Potyra, levando-a para uma das ocas que sobrara da destruição. A moça, acuada a um canto,

como se fora uma fera, atirava o que podia em Avelar, que sorria, ciente do seu poder. Em dado momento, se deu conta, de que entre ele e Potyra, metera-se uma índia madura mas robusta, que tomou a defesa da moça, sua filha. Foi uma luta animalesca, que terminou com a jovem amarrada, Avelar ensangüentado pelas mordidas e a mãe abatida por uma descarga de mosquetão.

Novamente Elias percebeu a presença de Arcana na cena, o qual, apontando para a índia morta falou:

— Veja, Elias, quem é a mãe de Potyra.

Elias, assustou-se quando viu o rosto de Sara e, levantando os olhos, viu sobre a jovem índia, delineado o rosto de Raquel.

De inopinado, vislumbrou a presença de Colito, que tanto o perturbava, apoderando-se de Potyra e levando-a para o escuro da mata. Quis correr em socorro da moça ou da filha quando Arcana, o admoestou:

Acalma-te, agora procure proceder com bom senso no momento que vives, pois todos esses personagens, convivem contigo, no momento atual.

— Onde está esse demônio chamado Colito?

— Vive perto de você e, no momento certo o conhecerá.

— Arcana quem é você?

— Eu sou a experiência, sou o Viajor do Tempo.

— O que é Deus?

— Deus é o manancial infinito de poder, sabedoria, conhecimento e causa primária de toda a existência.

— Quais são os princípios essenciais de Deus?

— O poder, o conhecimento, o amor e a Justiça, cujo desaguadouro é a Verdade Absoluta.

— O que distancia a fé que professo desse Deus, Verdade Absoluta?

— As religiões, meu bom Elias, tentaram e tentam ainda hoje, personalizar Deus, como um ser que faz, premia ou castiga, entretanto, Deus é um conjunto de Leis Eternas que expressam a Verdade Absoluta. Deus Lei, não **cria**, pois não faz ou age como um ser limitado, mas **crea**, ou dá origem à existência. Tudo quanto existe, deriva ou tem origem ou causa, em Deus.

— Se tudo quanto me foi mostrado for verdade, superada a questão da reencarnação, qual a diferença basilar entre o Espiritismo e a fé que eu professo?

— Você crê num Deus personalizado e, por isso, limitado, que castiga, dá prêmios ou salva. O Espiritismo apregoa um Deus causa primária de todas as coisas e que responsabiliza o próprio espírito pelas conseqüências dos seus atos. Enquanto você crê num Deus que salva pelo simples arrependimento ou batismo, o Espiritismo aponta um Deus que oferta a oportunidade do tempo para que o homem alcance a verdade e, com ela, a própria renovação.

Arcana sorriu, desaparecendo nas brumas do tempo. Elias retornou à lucidez sob a admiração de Sara. Duvirges, médium vidente lúcida, sorriu, despediu-se e saiu tão silente quanto entrara.

Elias confidenciou tudo quanto presenciara a Sara, a qual, alisando-lhe carinhosamente os cabelos, o confortou.

— Querido, eu estou convencida da reencarnação e da verdade da comunicação com os que se dizem mortos.

Elias, já vencido pelos fatos, aceitou o uso do chá das folhas trazidas por Duvirges, tornando-se aparentemente liberto dos temidos desmaios noturnos, mas percebeu que arrepios e sensação de calor ou frio em partes alternadas do corpo tornaram-se mais freqüentes.

O dia fora tumultuado para o pastor, nos seus afazeres na igreja, onde tentava varrer da mente os últimos acontecimentos. Afogava-se nas leituras de cunho doutrinário e nas tarefas religiosas, passando a destinar maior parcela do tempo à escola mantida por sua denominação.

No pátio da escola, Elias encontrou-se com a filha que descera as escadas correndo para a ampla área, na companhia de seu amigo Zino. O pai fechou a cara, pois não apreciava o garoto, o qual fingiu não perceber o desagrado que provocava, tomando a iniciativa dos cumprimentos.

— Bom dia pastor Elias.

— Bom dia, respondeu Elias entre os dentes.

Raquel, como se fora uma borboleta colorida esvoaçou à volta do pai.

— Paizinho, foi bom encontrá-lo aqui, pois quero que vá comigo visitar uma amiga.

— Quem é essa amiga?

— É a velha Sinhá, ela não tem parentes e vive só. Vamos levar biscoitos e frutas para ela.

A menina, de forma impositiva, não aguardou a concordância do pai, tomou a sua mão e saiu pátio afora quase a arrastá-lo. Depois de alguns passos, o pastor cessou a resistência, passando a acompanhar a filha e a Zino. Ao chegar à casa da anciã, encontraram Sinhá numa velha poltrona no cômodo que servia como sala, copa e cozinha. Ela sorriu docemente, falando quase sem forças.

— Meu anjo doce, você não esquece essa velha trôpega.

— Velha trôpega, não, você é a amiga mais experiente com quem tenho aprendido muito.

— Você tem olhos bons, por isso vê o lado bom das coisas e das pessoas.

Elias, um pouco desajeitado, para não se mostrar despreparado, perguntou à meia fala.

— A senhora não tem parentes?

— Eu tenho a todos como meus irmãos, pois o Pai é um só.

Os meus familiares de outros tempos, estão aqui, encarnados em outros corpos, por isso não me conhecem.

— Já vem você com essa estória de reencarnação.

— Você não acredita na reencarnação?

— Não, a alma é criada por Deus no momento da concepção pois ao homem está reservado morrer uma só vez e, depois, para ele virá o juízo final.

— Meu filho, se fora assim, o progresso, a genialidade e a fortuna, provariam a existência de um Deus injusto, criando seres primitivos ou privados do saber e das benesses da vida, colocando-os em confronto com pessoas avançadas, geniais ou prósperas.

— Deus assim os criou porque tem o poder e sabe o que é melhor para cada um.

— Mas seria injusto exercitar esse poder para criar filhos fadados ao sofrimento e outros destinados ao gozo da vida. Para

que prevaleça o princípio essencial da Justiça Divina, temos que aceitar a certeza de que a vida ou o estágio de cada um refletem as conseqüências de atos passados, o que pressupõe a reencarnação.

Elias um pouco excitado sentiu o início da sua costureira vertigem e, por um átimo de tempo, viu estampado no rosto de Raquel a figura de Potyra, que já vira em outra ocasião. Quase gelado, percebeu, sobrepondo-se ao rosto de Sinhá, a figura de uma índia velha, que vislumbrara em visão passada, juntamente com outras, defendendo a jovem índia Potyra. Sentiu um calafrio maior, despertando daquele rápido retorno ao passado. Sinhá, sorrindo, aduziu:

— Meu filho, o que acaba de reviver é verdade e está sendo mostrado a você, para que vença a teimosia. Os teus desmaios não são doença, mas, apenas, o afloramento de uma faculdade mediúnica portentosa, com a qual você poderia servir propagando a verdade. Não é necessário deixar de ser um proficiente de tua religião para crer na verdade.

— Que coisa estranha essa estória de Espiritismo.

— É estranha para você, porque ainda não superou o dogmatismo e o fanatismo religioso.

Falavam sem se aperceberem que Raquel e Zino haviam se afastado, promovendo a limpeza e arrumação do casebre e do pequeno quintal.

— Olhe, meu bom Elias, a Pequena Raquel e o afável Zino, sem nenhuma imposição, praticando verdadeiramente o que Jesus nos ensinou.

— O que é exigido para ser considerado espírita?

— Apenas a obediência aos ensinamentos de Jesus, que se resumem na prática do bem.

— E quanto à salvação?

— Ninguém é salvo milagrosamente, apenas por professar uma religião, cada um tem a oportunidade de decidir e tomar o caminho do bem, caminhando por iniciativa própria para o conhecimento e para a libertação da verdade.

— E quando é dada essa oportunidade?

— Ela é eterna, porque o conhecimento e a bondade de Deus são infinitos.

— Eu só posso crer na redenção da alma, pelo sangue de Jesus derramado na cruz, pela misericórdia do Pai.

— Elias, pense bem, você seria capaz de sacrificar a Pequena Raquel, fazendo-a verter o seu sangue, para regenerar alguém? Certamente não. Pois o Poder Supremo não se apega ao sofrimento de seus filhos, mas deseja que eles, caminhando a sua própria caminhada, alcancem a verdade. Cristo sofreu, conscientemente, mas colocou-se entre pessoas malvadas, ambiciosas e primitivas, para deixar a sua mensagem, como o tratador que se expõe às feras.

— Esses conceitos subvertem todos os princípios de minha fé.

— Pois siga os princípios de tua fé, sem que, por isso, condene os que pensam de forma diferente, aceitando-os como filhos do mesmo Pai.

— Você, embora aparentemente sem letras, dá mostras de grande vigor intelectual.

— Eu, como você, somos espíritos anciãos, caldeados pela experiência de muitas vidas vividas, mas somos simples infantes, diante dos espíritos luminosos de Raquel e Zino.

Elias olhou Sinhá, nos olhos, sem o véu do orgulho e do preconceito religioso, parecendo ver algo brilhar à sua volta, como se fora ela uma jóia encravada naquele corpo débil de anciã.

— Sinhá, apesar de sermos diferentes, eu vejo que você é boa.

— Elias, são os teus olhos que se abrem para o bem. Creia, meu filho, que na esteira do tempo, você e outros espíritos em lutas para alcançar a luz, promovem no teatro da vida, um verdadeiro reencontro, por isso quero deixar contigo um alerta.

— Qual?

— Um espírito que através dos tempos se opôs aos teus propósitos de mando, poder e prevalência, aqui está tentando vencer as próprias mazelas. Ele vai cruzar os teus caminhos o que me leva a pedir-te que não permita que o mal, o orgulho e a vindita enegreçam a tua mente e o teu coração.

— Se isso for verdade, como poderei identificar essa pessoa?

— Coloque os olhos na pessoa e no exemplo de Raquel e Zino e, certamente, não será difícil reconhecê-lo.

Elias, vivendo a experiência de uma verdadeira convulsão íntima estendeu a mão à Sinhá, como não o fazia costumadamente com pessoas ditas incrédulas ou humildes. Ela beijou a sua destra carinhosamente, completando a sua fala.

— Filho, vá à casa de Duvirges e faça uma visita à Nina, uma pequena tetraplégica, que lá se encontra.

Elias afastou-se, levado pelas mãos de Raquel, que instintivamente tomou o rumo da casa da benzedeira. O homem parecia pensativo, mergulhado em profundas reflexões. Raquel, embora segurando a destra do pai, saltitava ao jeito infantil, como se convidasse o pai para correr, alegrar-se e ser feliz.

— Paizinho, por que você não sorri?

— Falta-me um motivo para isso.

— Você é bom, o que falta é acreditar na força viva do amor, aceitando a todos como irmãos e crendo na vida como oportunidade para a renovação do espírito. Creio que, para quem já venceu o mal no coração, a alegria está em praticar o bem.

Caminhavam, quando encontraram o Zé Turuna em animada palestra numa roda de pessoas, como era do costume daquela gente interiorana. O irreverente ateu não perdeu a oportunidade para alfinetar o líder religioso.

— Como é pastor, agora já está visitando espírita e pobre? Você vai ser candidato nas próximas eleições?

— Eu não estou visitando espíritas ou pobres, estou ouvindo pessoas. Para que você anote, eu não sou candidato a nada.

Raquel percebendo que o pai dava mostras de irritação, tomou a palavra, tentando desviar ou amortecer a ironia de Turuna.

— Meu amigo, o único pobre aqui é você, porque tem a oportunidade, mas fecha os olhos e os ouvidos para não perceber a verdade.

— Ver o que, meu anjo loiro?

— Ver Deus na construção universal e na dádiva da vida, para vencer a incredulidade e, perceber o amor que jorra no Universo, e se expande da flor à estrela.

— Eu não vejo Deus, e sim a natureza, ao invés do amor o que eu vejo é o interesse puro.

— Você não nega o nome, é teimoso como um touro, mas por dentro é mole como um mingau.

— Por que você diz que eu sou mole?

— Quem levou agasalhos às escondidas para a Nina? Quem visita a bondosa Sinhá, longe dos olhos alheios? Você, meu bom Zé Turuna, que não pode esconder de você mesmo a fé em Deus que tenta brotar para ser manifestada a todos.

— Ah, meu anjinho, isso é besteira.

— Não é besteira, você ainda vai vencer o orgulho e a teimosia, com toda certeza.

Bino, o Contador de Estória que por ali passava, observou:

— Esta é uma lição que você teima em recusar, seu ateu de mentira. Para que não esqueça, vou contar-te um breve apólogo.

“O vaga-lume julgava-se feio, vestido na sua carapaça aparentemente escura. Por isso, volitava sempre à noite, levando um facho de luz só para si, o qual só era aceso quando extremamente necessário. Certo dia, a luz do sol o surpreendeu antes de voltar para a toca e, quando se deu conta estava rodeado por um sem número de habitantes da floresta a admirá-lo.

— Que bela carapaça tem o pirilampo, com esse majestoso revestimento furta-cor!

— É verdade, guarda em si tonalidades raras.

A admiração era geral. O pirilampo mirou-se no espelho d'água, percebendo que jamais havia admirado sua própria roupagem. O grilo, invejoso quis saber:

— Por que você esconde tanta beleza?

— Eu não sabia que a tinha”.

O velho Bino mirou nos olhos de Zé Turuna e disparou.

— Você tem fé em Deus, mas difere do vaga-lume.

— Por que?

— Ele não sabia que era belo e você sabe que crê, apenas tenta enganar a si e aos outros.

O Contador de Estórias seguiu o seu caminho, os componentes do grupo se despediram, cada um levando consigo mais aquela lição. Elias, Raquel e Zino, continuaram a caminhada na direção da casa de Duvirges, no afã de visitar a pequena Nina.

Na casa de Duvirges, o pastor levado por Raquel, foi de leito em leito, cumprimentou as pessoas que ali se agitavam, servindo ou sendo servidas. Elias deu-se conta de que ninguém o destacava, embora todos fossem amáveis. Ele presenciou o devotamento de membros da sociedade, que nunca anotara antes, em verdadeiro desvelo, auxiliando Duvirges, em todos os afazeres da casa, limpando, higienizando, aplicando remédios e encorajando os sofredores. A sua atenção foi atraída para alguns jovens sobraçando coisas arrecadadas, os quais além dos bens trazidos, entregavam-se à tarefa de **ouvir** os mais velhos ali amparados. Elias, admirado, abordou um dos jovens a quem jamais dera atenção no colégio ou nas ruas.

— Fabrício, o que te leva a ouvir as palavras desse senhor, trôpego e, aparentemente no fim da vida?

— Pastor Elias, é caridade falar ensinando, como o é também, ouvir aprendendo. Esses velhos, sentem-se prazerosos, quando lhes damos atenção, mas creia, meu bom pastor, eles guardam em si o aprendizado de uma vida e, por isso, é sabedoria saber ouvi-los.

— Nunca pensei que você fosse tão ávido do saber.

— Pastor, *é mais fácil aprendermos no anonimato da humildade, que nos aplausos da notoriedade.*

— Qual é a tua religião?

— Aquela apontada por Tiago I, 27, ou seja, a prática do bem, que é a síntese do Espiritismo Cristão.

O jovem Fabrício voltou-se para o ancião e continuou a ouvir os seus conselhos, suas estórias e recordações. Elias percebeu que Raquel parecia uma abelha operosa, indo de leito em leito levando, trazendo, falando e ouvindo, tornando-se alvo das atenções de todos. O pai, mesmo contido pelo orgulho humano e pelos princípios pétreos do dogmatismo religioso, não resistiu a um momento de reflexão íntima, pensando:

— Não pode ser o mal que anima essa gente a fazer o bem.

Duvirges, taxada por benzedeira pelos que não a conheciam de perto, assemelhava-se a uma brisa, reconfortante, mas silenciosa, atendendo a todos, aproximou-se do Pastor, quase sem ser percebida, trazendo ao braço uma pequerrucha de uns seis meses, que teimava em brincar, pronunciando as primeiras palavras.

— De quem é filha, essa nenê?

— Não sabemos, foi deixada à nossa porta, recém-nascida. Agora é filha de todos.

Quando falava, aproximou-se a Pequena Raquel, tomando a menina dos braços de Duvirges, passando a mimá-la como se fosse uma boneca viva.

Duvirges continuou.

— Existe o problema legal da adoção, pois precisamos oferecer-lhe um lar bem formado e, tudo depende do juiz e dessas coisas da lei.

Elias olhou para a menina, ela sorriu para o pastor oferecendo-lhe os bracinhos. O homem tomou-a nos braços, ela continuou a sorrir, balbuciando a palavra “*papá*”, colocando as mãos no rosto de Elias, como se desejasse acariciá-lo. Elias, disciplinado pelos dogmas religiosos, afeito a dar ordens e a reprovar erros, esquecera-se de sorrir, de ser doce, de aceitar os vivos prazeres da existência. Deixara de ser esposo, para ser o dono da casa, esquecera-se de ser pai, para transformar-se em condutor da família, afastara-se do sacerdócio, para se haver como fiscal ou sensor do comportamento de seus crentes. Todavia, por dentro da estátua da fé cega, estava a alma do homem que desejava desprender-se das cadeias doutrinárias, para voar livre, alegre e feliz, para a fé racional, que não condena e nem privilegia, mas que liberta e atribui responsabilidades. A criança sorriu, repetiu a palavra “*papá*”, o Pastor também sorriu. Os olhos de Raquel brilharam como pérolas aviventadas por divino viço.

— Como se chama ela?

— Pastor, a Pequena Raquel deu a ela o nome de Sara, o que foi aprovado por todos.

— Vocês permitem que eu a adote como filha?

— Ficaríamos felizes.

— E a religião de vocês não impede que ela seja educada segundo os preceitos de minha religião?

— Pastor, nossa religião restringe-se à prática do bem. Nós não somos os donos da verdade e, tampouco, senhores do destino alheio. Sabemos que o senhor é rígido, talvez um pouco

exigente, mas é reto e bom e, por certo, será um bom pai para ela, como o é para a Pequena Raquel.

Dali, já com a pequena Sara nos braços, o pastor foi levado ao leito de Nina, objetivo inicial da visita. A mocinha paraplégica, era dona de um belo rosto, de olhos grandes, negros, penetrantes e indagadores. Ela sorriu, mostrando a alvura dos dentes. Raquel aproximou-se, acariciou-lhe o rosto, agasalhando os cabelos daquele ente que escondia beleza e sabedoria num corpo imóvel pela provação da paralisia.

— Nina, disse Raquel, este é o meu pai.

Nina sorriu mais aberto, respondendo.

— Eu sei, já o vi várias vezes em meus sonhos.

Elias, com a pequena Sara nos braços sentiu uma transformação íntima que ainda não experimentara em todos os seus anos de prática religiosa. Quase explodindo suas emoções, inquiriu à paraplégica.

— Então você já me conhecia em sonhos?

— Já o vi em sonhos e em momentos de deslocamento às reminiscências do passado.

— Eu posso saber o que você viu em sonhos ou nessas mencionadas reminiscências?

— Pastor, eu o vi em cerimônia de sacrifício humano ao deus Baal, mas percebi que a sua esposa Sara auxiliada por Raquel, o levou a um lugar que se parecia um mosteiro nas proximidades de uma cidade chamada Wittenberg, na pessoa de um monge que atendia pelo nome de Tetzal. Aquele monge a mando do Papa Leão X, vendia cartas de indulgências e honrarias do Vaticano, para completar a construção da igreja de São Pedro. Pelo que me foi dado ver, o monge Tetzal retirava para si uma boa parcela daquilo que recebia, desenvolvendo um próspero negócio de empréstimos e penhores, compartilhado por autoridades locais, dentre elas o Juiz Presidente do Conselho, um certo Wilhelm, que hoje aqui está no corpo do juiz Aroldo Pim.

A menina-moça, Nina, parecia transfigurada ao relatar aqueles fatos, exteriorizando eloquência e facilidade de expressão, magnetizando o pequeno grupo que a ouvia, até mesmo a pequena Sara, que se portava quieta nos braços do atento ouvinte.

— O que mais vistes? Indagou Elias emocionado.

— Vi um grupo de monges ou frades em audiência com o referido Tetzal, a perguntar-lhe por que não aderiria publicamente à reforma proposta por Lutero, quando nos bastidores se dizia em discordância com Leão X. Tetzal, o personagem, respondeu que devia agir com cautela para não deitar tudo a perder.

A menina calou-se por instantes. O Pastor, trêmulo, insistiu.

— O que mais vistes?

— Tetzal, na surdina, enviou um mensageiro a um certo Cajetan, denunciando o movimento de rebeldia. Vi e ouvi intrigantes e intrigas numa convulsão religiosa intitulada Reforma, mas você, meu bom pastor, estava lá na pele daquele Tetzal, tal como já o vi como um certo bispo Antão.

A menina tomou um fôlego, parecendo ler no livro do tempo as informações que ali prestava. Refeita, continuou.

— Depois o vi vestido como um autêntico bandeirante, buscando riquezas e escravizando índios. Vi a índia Potyra aprisionada, sofrendo o peso do abuso e da prepotência, mas, ao final, sendo salva pela índia mãe.

— O que mais você tem a dizer?

— Pastor Elias, todos esses personagens estão aqui nesta comunidade, ao alcance de teus olhos, só faltando um deles.

— Quem?

— Certo espírito que conflita contigo desde os idos de Baal, passando pelo corpo de Cajetan, o inquisidor, para projetar-se no cenário atual, numa verdadeira voragem de ódio e vingança, como Colito.

— E quem é esse Colito?

— Breve ele aparecerá em seu caminho.

Elias, em outra oportunidade, veio só, voltando a falar com Nina, com o desejo de aclarar certas dúvidas. Duvirges admirou-se diante da iniciativa do Pastor, até então um reprovador acre de sua fé e modo de viver. Nina alegrou-se, abrindo um amplo sorriso. Elias sentou-se em uma cadeira, junto ao leito, quedando-se mudo, como se não soubesse o que fazer. Nina, falando como se fora o canto de uma cotovia, deu início ao diálogo.

- Pastor, eu sinto imensa alegria por sua nova visita.
- Em verdade eu nutro alguma curiosidade e muitas dúvidas a respeito de vocês.
- Qual seria essa curiosidade?
- Vejo você sorrindo, sendo espírita, crendo na reencarnação e descrendo na salvação pelo sangue de Cristo. Você é feliz?
- Pastor, a felicidade decorre do equilíbrio dos valores que nós consideramos essenciais. Para mim, basta a certeza de que serei livre tão logo deixe este corpo, que é uma abençoada escola do aperfeiçoamento.
- Você sente alguma tristeza?
- Algumas vezes eu me rendo, pois não posso servir, mas, por outro lado, eu me alegro por exercitar a paciência, perfumada pela divina escola da humildade.
- Qual a lição que Jesus nos legou, além de verter o seu sangue para nos salvar?
- Pastor, a grande lição do doce Rabi, está no seu exemplo de vida. Ele nos exortou ao perdão, a amar a Deus e ao nosso próximo. Para que isso fosse possível, ensinou-nos o Mestre que não julgássemos, não condenássemos e que perdoássemos aos que porventura nos ofendessem. Pastor, ao invés de exercitar o seu infinito poder, ele deu mostras do valor da humildade, lavando os pés de seus discípulos.
- Mas ele falou em salvação pelo simples exercício da fé.
- Mas a fé exercitada, o que só é possível pela ação e, não pela inércia. Ele disse: *“crê e será salvo, tu e tua casa”*. O *“crê”* exige a prova pela ação, e a salvação que daí resulta é a libertação das trevas da ignorância.
- Mas Deus criou o homem e, para ele, estabeleceu regras a serem seguidas sob a pena da perdição eterna.
- Naquele momento o padre Alex, talvez movido pelo mesmo sentimento do pastor Elias havia chegado e se aproximado do leito de Nina, a quem já visitara algumas vezes. A moça, sorrindo levemente, passou a considerar a questão levantada.
- Os avanços do pensamento filosófico e das conquistas da ciência, nos obrigam a fazermos uma reflexão sobre o tema. Observando o Universo, os espaços infinitos, onde a Terra não passa de um mísero grão de poeira, não podemos atrelar a

origem de tão grande, imensurável e infinito portento creativo, a um Deus limitado por paixões humanas, que odeia, castiga, que condena ou salva, que faz ou desfaz como se fora um simples mortal. Nós devemos avançar o nosso pensamento para alcançarmos um Deus cósmico, abrangente, universal, um Deus Lei, que **dá origem** à existência e, por isso, um manancial de onde tudo se origina. Ele é um Deus que **crea**, como pensou o filósofo Hohden, e não que **cria** ou faz, como quer crer os inúmeros códigos religiosos, todos livros da lavra humana.

— Se esse Deus é impessoal, como ouvi-Lo e obedecê-Lo?

— O princípio da eternidade e da infinitude de Deus, conflita com a pessoalidade, por ser ela limitada e, por isso, finita. Deus assenta-se em leis eternas, às quais todo o contexto universal está sujeito impositivamente, por isso, não é necessário a existência de um censor vigilante para fazê-las cumprir.

— Jesus, no momento extremo, deu mostras de que o homem arrependido, pelo simples fato de crer, pode ser salvo. Em Lucas XXIII, 39 a 43, encontramos a passagem da salvação do bom ladrão, que foi salvo do pecado e levado aos Céus, pelo simples perdão de Jesus.

— Meu bom Pastor, não pode existir um **bom ladrão**, bom assassino ou bom transgressor da lei. Se analisarmos aquela passagem bíblica, verificaremos que Dimas, que já havia mudado o seu modo de conceber a vida, mostrava-se arrependido, tanto que, antes da absolvição, repreendeu o seu companheiro admoestando-o a agir de forma diferente. Naquele momento, na cruz, ao alcance da voz de Jesus, ele expiava as últimas conseqüências de seus atos do passado, avançando do erro para a decisão de proceder com acerto dentro dos limites da lei. Assim, não houve a salvação instantânea, mas, apenas, o reconhecimento pelo Rabi, de que ele, Dimas, já havia palmilhado os caminhos da evolução e, ali estava com Jesus, nos pórticos do plano da luz.

O padre Alex, que ouvia tudo em silêncio, interferiu expondo o que pensava.

— Pastor eu creio que temos de repensar a nossa tese doutrinária da salvação e da definição do próprio Deus.

— Por que pensa assim?

— Parece-me difícil compatibilizar os Universos infinitos e a eternidade com a personalização de Deus na forma e no proceder humano, tal como o encontramos na Bíblia. Por outro lado, eu creio que hoje ou amanhã todos os religiosos mono-teístas terão que admitir a reencarnação.

Naquele momento chegou o doutor Aroldo Pim, o juiz da Comarca, trazendo algumas coisas para Duvirges e seus protegidos. O juiz olhou relutante para o pastor e o padre, como se não esperasse encontrá-los naquele lugar.

— Bom dia senhores, vejo que a casa da nossa benzedeira está abençoada hoje.

— Não só abençoada, mas também legalizada, disse o Padre, dando uma das suas famosas gargalhadas.

O Pastor quase envergonhado, sorriu levemente, disfarçando o desconforto. Nina, com a presença de espírito que lhe era própria, venceu a resistência orgulhosa dos três personagens.

— Senhores, creiam ou não, Deus é um só, para pastores, padres, juízes, bem como para as ovelhas apascentadas e para os homens jurisdicionados. Eu sinto verdadeira alegria por vê-los aqui e peço a Deus e aos bons espíritos que os pague por este momento de bondade.

O doutor Aroldo Pim tomou a palavra.

— Nina, certo ou errado, o que você fala, o faz com facilidade e maestria de pessoa culta e afeita ao debate. De onde vem essa verve inconfundível?

— Doutor, todos nós somos espíritos anciãos, que trazemos conosco a experiência acumulada pelas inúmeras vidas já vividas. Não tenham dúvidas quanto a este inusitado reencontro de pessoas tão distantes entre si no modo de pensar e agir. Não é obra do acaso. É, de fato, o reencontro de almas no processo milenar de reajuste e vitória do bem sobre o mal.

Todos ouviam a alocação da paraplégica, em silêncio, como se no fundo, concordassem com o que era dito. O que aconteceu ali, naquele momento, dava a impressão de uma encenação engendrada pelo destino. A Pequena Raquel e Zino tomaram lugar à cabeceira do leito, ladeados por duas mocinhas do coral organizado pelo padre Alex. Nina, com voz adocicada, se fez ouvir.

— Doutor Pim, hoje como em outros tempos, peço licença para repetir:

A PRECE DO JUIZ

*Senhor,
Tu que creastes os Universos,
Que és a fonte do poder e da Justiça,
E que, por bondade,
Me assinalastes
Com a tarefa de julgar,
Dai-me, por misericórdia,
A sabedoria, o bom senso,
O equilíbrio e a luz,
Para ver na Justiça,
O horizonte e o rumo,
De julgar com acerto.*

*Dai-me a virtude
Do saber e do conhecimento,
Para que eu saiba
Transformar a clava
E o látigo da Justiça,
Menos em condenação,
E mais, num estímulo
Ao transgressor da lei,
Para que faça
Uma reflexão sincera,
E trabalhe
A própria regeneração.*

*Mas, por fim,
Senhor dos Universos,
Peço-te a virtude
Da humildade,
Para que eu não olvide,
Que o poder, a luz,
O conhecimento,
E a bênção da oportunidade,
No tempo e no espaço,
Emanam de Ti.*

Tão logo Nina terminou sua prece, começou a cantar em coro com Raquel e Zino, acompanhados pelas duas mocinhas que tocavam com maestria uma flauta e um violão, logo seguidos por vários dos residentes da casa de Duvirges, como se alguma batuta milagrosa regesse um coral espontâneo, harmônico, melodioso, e as comportas do céu se abrissem para a terra. Eles tocaram e cantaram de forma a fazer tremer as pedras, encerrando, como se fora num fecho de ouro, cantando:

*Alegro a vida,
Os caminhos
Do meu sertão,
Sinto a beleza
Do luar
Que se derrama
Pelo chão.*

*Só vale a pena
Viver,
Cantando, sorrindo
E sabendo
Agradecer.*

*Alegro a vida,
E os caminhos
Do meu sertão,
Vencendo a mágoa,
Deixando livre
Meu coração.*

*Só vale a pena
Viver,
Cantando, sorrindo,
E sabendo
Agradecer.*

Lágrimas rolavam dos olhos mais sensíveis. Até o Zé Turuna, que para ali fora atraído, silenciara a sua ironia sendo levado a um silêncio reflexivo. O padre e o pastor deixaram o recinto juntos, caminhando por algum tempo em silêncio. Alex, o vigário, tomou a iniciativa de um novo diálogo.

— Não posso acreditar que o Diabo esteja por perto dessa gente, o que vimos só pode proceder de Deus.

— Embora atropelando a minha fé, sou forçado a concordar.

— Pastor, eu peço licença para ir à tua casa a fim de que, em conjunto reflitamos sobre o que vimos.

— Eu o aguardo.

Era um novo dia. A praça da Matriz, como sempre, estava agitada pela presença de seus freqüentadores habituais e pelo povo que passava, na azáfama natural de um novo começar de suas atividades. Os pássaros volitavam enfeitando a torre da Igreja e a copa das árvores. As crianças buscando as escolas, completavam aquela aquarela divina, de beleza, paz e inocência.

Lá a um canto, o indefectível homem do realejo, tocando a sua música rouquenha e vendendo os cartões da sorte escolhido pelo periquito adestrado. A cigana pouco adiante, “tirava a sorte”, lendo mãos e baralhos, prometendo fazer e desfazer amores e paixões, fortunas e misérias, vendendo milagres e ilusões. O moleque engraxate, assoviando e acompanhando com a batida da escova na caixa, debochado e alegre, alheio aos acertos e desacertos da vida. O vendedor de caldo de cana, raspando e preparando a sua mercadoria, enquanto reclamava da vida e da sorte. A roda de eternos faladores da vida alheia, que não trabalhavam, não davam bons exemplos, mas reclamavam e teciam comentários maldosos das pessoas, dos fatos, e do governo. Era e ainda é assim, a Praça da Matriz, a esquina da farmácia, a calçada do armazém do carcamano, nas simples e bucólicas cidades do interior, onde o homem só alenta-se no sonho para viver. O político, “Senhor da Ideologia”, promete uma sociedade igualitária e justa, fazendo calos na língua de tanto falar em democracia e cidadania. O pastor evangélico, com a Bíblia à mão, o padre com o rosário a tiracolo, os “Senhores da

Doutrina”, um a condenar, julgar e a prometer céus e infernos e, o outro, a vender sacramentos e absolvições missais, o médium espírita aproveitador, espalhando “*quadros de vidência*” e “*comunicações do além*”, todos, de permeio com o senhor da Terra, da Cobiça e da Tecnologia, formando com a massa ignara esse imenso e estonteante calidoscópico que é a vida.

O padre Alex, após o ofício religioso da manhã, cruzou a praça calmamente, amável como sempre, cumprimentando uns e outros, tomando a direção da casa do pastor Elias. Zé Turuna comentou com o Chico Discurso.

— Certamente ele vai brigar com o pastor pela divisão das ovelhas.

— Você está enganado, respondeu Chico, eles não se interessam por ovelhas, mas sim por espórtulas, esmolos e dízimos.

Gargalharam os dois incorrigíveis linguarudos.

— Eu vou até lá, para ver o que está acontecendo.

Dito e feito, Zé Turuna, curioso, caminhou sobre as pegadas do padre Alex, batendo à porta do Pastor, como se o fizesse por acaso. Apesar de ser dono de uma lâmina afiada na boca à guisa de língua, Turuna era havido como razoavelmente instruído e por isso, personagem quase obrigatória nas rodas onde se discutisse algo de maior envergadura cultural ou filosófica.

Os fatos reuniram os três na grande sala da casa de Elias, onde o tema básico foi a religião e os costumes culturais dos religiosos. Falaram muito, cada um defendendo seu ponto de vista, com suporte na doutrina que abraçava. Turuna pediu licença para expor o que pensava.

— Não posso crer em Deus, pois a existência desse ser contraria a sua obra. Como pode haver criado o bem e o mal, se é, como dizem, sábio e justo? Como criou o Demônio, se é sábio? Como permite a guerra, os terremotos e as grandes convulsões, se é bom? A própria policromia do Universo aponta para o acaso, como fonte da criação.

— Muitas coisas o homem ainda não conhece, o teu grande equívoco é querer penetrar nos desígnios de Deus, se ainda não dominas os meandros da própria mente, ponderou o padre.

— O que te falta é a fé, interferiu o pastor, única fonte da revelação.

— Os doutrinadores estão sempre de plantão para criarem novas doutrinas ou modificarem as existentes ao seu talento. Akhenaten (1388 a 1358 a.C.), falou de um Deus origem, logo os templários criaram o **monoteísmo**. Moisés (1300 a.C.), descobriu um Deus guerreiro e punitivo para colocar freios em seu povo, logo os doutrinadores criaram o **mosaísmo**. Zoroastro, inventou o Diabo para colocar freios e disciplina em seu povo, os religiosos logo tomaram Satanás para as suas religiões. Buda (563 a 483 a.C.), pregou a renovação do homem pela força mental. Criaram o Budismo. Por fim, Cristo ensinou a renovação moral, vieram os doutrinadores de todos os matizes e criaram o Cristianismo. Na esteira do Cristianismo, Lutero (1483 a 1546 d.C.), rebelou-se contra os maus costumes dos dirigentes cristãos. Logo criaram, os doutrinadores, o Luteranismo e, por consequência toda a malha protestante, que hoje se rotula por evangélica. Mas os **Senhores da Doutrina**, não descansam, estão aí prontos a criarem novas seitas, credos e religiões, basta que sejam motivados pelo interesse ou pelo orgulho.

Todos ouviam a sermonária do ateu, o qual, encorajado pelo silêncio continuou.

— Hoje temos em conjunto, o monismo, o panteísmo e o monoteísmo, que se alimentam um do outro, autofagicamente, de onde resulta uma teia religiosa irracional e incompreensível.

A Pequena Raquel, que se associara ao grupo, e que se conservara atenta e silente, interferiu de forma quase abusada, falando com tonalidade de voz um pouco modificada.

— Senhores, o que os cega é o orgulho, uns obliterados pela doutrina e pelo fanatismo e outros, pelo zelo intelectual, intransigente e já superado pelos avanços da ciência e pelos vôos do pensamento filosófico.

Todos se admiraram com a intervenção inusitada. A menina prosseguiu.

— Não existe tanto conflito e, menos ainda, autofagismo entre o **Panteísmo**, o **Mosaísmo** e o **Monoteísmo**, como não o existe entre o **Laico** racional e a fé pura.

A menina, ou quem quer que seja que por ela falava, fez uma pausa e continuou.

— O **Panteísmo**, na sua origem ensinava que a única verdade, ou a Verdade Absoluta é Deus e que, por conseqüência, tudo emana d’Ele. Esse pensamento não afronta a razão, mas, vieram os homens e o fanatismo religioso, ensinando que tudo quanto era visto era a manifestação de Deus e, daí à adoração das pedras e dos astros foi um pulo. Logo, o que era bom e racional na origem, tornou-se irracional e perverso pela ação inconseqüente ou interesseira do doutrinador.

O **Monoteísmo**, concepção do espírito renovador e missionário de Akhenaten, ensinava, na origem, que Deus é a Fonte Única da existência, à qual **dá origem**, ou seja, crea, e, não um autor que faz. Vieram os doutrinadores e, cada um, criou o seu Deus único, de acordo com seus interesses conjunturais, de onde resultaram as múltiplas manifestações religiosas monoteístas. Mas anotem que, na fonte, tanto o **Panteísmo** quanto o **Monoteísmo**, em linguagem diferente, falam de um Deus Único, como Deus Origem, um Deus Lei.

O **Mosaísmo**, que na origem é a concepção de uma **Causa Única** para a existência, não difere essencialmente do Panteísmo e do Monoteísmo em suas origens, mas, hoje, o zelo intelectual e o toque do subjetivismo, já o torna polimórfico, como lógico, filosófico, religioso ou materialista.

Vemos aqui, senhores, que o homem, mesmo no anseio de melhorar, sempre veste as idéias renovadoras com as cores de seus interesses.

— Mas temos a Bíblia, a Palavra de Deus, como roteiro para encontrarmos a verdade, refutou Elias.

— A Bíblia é o melhor exemplo, pois, nela, como nunca se fez em outro acervo cultural, o homem transitou, traduzindo, sonegando e adicionando o que ela não continha em sua origem.

Naquele momento ouviu-se a voz de Jô, que se associara ao grupo sem ser percebido. Ele falou em tom suave mas impositivo.

— Quem é você, meu irmão, que se vale da Pequena Raquel, para fazer essa elucidação?

— Eu sou Arcana, o Viajor do Tempo, e esta menina é uma missionária do bem. Os que aqui estão reunidos são espíritos que se reencontram na estrada da evolução, no divino afã de aprender. Todavia, os costumes, o orgulho, a fé cega e irracional, obliteram a visão de todos para a verdade. Deus, é a Energia Absoluta, fonte de poder, sabedoria, justiça e conhecimento, de onde tudo se origina. Tenham como princípio que toda manifestação fática resulta da condensação da energia e que esta, deriva da Energia Absoluta, ou seja, de Deus. Creiam que é correto asseverar que Deus, que é a Energia Absoluta, **está** em tudo quanto existe, mas que o que existe **não é** Deus. A parcela pode trazer algo do todo, mas o todo não é a parcela. Esperemos que nenhum doutrinador tecnológico, temático ou interesseiro, não venha criar uma religião sobre esses ensinamentos.

— Como podemos saber que você é mesmo o Viajor do Tempo? Quis saber o Padre.

— Meus amigos, não seria lógico supor que uma criança pudesse trazer-vos essas elucidicações. Também não é possível vencer resistências milenares em um átimo de tempo. Mas aqui, de permeio com os amigos, estão espíritos atentos, que pedem para serem noticiados como prova de que o espírito sobrevive ao corpo e pode comunicar-se com os que se dizem vivos. Vejo o bispo Tolucci, que foi teu professor de filosofia e que o ordenou. Vejo Josias, irmão falecido do Pastor e, vejo também Catarina, que se diz avó do amigo José Turuna.

— Isso tudo pode ser uma projeção telepática do pensamento dos que estão aqui, obtemperou Zé Turuna.

— Não adianta falar aos que arrolham os ouvidos ou acender a luz nos caminhos de quem teima em fechar os olhos.

Jô, presidente do Centro Espírita, percebendo o que se passava, agradeceu e, voltando-se para os circunstantes, ponderou:

— Meus irmãos, sigamos o nosso caminho, cada um com a sua fé, o importante é que o façamos com o propósito do bem.

Após um cafezinho servido por Sara, todos se retiraram levando, cada um, motivos para uma profunda reflexão. Elias comentou com a esposa:

— Querida, eu creio que temos que rever alguns conceitos e interpretações doutrinárias.

— Elias, querido, eu penso que temos um referencial seguro para nos orientar.

— Qual?

— Os princípios de Deus, que são o amor, a sabedoria e o poder. Tudo quanto contrariar esses princípios, não procede de Deus. Coloquemos o amor e a prática do bem como lema em nossa vida, pois isso é o bastante para estarmos em comunhão com o Creador.

Daquele episódio em diante o padre e o pastor passaram a freqüentar a casa de Duvirges, colaborando o quanto podiam. A calma reinou no campo religioso, enquanto o caldeirão dos interesses políticos fervia. As eleições se aproximavam, com os inevitáveis conflitos e escaramuças de parte a parte. A teia de intrigas alimentava a demanda anciã que era travada no fórum local, entre Petrônio Paz, o Pepe, e Tito Gororoba, pelas famosas e griladas terras da Gameleira onde estava situada a grande Cachoeira da Fumaça, objeto da cobiça de ambos, pois ali, comentava-se, seria construída uma portentosa usina hidroelétrica, cujo lago seria um pólo de atração turística, com a conseqüente valorização das terras.

Pepê, esperto, já havia encomendado um projeto de loteamento, alardeando, desde já, a implantação do mesmo, lançando um plano de reservas de lotes e chácaras para quem quisesse participar da valorização que estava à vista. Esse procedimento deu causa a protestos judiciais e uma tumultuosa ação de ofensas, para a qual convergiram todas as forças políticas, desaguardo, tudo, na mesa do doutor Aroldo Pim, o juiz da comarca.

Certo dia, o deputado, que representava a região e que presidia o partido do governo, adentrou ao gabinete do juiz, sem ser anunciado e sem pedir licença. Simplesmente empurrou a porta e entrou, sentando-se em uma cadeira fronteira ao magistrado. O juiz olhou e sentiu a convulsão íntima de um verdadeiro oceano de revolta. Por que, pensou ele, o homem do povo se comporta respeitoso diante do representante da Justiça, e os seus mandatários, que deveriam dar exemplo, se portam

desrespeitosamente, como se fossem os verdadeiros proprietários do Estado? O juiz agasalhou os óculos sobre a mesa, olhou firme o deputado, perguntando:

— O que o senhor veio fazer aqui?

— Eu sou representante do Governador do Estado e estou aqui para fazer-lhe algumas ponderações.

— Eu não sou serviçal do Governador, sou servidor da Justiça. Mas, o que deseja?

— O nosso governador manda dizer ao senhor, para olhar com carinho a causa do Petrônio Paz, o nosso Pepê, não impedindo que ele continue a vender o loteamento feito em suas terras. Afinal, é época de eleições e ele precisa de dinheiro.

— Olha aqui, senhor deputado, volte e diga ao seu chefe, que eu decidirei de acordo com a lei e, não, ao sabor de conveniências políticas.

— Doutor Pim, o senhor não terá condições de fazer nada aqui, sem o apoio do Governador.

— Pois se não tiver não farei, mas jamais dobrarei a minha espinha aos interesses de quem quer que seja.

— Seja razoável, doutor Pim, o que pretendemos é muito pouco e não é necessário desrespeitar a lei para nos atender.

— Em síntese, o que o senhor deseja?

— Vejo que não quer prolatar uma decisão injusta, mas poderia protelar essa decisão para depois das eleições. Isso só depende de um pouco de boa vontade e não afrontaria nenhuma lei.

— Deputado, eu iria proceder dessa forma, até mesmo pela imposição do acúmulo de serviço eleitoral, mas agora não vou fazê-lo, para que não venha a pensar que influenciou em minha decisão.

— Está bem doutor, mas depois não se queixe pelo que possa acontecer.

— Ponha-se para fora do meu gabinete, já!

O deputado, vermelho de raiva, saiu de forma estrepitosa, batendo a porta, praguejando, enquanto vencia o longo corredor batendo os calcanhares com força, abalando o velho e corroído assoalho do casarão.

O calejado juiz mandou buscar os volumosos autos das várias demandas entre os dois mandões da política local. Petrônio Paz, o Pepê, dentre outras pretensões havia solicitado o loteamento de uma parte da área em litígio, passando a vendê-la, antes mesmo de ser formalizado o registro, mediante simples contratos, que eram aceitos com suporte no prestígio do vendedor.

O seu opositor e adversário político, que também se arrogava o domínio sobre aquelas terras, impugnara pelo meio próprio o pretendido loteamento, pedindo uma liminar suspendendo as vendas, antes da efetivação do registro. As opiniões se dividiam, o caldeirão da política fervia, o povo tinha novidades, verdadeiras ou forjadas, para alimentar a fofoca dos useiros e vezeiros da praça, da esquina da farmácia ou que se formava à frente do armazém de secos e molhados do vulpino Abdala Abbud.

O juiz, quase em estado de catalepsia, olhava estático o avolumado conjunto de autos colocados à sua frente, quando foi despertado pela presença de Raquel, que entrara levada pelas mãos do velho Bino, o Contador de Estórias.

— Desculpe doutor Pim, mas eu desejo falar com o senhor.

O juiz agasalhou os óculos sobre a mesa, mirou os dois intrusos, permanecendo calado por algum tempo. O velho Bino, profundo conhecedor da vida, rompeu o silêncio.

— Vejo que o senhor está atolado em problemas.

— É verdade senhor Bino, além dos problemas, ainda assoma à minha mente, uma incontida revolta pelo procedimento dos homens do poder.

Bino, que conhecia de perto as tricas e futricas da cidade, leu nas entrelinhas o que se passava na mente do magistrado. Raquel soltou a mão do velho Bino, aproximou-se do doutor Pim, tomou-lhe as mãos e, olhando em seus olhos, esboçando um leve e doce sorriso, falou.

— A revolta, a ira, cegam o homem. Deixe a causa de tuas preocupações com quem as provocou, livra-te do ódio para que possas ver com clareza o caminho a seguir.

O juiz amoleceu, empurrou aquela montanha de autos para o canto da mesa, e, acariciando o rosto da menina, perguntou, como se brincasse com uma boneca ativada pela vida.

— O que fazer, quando não sabemos como fazê-lo?

— Doutor Pim, cada dia que surge traz consigo uma nova oportunidade e uma nova lição. O tempo ensina o discípulo e aperfeiçoa o mestre. Se não sabes o que fazer hoje, não te precipites, o amanhã te ensinará.

— Onde você aprendeu isso?

— Na oportunidade do tempo. O espírito é eterno e, por isso caminha e aprende na oportunidade do tempo.

O juiz beijou a testa da Pequena Raquel, olhou para o velho Bino, deixando escapar o que pensava.

— Meu amigo, bons ventos os trouxeram aqui, arejando o torvelinho de minha mente.

— Antes de sair, disse o Contador de Estórias, vou contar-lhe uma estorieta, para não perder o costume. E o velho contou.

“Dois homens postados à sombra de uma frondosa e carregada árvore frutífera, engalpinhavam-se numa ferrenha disputa pela posse de seus frutos. Quando os ânimos ameaçavam levá-los a um desforço físico, um senhor que passava aproximou-se, tentando evitar o pior.

— *Por que os amigos estão brigando?*

— *Eu vi a árvore primeiro, por isso os frutos são meus, afirmou o primeiro.*

— *Eu cheguei à sombra da árvore antes dele, por isso tenho o direito sobre os seus frutos, afirmou o segundo.*

O primeiro da disputa, depois de um breve exame, ponderou:

— *Meu senhor, vejo que é de boa formação, e, como está fora do conflito, deveria mediar a nossa contenda como juiz.*

Com a aceitação do segundo porfiante, o convidado aceitou, mas impôs as suas condições.

— *Eu aceito, mas como vejo que ambos estão irados, faço o convite para irmos à fonte da sabedoria, lá nos dessedentaremos e dormiremos no frescor da brisa do bom senso. Depois, se voltarmos calmos, então decidirei.*

Aceita a condição, foram os três à mencionada fonte da sabedoria, onde reina a bonança. Lá sentiram-se tão enlevados e satisfeitos, que ali ficaram por um bom espaço de tempo,

atraídos pelas pedras preciosas que acolchoavam o leito da fonte. Ao fim de algum tempo, o mais ambicioso lembrou-se da árvore e dos frutos, convidando a voltarem ao cenário da disputa para a decisão prometida. Chegando lá se aperceberam que os frutos haviam sido consumidos como alimento pelas aves do céu. Olharam-se espantados.

O ancião que fora elevado à condição de juiz, chamou os dois à razão.

— Vamos embora enquanto brilha a luz do sol e antes que venha a escuridão da noite. Vocês perderam os frutos, que não eram seus, e ganharam a paz que, de agora em diante, pode dormir na intimidade de cada um”.

O doutor Pim olhou demoradamente para o velho conselheiro e, depois, para a doce Raquel, deixando escapar um suspiro de alívio.

— Senhor Bino, eu apreendi a lição e agradeço pela vinda providencial dos dois ao meu gabinete.

Raquel olhou firme para o juiz, falando com segurança e convicção:

— Doutor, ainda falta uma coisinha.

— Qual?

— A adoção da Sarinha.

— É, minha filha, os trabalhos eleitorais impediram-me de apreciar o pedido, mas eu prometo que farei isso hoje mesmo.

— Obrigada doutor, meus pais vão ficar felizes. Eu quero convidá-lo para ir à nossa casa no dia do aniversário dela.

— Eu irei, pode aguardar-me.

— Mais uma vez eu agradeço.

O juiz foi dormir, naquela noite, pensando na estória contada pelo velho Bino e no exemplo que dela efluía. No dia seguinte despertou com a firme disposição de deixar a decisão daquela disputa entregue ao tempo, certo que estava de que nenhum dos dois postulantes tinha razão. No dia imediato deferiu o pedido de adoção da pequena Sara, incumbindo à Raquel a tarefa de comunicar ao pastor Elias, trazendo-o para a formalização do ato. Depois da solenidade, Raquel aproximou-se do Juiz, tomou-lhe as mãos com graça, falando como se fosse o sopro de uma brisa.

— Doutor Pim, o dia de amanhã é sempre promissor para quem alimenta o propósito do bem.

— Por que você sabe disso?

— Eu vejo que o senhor vai receber a visita de um homem barbudo, com um maço de papéis nas mãos, o qual vai causar-lhe enfado. Creia que aqueles papéis vão servir para que o senhor tome decisões corretas.

— Como você sabe disso?

— Não sei, eu apenas vejo.

O Pastor e sua esposa chamaram a filha e, levando a pequena Sara nos braços, despediram-se do juiz, agradecendo pelo que fizera.

Tão logo saíram, um funcionário anunciou a presença de um advogado de outra comarca, bem conhecido por ser um patrono contumaz de demandas sobre terras. O magistrado, entre aborrecido e irado, pensou consigo.

— Não bastassem as perlangas que eu tenho aqui para decidir, ainda me vem essa raposa criada com mais alguma.

O advogado, portando um calhamaço, tomou lugar à mesa do juiz.

— Doutor, eu tenho aqui uma reivindicatória para ser despachada, e, para defesa dos direitos de meus clientes, estou ajuizando uma ação cautelar.

— Doutor Clovis, não posso despachar nada agora, dado o acúmulo do serviço eleitoral que tem preferência.

— Eu compreendo, doutor, mas peço que aprecie ao menos o pedido cautelar, para evitar maiores transtornos no futuro.

Naquele momento, o doutor Pim percebeu com nitidez o rosto de Raquel por traz do advogado, percebendo que ele era barbudo, o que o fez lembrar-se da premonição da menina. O juiz olhou o rosto do doutor Clovis, barbudo como fora descrito, desviou os olhos pelo calhamaço de papel, passando a falar.

— Eu vou analisar o que pede, amanhã o senhor volte aqui.

— Muito obrigado, doutor.

Ao analisar a petição, o magistrado se deu conta de que o pedido versava sobre um pleito reivindicatório tendo por objeto as terras da Fazenda Gameleira, da qual o loteamento era uma parte. A cautelar visava a suspensão das vendas do loteamento,

até a decisão da ação principal. O doutor Pim, que a princípio se enfadara com o advogado e seu calhamaço de papéis, rememorou a doce figura da menina, compreendendo o alcance de suas palavras. De pronto despachou a inicial, concedeu a liminar pedida e deu à demanda antiga o destino da sonolência nas prateleiras do cartório. Alegre pela solução que os acontecimentos colocaram em seu caminho, o juiz percebeu que existem forças que laboram em benefício daqueles que têm fé e se atrelam à prática do bem.



O caldeirão da política fervia, ao compasso de comícios, festas e foguetórios, tudo alimentado por promessas dos políticos e pela boataria que açulava a curiosidade e as esperanças do povo.

Chico Discurso alugava a sua inegável eloquência, subindo nos palanques do governo e da oposição, conforme o preço ou a conveniência. No comício daquela noite ele defendia as excelências da situação, tecendo loas à administração que se findava. Falava com inspirada eloquência.

— Senhoras e senhores, não é possível negar o elenco de medidas bem sucedidas do governo. As estradas, escolas, a saúde, a segurança e o sucesso da economia, que saltam aos olhos.

Alguém do meio do povo gritou.

— Chico, você é um adulator, ontem discursava elogiando o Gororoba.

— Não sou adulator, sou um lídimo defensor da verdade. O que é bom, deve ser destacado, para que o povo conheça. Por isso, agora, eu destaco o trabalho profícuo do Governo e o faço porque cultivo a verdade.

— Muito bem, responderam em coro os adeptos do Pepê.

Zé Turuna, chamou a atenção do ouvinte que estava ao lado.

— Esse Chico Discurso é uma farra, elogia gregos e troianos, faz discurso para quem nasce, casa ou morre.

— É, mas não podemos negar que ele é eloquente, inteligente e, até mesmo divertido.

Um foguete tipo rojão explodiu no palanque, quase o fazendo desmoronar. Chico Discurso não perdeu a verve, continuando a sua parlapaticice.

— Senhores, esta explosão, demonstra a alegria que jorra da alma do povo e que, certamente, será acompanhada pela explosão dos votos favoráveis aos nossos candidatos, mantendo-os no poder.

Zé Turuna, voltando ao companheiro, já refeito do susto, asseverava:

— Não te falei, tudo serve de motivação ao Discurso, seja o nascer, o morrer, o bem ou o mal.

— Você é contra tudo, está sempre a reprovar, apontando defeitos e mazelas. Por que não vê nada de bom e positivo na vida? O Chico Discurso é uma alegoria viva, é alguém de nossa cidade, presente em todos os eventos, tristes ou alegres. O importante é que ele enfoca sempre o que é bom, por isso é havido por adulator.

Turuna admirou-se com aquela advertência insólita, partida do jovem Zino.

— Meu jovem, eu não sou contra nada, apenas não sou capaz de engolir enganação.

— Engana-se quem pensa que nunca será enganado, pois nem sempre o que vemos ou ouvimos é a verdade perfeita.

— Toda verdade é perfeita!

— Não, meu amigo, a verdade humana é relativa, só a Verdade Absoluta, que é Deus, é perfeita.

— Onde você encontrou isso?

— Senhor José, eu o convido para assistir a uma das nossas reuniões, lá o senhor verá onde ouvi esses ensinamentos.

— Onde é essa reunião?

— Na casa da Duvirges.

— Quem vai lá?

— Quem quiser.

— Você sabe que eu sou ateu.

— Não importa, mesmo porque essa sua afirmação é relativa.

— Ela não é relativa, é verdade pura.

— O tempo vai desmenti-lo.

O comício terminou esvaziado nas promessas e na fugacidade dos fogos de artifício. O povo espalhou-se, cada pessoa tomando o seu rumo. A cidade mergulhou no silêncio e na escuridão da noite. Só havia luz e alguma ação, na delegacia, na casa de saúde, na padaria e no prostíbulo.

Zé Turuna, andava sem rumo, como se algo efluísse de suas entranhas para atormentá-lo, roubando-lhe o sono. Pouco à frente encontrou Colito, um tipo estranho, que chegara à cidade na companhia de um circo e ali ficara, fazendo trabalhos avulsos aqui ou acolá, granjeando uma certa confiabilidade, embora sem vencer a desconfiança do povo simples da região. Fazia viagens, buscava e levava encomendas às cidades vizinhas, acostumando-se às eventualidades laborais dos estafetas.

Zé Turuna, mesmo não gostando da companhia, aceitou o diálogo, vencido pela solidão esticada da noite.

— O que está fazendo aqui, Colito?

— O mesmo que você, matando a insônia pelo cansaço.

— O que leva o homem à insônia?

— Eu penso que é a insatisfação com o **que é**, o **que tem** e o **que faz**.

Turuna pensou um pouco, voltando a falar.

— Você tem alguma razão.

— Alguma não, tenho toda a razão. Quem se atormenta para ser o que não é, e ter o que não tem, ou para fazer o que não sabe ou não pode, certamente não se agasalha na quietude do sono.

— Colito, aparentemente você não tem problemas, então o que o atormenta?

— Eu sinto uma tempestade dentro de mim. Eu creio e descreio, amo e odeio, procuro a paz e a trepidação das emoções. Sinto que sou e duvido da existência.

— Nós somos parecidos em algumas facetas.

— Veja, meu caro, a cidade dorme, como se fora um jardim de inocentes. Os políticos corruptos, aproveitadores do suor e das lágrimas do povo, estão ressonando sobre travesseiros sonegados ao povo. Os ricos sonham à porta dos cofres abarrotados pelas moedas sugadas ao peso de juro e lucros

ilícitos. Os religiosos dormem tranqüilos, depois de negociarem com Deus, o perdão, a salvação e a condenação.

— Você é um revoltado, o que o fez assim?

— Nós somos revoltados.

Os dois insatisfeitos e insones, sentaram-se no banco da praça. O clarão da lua que surgia, começava a afugentar a escuridão teimosa, voltando a ressaltar a beleza das montanhas que circundavam a cidade. Colito era inteligente, Zé Turuna, extremamente curioso.

— Fale de você, meu caro Colito.

— Eu sou um impulso que vadeia entre a interrogação e a exclamação. Não sei se **sou**, se **existo**, mas espanto-me com a existência. Não sei para onde vou, mas estou sempre indo, caminhando numa estrada sem fim. A realidade e o sonho se misturam no meu ser. Algumas vezes eu me surpreendo como se vivesse em outro tempo e lugar, diante de deuses terríveis sacrificando crianças inocentes ou adultos culpados. Vejo multidões de padres, bispos, religiosos enlaçados em matanças e intrigas, todos com a Bíblia nas mãos. Vejo índios perseguidos e escravizados por bandeirantes, ao troar de bacamartes benzidos de véspera. Todavia, o que mais me atormenta e rouba a paz, é a presença em minha mente de um padre, que sei chamar-se Antão, forjando intrigas, para logo mais transformar-se num bandeirante chamado Dom Avelar, que toma a forma de um monstro a me devorar. Nesses momentos eu sou salvo por um anjo com o rosto de índia e que se chama Potyra. Eu fujo, mas não adianta, eles ressurgem dentro de mim. Eu sou devorado pelo ódio àquele fantasma e pelo respeito àquele anjo. Fujo de mim, mas já estou exausto.

— Meu caro Colito, esse é um caso típico para o psiquiatra.

— Eu já os procurei.

— Não obtive resultado?

— Pelo contrário, as imagens se tornaram mais vivas, o ódio do padre ou bandeirante cresceu na mesma proporção do respeito ao anjo protetor, Potyra. O psiquiatra, coitado, ficou pior que eu.

— Por que você a chama de anjo protetor?

— Nas turbulências mentais a que me referi, ela sempre interfere afugentando o fantasma daquele padre ou do aventureiro, desfazendo a fogueira de ódio que eu sinto.

— De onde você vem?

— Eu só me recordo do mar, da praia, das jangadas arrastadas para a areia branca pelos pescadores. Lembro-me do tio Pedrito, um pescador atarracado e bondoso que suportava minhas peraltices. Minha mãe morreu quando eu tinha poucos anos. Meu pai amigou-se com uma caiçara redonda e feiosa, que me batia. Fugi, perambulei entre feirantes e pescadores, até encontrar o circo Universo, onde fiquei, aprendi muitas coisas, até quando resolvi abandoná-lo nesta cidade. Esta é minha vida, o resto, são minhas alucinações, meus ódios, dúvidas e encontros de saudades, não sei do que ou de quem.

Quando falavam, foram interrompidos pelos passos e xingatórios de alguém. Olharam e viram o Pingado, um tipo do anedotário da cidade, que só era visto bêbado. Ele aproximou-se dos dois.

— Oi!

— O que você está fazendo esta hora e bêbado?

— Eu não sou bêbado!

— É bebedor de cachaça?

— Não, eu sou técnico provador da indústria alambiqueira. Sou o vigilante da noite, o companheiro da penumbra, o amigo do sereno.

— Por que você bebe tanto?

— Sinto saudades e frustração, pois não tenho o amor que desejei e não sou o que queria ser.

Naquele momento, Tito Viola passava, vindo do rescaldo da festa que animara.

— Ué, Pingado, você hoje está em boa companhia.

— Só faltava você. Tire a viola do saco e vamos cantar.

Pingado raspou a garganta e nem parecia bêbado quando cantou com voz segura, afinada e melodiosa, acompanhado por Tito Viola, a conhecida modinha de sua autoria, Morro de Saudade.

MORRO DE SAUDADE

*Morro de saudade,
Do verde, da terra,
Da cachoeira, da serra,
Da vida sem maldade.*

*Morro de Saudade,
Das noites enluaradas,
Das cantigas, das toadas,
Da simplicidade.*

*Quero voltar
Pra minha terra,
Pra ouvir o soluço
Das águas na serra.*

*Morro de saudade,
Da igrejinha, da praça,
Da vida que passa,
Sem a pressa da cidade.*

*Morro de saudade,
Do canto da viola,
Dos folgedos, da escola,
Da paz, da felicidade.*

*Quero voltar
Pra minha terra,
Pra ouvir o soluço
Das águas na serra.*

Os ouvintes, apenas dois, bateram palmas. Era comovente, aqueles seres, certamente viajores do tempo, ali reunidos, cada um ao seu modo, triturados pela saudade indefinida de seres, vultos e sombras do passado.

Pingado despediu-se e se foi para a sua inconseqüência, Tito Viola ensacou a companheira de alegrias e sofrimentos e caminhou para a espera de um novo dia.

Colito, refeito da emoção, convidou Turuna para completarem a insônia da noite com a satisfação da curiosidade.

— Senhor Turuna, além do bêbado poeta que vimos, a noite de nossa cidade se alenta, apenas, na padaria, na delegacia, na casa de saúde e no prostíbulo. Vamos ver o que se passa neles. Na delegacia, encontramos a justiça, a injustiça e o medo; no prostíbulo, a emoção; na casa de saúde, a vida e a morte; e na padaria, o café e o pão.

Aceito o convite, foram os dois, em primeiro lugar, à delegacia. O sargento, a autoridade, que ali representava a Justiça, o Estado, a lei, cochilava sentado em frente à mesa. O cabo e dois ou três soldados entregavam-se à tarefa de espancar alguns presos teimosos e recalcitrantes. Turuna entrou pisando duro como era de seu costume, o que fez despertar a autoridade. O sargento, sonolento e mal humorado, o interpelou:

— O que deseja senhor Turuna, qual a sua ocorrência?

— Nada, sargento, eu apenas perdi o sono e resolvi conhecer o que ocorre na cidade à noite.

— A noite, meu amigo, só serve para açular o mal e adormecer o bem. O trabalhador adormece e o malandro se aproveita. É o momento de encontro da vida com a morte, na passarela da existência. O poderoso dorme enquanto o pobre, o subalterno, vela pelo seu sono.

— Sargento, vejo que o senhor é inteligente, fala com propriedade e correção. Por que está na polícia?

— Eu cursei até o segundo ano de direito, mas a necessidade de ganhar o pão levou-me ao quartel, de onde fui sendo distanciado da faculdade pelo destacamento constante para o interior. Hoje, a faculdade, o estudo, o diploma, são sombras perdidas no passado.

— Por que estão surrando aquele homem?

— Aquele sujeito acabou de esfaquear um homem e, aqui, continua valente desafiando todo mundo. A vida me ensinou que não adianta perfumar bandido, ele só obedece e respeita debaixo do relho.

— Quando o cidadão é preso, deve receber a proteção do Estado, é princípio moral de um estado de direito.

— Olha, seu Turuna, a liberdade e a proteção que o Estado deve assegurar, não significa permissão para a revanche do criminoso. Aquele homem, mesmo preso, agrediu o companheiro de cela e esbofeteou o soldado que foi dar proteção ao outro preso. O senhor não pode impedir a reação do soldado, que é um ser humano e deseja preservar a sua própria integridade.

— Mas o chicote não vai torna-lo melhor.

— Eu não tenho a tarefa de torna-lo melhor, o meu dever é evitar que ele continue a praticar o mal.

— O Estado, por seus agentes, tem o dever de educar ou reeducar o homem.

— Aqui, quem se comporta bem, é respeitado, quem desobedece entra no cacete. Eu não sou professor, mãe e nem padre. Para valentão, aqui tem peia e bala.

— Assim, meu caro sargento, o mundo não vai melhorar.
— Quem tem o dever de melhorar o mundo é quem o fez.
— E quem fez o mundo?
— O padre e o pastor dizem que foi Deus. Ele que conserte o que fez errado.

— Esse Deus que você anuncia não existe.
— Algumas vezes eu também penso que Ele não existe.
— Por que só em algumas vezes?
— Tem coisas que nos faz pensar.
— Quais?
— Olha seu Turuna, se existe um cabra desse, que esfaqueia o semelhante, ou como aquele ali que matou para roubar, existem pessoas como o doutor Canuto, que passa dia e noite procurando vencer a dor e o sofrimento, pessoas como a Dvirges, esquecida de si, para cuidar dos outros.

— Você já foi à casa dela?

— Sempre que posso vou até lá. Na última vez que fui, vi a Pequena Raquel cuidando de feridas e acariciando velhos doentes, depois a vi e ouvi cantar, em companhia do Zino. Olha seu Turuna, só pode ser Deus manifestando-se através daquela gente. Quando estou para perder a cabeça, vou até lá e volto como se houvesse tomado um banho de paz.

— É, sargento, você tem razão, aquela gente tem algo diferente dentro de si.

— Curioso, seu Turuna, é que aquela gente é espírita e, na última reunião que eu fui, estavam lá o juiz, o padre e o pastor.

— Da próxima vez você vai me ver lá também, mas somente para observar, pois eu não creio nesse Deus de vocês.

Zé Turuna despediu-se do sargento e caminhou para retornar ao seu périplo.

— Vá à casa de saúde, vá ver lá o homem que aquele danado esfaqueou, sendo atendido por um verdadeiro santo, o médico dono da clínica.

Turuna e Colito, que se mantivera calado, sob o olhar indagador e severo do sargento, saíram, tomando a direção da Casa de Saúde, como lhes fora sugerido.

A Casa de Saúde Bom Jesus, uma edificação simples, de feitura apressada, guardava a singeleza das coisas do sertão. Médico, atendentes e pacientes, bem como seus parentes, se misturavam ali, numa promiscuidade quase inocente, afastando para longe a figura de um hospital, parecendo mais uma pensão interiorana. Na portaria, quase adormecida, estava a Maria Bela. Pelos corredores e dependências, as outras Marias: Aparecida, de Fátima, Rosa ou de Lourdes, todas marias, simples, trabalhando, servindo, quase de graça.

— Boa noite, Maria Bela.

— Boa noite, senhor Zé Turuna, o senhor está doente?

— Não, Maria, eu passei pela delegacia e recebi a notícia de uma briga que resultou num esfaqueado.

— É verdade, fazem mais de três horas que o doutor Canuto está com ele na mesa, tentando salvar-lhe a vida.

— Ele pode pagar o médico e as despesas do hospital?

— Olha, se o senhor quer saber, até remédios o doutor Canuto mandou buscar na farmácia por conta própria.

— Esse doutor Canuto trabalha muito.

— Hoje, ou melhor, nesta noite ele ainda não dormiu, foram dois partos, um óbito e esse que está na mesa.

— E vocês, também não dormem?

— Nós fazemos o que é possível.

Quando falavam, o doutor Canuto saiu da sala onde atendia o paciente, demonstrando cansaço excessivo, arrastando-se pelo piso do corredor em direção à sala onde dava consultas. O médico, vendo o conhecido e irreverente ateu perguntou-lhe:

— Senhor Zé Turuna, deseja alguma coisa?

— Não doutor Canuto, eu apenas estou insone e resolvi ver a vida da cidade à noite. Vejo que o senhor está exausto.

— De fato preciso um pouco de descanso.

Falava, quando Maria Bela o chamou.

— Doutor Canuto, a Maria Alice está com as dores do parto.

— Meus Deus, quantas marias no meu caminho.

— Onde o senhor encontra forças para atender tantas marias, josés e joãos?

— Embora o senhor não creia, a força, o alento e a vida, provêm de Deus.

— Qual Deus, doutor, o Deus católico, protestante, espírita ou mulçumano?

— O Deus dos crentes e até dos descrentes como o senhor, pois Deus é um só, uma só fonte, de onde eflui a vida.

Nesse momento, o médico é chamado novamente:

— Doutor, a Maria Alice está em trabalho de parto.

— Chame a enfermeira Maria de Fátima.

Voltando-se para Zé Turuna, conclui:

— Aqui, meu caro, a vida cruza o caminho da morte. Enquanto um sai da vida pela porta da morte, outro entra no mundo pela oportunidade da vida. Marias morrem e marias nascem.

— Vá, doutor, vá abrir as cancelas da vida, vá atender às suas marias da vida e da morte.

Colito, em silêncio, observava tudo. Turuna o chamou de volta ao silêncio das ruas.

— Para onde iremos agora?

— Vamos esquecer a dor, o sofrimento, vamos para a emoção, a alegria, os prazeres.

— Onde?

— Vamos ao bordel. Lá, o único Deus é o prazer.

Colito abriu um sorriso, motivado pelo convite que lhe era prazeroso. Caminharam até o prostíbulo da Maria Cristina, onde outras tantas marias se perdiam no vai-e-vem da vida, embaladas pelas ilusões transitórias dos prazeres. A proprietária, gorducha, de olhar esperto, afeita à exploração da carne e de suas fraquezas, os recebeu com calculada e medida alegria.

— Que prazer, senhor Turuna, vê-lo de volta à nossa casa. Eu tenho uma mercadoria de primeira, nova em folha, guardada para clientes especiais.

— Onde está essa raridade?

— Venha comigo.

A mulher, forçando uma intimidade que não existia, tomou Turuna pelas mãos, levando-o a um quarto situado nos fundos. Lá estava estendida na cama uma mocinha que ele já vira na cidade, filha de um casal conhecido pelas brigas e escândalos. A dona do estabelecimento, falou de forma imperativa.

— Maria Amélia, aqui está um freguês especial, trate-o com todo o zelo.

A mulher, deixou ali, no segredo dos aposentos, as suas presas e saiu pisando duro, triunfante, pensando no lucro de seu comércio nefando.

Turuna olha a menina, ela sorriu de forma amarela e forçada. Ele sentou-se à beira da cama e puxou conversa.

— Menina, eu te conheço, o que você está fazendo aqui?

— É certo que eu não estou aqui para rezar.

— Por que você veio parar nesse lugar?

— Não suportei mais a vida em casa e resolvi sair.

— Vale a pena deixar a proteção do lar?

— Eu não tinha uma proteção e nem lar.

— Por que?

— Meus pais vivem aos tapas, ela ciuando e ele na farra e na cachaça. Lá, além das agressões e do falso moralismo de meu pai, eu era assediada por primos, parentes e compadres, de forma intolerável.

— Por que não procurou trabalho?

— Eu tentei, mas todos os patrões, além do trabalho, exigiam que eu fosse para a cama com eles. Entre ser prostituta às escondidas e o ser às claras, eu preferi vir logo para o bordel. Aqui, pelo menos, não mentimos, não existe o falso moralismo que marca o comportamento dos homens lá fora.

— Maria, eu acho que você tem uma certa dose de razão, mas existem outras saídas. Se você permanecer aqui, dentro em pouco só lhe restará para você, a velhice, a doença e o desprezo.

— Qual a outra saída?

— Embora eu seja ateu, penso que a porta da fé é a solução. Procure o pastor, o padre ou a Duvirges, eles certamente te apontarão o melhor caminho.

— Já pensei nisso.

— Pois faça o que pensou.

Turuna levantou-se, deu uma cédula à Maria Amélia e saiu. Colito o esperava no salão, vivendo e nada aprendendo.

Na rua, tomaram o rumo da padaria. O pão anunciava a saída do forno, pelo cheiro que se espalhava no ar. Chico Padeiro,

tirando a fornada, terminava a tarefa da madrugada. Turuna pediu café pingado, pão quentinho com manteiga do sertão. Era uma delícia adulando o paladar. Chico Padeiro, orgulhoso do seu trabalho, ansioso por um elogio, quis saber:

— Gostou, seu José?

— É pão bem feito, no ponto, sem defeito.

— Gostei da rima e do elogio.

— Você passa a noite acordado, mesmo assim parece gostar do que faz.

— É verdade. Não esqueça, meu amigo, que o sono tranqüilo é uma conseqüência da vigília. Para que alguns durmam é necessário que outros permaneçam acordados.

— Eu estou certo disso, Chico, e agradeço pelo pão e pela lição.

— Eu faço a minha parte e agradeço mais uma vez pela rima. Se cada homem fizesse a sua parte e aprendesse a tolerar um pouquinho, a paz reinaria no mundo.

— Chico, onde você aprendeu isso?

— Ah, senhor José, eu mudei muito desde que passei a freqüentar umas reuniões na casa da Duvirges e, lá, ouvi a palavra e o canto da Pequena Raquel. Aprendi ali, que todos somos úteis quando fazemos o que devemos fazer, com amor e sem revides.

— Que mais você aprendeu ali?

— Que vale a pena viver.

Turuna pagou o pingado e saiu. Chico Padeiro apanhou o cesto de pães que oferecia diariamente e foi leva-lo à casa de Duvirges. Turuna, vendo o padeiro sumir na rua ainda escura, pensou consigo:

— Alguma coisa acima da razão dá alento a essa gente.

Ainda em companhia de Colito, Turuna dirigiu-se à praça, retornando de seu périplo na madrugada. Lá, no coreto, o Pingado ainda permanecia cantando suas mágoas, paixões e saudades, com sua voz cheia e melodiosa, que a cachaça não conseguia empostar, acompanhado pelo Tito Viola. Algumas janelas fronteiriças se abriram, para satisfazer o gosto de saudosos ouvintes. Eles desfiavam suas canções, alegres ou sofridas, como dádivas aos madrugadores.

*Saudade, saudade,
Do tempo que foi,
Do ronco sofrido,
Do carro de boi;
Saudade, saudade,
Do cheiro da terra,
Do encontro das águas
Caindo da serra.*

*Saudade,
Da terra molhada,
Da passarada,
Saudade.*

*Saudade, saudade,
Do regato cristalino,
Do azul, do vergel,
Do rancho, pequenino;
Saudade, saudade,
Dos verdes gerais,
Dos tempos que foram
E que não voltam mais.*

*Saudade,
Da terra molhada,
Da passarada,
Saudade.*

Aquele canto, era um lamento, uma saudade, era um convite à reflexão.

Naquela noite, Zé Turuna decidiu comparecer à casa de Duvirges, pensando em participar da costumeira reunião de estudos que ali se realizava. Ficou surpreso com a presença do padre Alex, do pastor Elias, do velho Jô, presidente do Centro Espírita, do doutor Aroldo Pim, o juiz, e de outras pessoas conhecidas na cidade, dentre elas o doutor Canuto, o médico caridoso que laborava na Casa de Saúde Bom Jesus. Embora todos compartilhassem do mesmo desejo de desvendar as causas dos fatos estranhos que ocorriam com aquela gente, não escondiam um certo orgulho intelectual, fazendo transparecer que fora o acaso que os trouxera àquele lugar.

O velho Jô, a pedido de Duvirges, tomou a direção do ato, colocando cada participante em seu devido lugar, em volta de uma grande mesa e numa fila secundária, completando o círculo. Depois de tudo organizado, falou com a mansidão que lhe era peculiar.

— Meus irmãos, embora possamos professar doutrinas religiosas diferentes, somos todos filhos do mesmo Pai e, por isso, queiramos ou não, somos todos irmãos. O que nos une aqui é a busca do conhecimento e da verdade, que emanam de Deus. Por isso, eu peço ao irmão Elias, que abra a reunião, orando, pedindo a proteção de Deus.

Elias, quase contrafeito, sentindo-se como um culpado pela afronta à própria fé, iniciou titubeante, mas pouco a pouco passou a ser veículo de uma prece esplendorosa, inspirada, que chegou a emocionar a todos os presentes, arrematando com uma súplica fervorosa:

— Senhor Deus, misericordioso, aqui ou alhures, confiamos em tua guarda e, por isso, ajoelhados Te suplicamos, não nos deixes sermos tragados pelo torvelinho da dúvida e do erro, da desobediência às Tuas leis e da queda no pecado. Dai-nos a sabedoria, a luz e afasta-nos do mal.

Todos arremataram aquela sincera prece, com a afirmação usual de cada um. “*Assim seja*”, para os espíritas; e “*Amem*”, para os demais religiosos. Jô retomou a palavra entregando a direção da reunião às mentes superiores. A luminosidade já era restrita pelo próprio recinto. Fez-se silêncio profundo. Elias começou a sentir suores e uma aparente vertigem. Dominando os pensamentos, refletiu:

— Eu não devia estar aqui. Sou um fraco. Onde está a minha fé? Sei que não devo partilhar de reuniões com necromantes ou espíritas. Devo resistir e retirar-me daqui.

Elias fez um esforço quase heróico para levantar-se e sair, mas foi contido por uma força superior à sua vontade. Naquele interregno, Elias viu-se em frente aos seus crentes, com a Bíblia à mão, lendo em Levítico XIX, 31:

“Não vos voltareis para os necromantes, nem para os adivinhos, não os procurareis para serdes contaminados por eles...”

Como posso ensinar o que está nas Escrituras Sagradas e, ao mesmo tempo estar aqui? Viu-se frente a frente com a sua própria imagem como se fosse levado a mirar-se num espelho. No mesmo momento, sua mente desfolhou o livro da vida, fazendo-o reviver cenas do passado, que já lhe eram familiares, nas quais sentiu-se como um sacerdote de Baal, levando ao sacrifício a inocente Ina. Reviveu cenas, como se fora o padre Antão em refregas na reforma religiosa. Sentiu-se frente a frente com a pequena Sara, recém adotada, como se fora a mãe de Ina,

no sacrifício a Baal. No mesmo momento, reviu Ina, Potyra e Guima, todas como se fossem multifaces de Raquel. Mentalmente, pediu socorro a Jesus para libertá-lo daquelas impressões. Foi então, que sentiu um alívio imenso, como se fossem rompidas cadeias íntimas para libertar seu pensamento. Sentiu a presença reconfortante de seu avô José Pegasso, que colocou a mão em sua cabeça, dizendo-lhe: “*Filho, não tema a verdade que se descortina à tua frente*”. Elias sentiu-se novamente reconduzido ao recinto, completamente liberto de seus temores.

De parrelha, Zé Turuna, que teimava em duvidar de tudo, aferrando-se à sua teimosa concepção atéia, começou a sentir um certo distanciamento de si mesmo, até ver-se projetado em um vazio inexplicável. Viu a própria imagem e ouviu a sua voz, como se fora uma dupla personalidade falando consigo mesmo. O Zé Turuna, que via, o colocava à prova. Eu sou você, ou você seria eu? Eu existo aqui ou aí, você existe aí ou aqui? Existimos ou não existimos? Recuso-me a pensar, mas sou violentado por impressões. O que pensa, é meu corpo ou algo mais? Existe algo além do corpo? O que é o tempo, o espaço, a luz, a vida? De onde venho e para onde vou? O Universo existe? Eu existo? Se existimos ou não, se somos alguma coisa ou o nada, gostaria, ao menos, de saber o **por que** e **para o que**?

Perdido naquele turbilhão de dúvidas e comoções íntimas, Turuna ouviu uma voz quase doce a dizer-lhe.

— Vence o orgulho milenar de um falso saber e alcançará a paz.

— Quem é você?

— Eu sou você mesmo sem o orgulho que oblitera o entendimento.

— Como você pode ser eu, se discordamos na forma de pensar?

— A nossa discordância vem das impressões exteriores, trazidas pelos dogmas, conceitos e preconceitos e pelo culto ao modismo orgulhoso que endurece o espírito e obumbra a mente.

— Não é possível que eu seja você, que me perca falando comigo mesmo.

— Desce do pedestal do teu orgulho e te sentirás nu, singelo e natural como deveria ser, para poderes aceitar a presença de Deus, que é uno, abrangente, cósmico e infinito em todos os seus princípios. Saiba, meu caro Zé Turuna, que Deus existe e está em ti, ou melhor, em nós.

A voz suave de Jô, trouxe Turuna de volta ao recinto.

— Meus irmãos, peçamos em uníssonos ao Pai, que nos permita receber o conhecimento pela forma determinada por Seus desígnios.

Passado algum tempo, uma voz firme baritonada se fez ouvir pela boca da frágil Nina, a menina tetraplégica que fora trazida e ali acomodada num arremedo de maca. Percebia-se claramente que um ser estranho e certamente dotado de grande poder, falava através daquela frágil mocinha.

— Meus irmãos, aqui estão reunidas almas que se conflitaram na estrada da vida, mas que caminham em conjunto para o conhecimento, para a verdade. Deus é o manancial de onde tudo quanto existe emana. Ele é sabedoria, o conhecimento, o poder, a justiça e a verdade, na gradação infinita. Somos todos galhos da mesma cepa, por isso, somos iguais na essência, embora possamos diferir na forma. Somos irmãos e, como tal, podemos falar sem barreiras ou preconceitos para aprendermos juntos. Antes, como preâmbulo, eu afirmo ao irmão Elias que as informações por ele revividas são verdadeiras e se prendem às suas vidas passadas, bem como é verdade a presença de seu avô Pégasso. Ao amigo José Turuna, também, afirmo, que as impressões experimentadas refletem a presença do espírito eterno dentro de seu corpo físico atual. Eu sou Arcana, o Viajor do Tempo e coloco-me ao dispor dos irmãos para aprendermos juntos.

Elias, depois de alguma excitação, aventurou-se a questionar.

— Como posso ter segurança de que quem fala pela boca dessa mocinha não é o Demônio?

— Não posso admitir que se pense que Deus na Sua sabedoria infinita haja dado origem a um centro de poder capaz de propagar o erro. De outra parte, não posso admitir que Ele, em nome de quem abrimos a nossa reunião com a tua prece ou

oração, permita que sejamos enganados pela boca de uma criatura tão singela e indefesa.

— O que vem a ser o mal?

— O mal é uma consequência da ausência do bem, tal como as trevas são uma resultante da ausência de luz. Quando a luz se faz presente, as trevas esmaecem sem nenhum esforço ou conflito, assim, também, basta que o bem seja praticado para que o mal desapareça. Por isso é válida a afirmação de que não basta deixar de praticar o mal, é necessário que pratiquemos o bem.

— A Bíblia nos diz que não devemos consultar os mortos, além de afirmar que esse contato é impossível. O que nos diz sobre isso?

— A Bíblia afirma muitas outras coisas que as próprias lições da vida desmentem. Em primeiro lugar, se ela proíbe é porque é possível. Em segundo lugar, são inúmeras as passagens das Escrituras Sagradas que relatam o contato entre os que estão na carne e os que já se libertaram dela. Não fora assim, Jesus não daria o exemplo falando com Moisés e Elias, no episódio da transfiguração, que está em Lucas IX, 30, onde está escrito:

“Eis que dois varões falavam com ele, Moisés e Elias”.

Bem sabido é que aqueles dois espíritos de há muito haviam deixado a carne.

— O que é Deus de acordo com o que pensas?

— Deus é a causa primária da existência. Tudo quanto existe tem origem nesse manancial infinito de poder, sabedoria, conhecimento e luz, origem única, ou seja, Deus. Toda manifestação da existência resulta das infinitas gradações da Energia Absoluta. Deus é o conjunto de leis eternas e imutáveis, que regem a origem e o equilíbrio do Universo.

— De acordo com esse conceito, a gênese bíblica está equivocada?

— Talvez ela fosse apropriada ao homem primitivo, mas nunca ao homem das viagens interplanetárias, dos transplantes e da codificação genética. Veja o que está em Hebreus II, 11:

“Pois, tanto o que santifica como os que são santificados, todos vêm de um só...”

Ainda em Hebreus XI, 3, lemos:

“Pela fé entendemos que foi o Universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem”.

Deus, meus irmãos, é a causa determinante, é a lei que deu origem e rege o contexto universal.

— Quer dizer que Deus é impessoal?

— A personalidade exige limites, o que é próprio do ser finito, mas, incompatível com a infinitude divina.

— Pelo que vejo, você, seja quem for, faz a apologia do Espiritismo, mas execra a Bíblia. Lembre-se que a Doutrina Espírita se louva no Evangelho.

— É verdade, louva-se naquilo que ele guarda de positivo e acorde com a razão. Não te esqueça, que um dos livros básicos do Espiritismo intitula-se “*O Evangelho Segundo o Espiritismo*” e, não o “*Espiritismo Segundo o Evangelho*”, isto porque, naquele momento o esforço se fez para renovar a Segunda Revelação pelo advento da Terceira Revelação, posto que, os ensinamentos evangélicos já se mostravam permeados pelos interesses humanos. Hoje, como ocorreu naquele momento, urge que se consolide a Quarta Revelação, para trazer de volta, à sua plenitude, a Revelação Legal, que foi o espírito de ordem social trazido por Moisés e pelos profetas, na Primeira Revelação; a Revelação Evangélica trazida por Jesus na mensagem da supremacia do amor sobre o ódio, e que foi cognominada como a Segunda Revelação; e, a Terceira Revelação, que se refere à moral, que veio no bojo da Doutrina Espírita. Assim, estamos no limiar da Revolução Tecnológica, que poderíamos denominar como Quarta Revelação.

— Se a Doutrina Espírita é a verdade, qual a razão de pretender-se uma nova revelação, ou seja, essa mencionada Quarta Revelação, ou Revelação Tecnológica?

— Em primeiro lugar, a Doutrina Espírita **é verdade**, mas não é a **Verdade Absoluta**, pois esta é o próprio Deus em seu conjunto de Leis e Princípios Infinitos. A renovação que deve vir dos planos superiores não se refere à essência doutrinária,

pois esta é imutável, mas, sim, à forma, uma vez que os avanços da ciência exigem uma nova linguagem, adequada ao homem hodierno, ou seja, aquele que está entrando hoje na Terra.

— Se Deus é uno e a fé verdadeira, a religião será eterna?

— Um ledor enganoso. Deus é uno na sua abrangência. A religiosidade, que é um sentimento imanente no espírito, também é eterna por ser um princípio Divino expresso no espírito. Já a religião, que é a expressão formal da religiosidade, mudou, muda e mudará de acordo com o estágio cultural de cada povo. Por isso, as religiões aparecem, vicejam e desaparecem na voragem dos tempos.

— O que acontece com a religião, hoje, que possa exigir renovação?

— A religião, hoje, está genuflecta diante de dogmas, doutrinas e doutrinadores, quando não de interesses, sufocando a razão e a liberdade de pensar, pelo medo ou pelas promessas de recompensas. O homem segue a religião, como adepto servil, medroso e obediente, ao comando de um doutrinador que promete ou ameaça, quando deveria fazê-lo por confiar no progresso, no conhecimento, sempre disposto a repensar princípios, acorde com os avanços do pensamento filosófico e da pesquisa científica. Por isso, o Espiritismo é uma religião sempre atual, posto que, dos seus ensinamentos consta que, sempre que o que é aceito por verdade for comprovado pela ciência que está errado, esse ponto será mudado, sem traumas de consciência ou de comportamento, aceitando-se o novo conceito cientificamente comprovado.

— A Bíblia nos fala do pecado, do Céu e do Inferno e, da Salvação para os arrependidos e da perdição eterna para os recalitrantes. O que pode obstar a esses ensinamentos bíblicos?

— Em primeiro lugar, a Bíblia é um conjunto de livros escritos, copiados e recopiados através de séculos, onde o homem e seus interesses pontificaram. Nela existem, além dessas afirmações, outras, ditas efluentes da vontade de Deus, que contrariam a razão, a ciência e, até mesmo a moral. Quanto ao Inferno, como lugar de sofrimentos eternos ou ao Céu, como um paraíso localizado, em Lucas, XVII, 21, está escrito:

“...o reino de Deus está dentro, em vós”.

Do ponto de vista racional, eu proponho a seguinte questão: Uma mãe, bondosa, reta e crente, que merece a salvação, gera um filho teimoso, incrédulo e pecador. Sobrevindo a morte de ambos, à mãe é dado o paraíso eterno e ao filho, o Inferno para sempre. Perguntamos: Como poderia essa mãe ser feliz no Céu, gemendo pelo destino do filho no Inferno? Confiando na Justiça Divina, só podemos admitir que todos alcançarão um estágio de bonança, um dia, pelo próprio esforço do aprendizado e, não, por uma salvação prometida por doutrinas e doutrinadores.

— Sendo assim, qual é a espinha dorsal do Espiritismo?

— O amor, que se expressa na prática do bem e que emana do manancial infinito de poder, conhecimento e luz, que é Deus.

— A minha religião ensina isso!

— Ensina, mas não pratica, pois a tônica de tua sermonária é o vigor da palavra que exprobra, julga, condena e promete, contrariando os ensinamentos de Jesus, que disse:

“Não julgueis, não condeneis, perdoa, perdoa, perdoa”.

Elias calou-se, como se fosse aturdido pelo poder magnético de Arcana. O padre Alex aventurou-se a formular uma questão.

— Pela fragilidade da mocinha por quem falas, eu admito que, bem ou mal, és um ser extracorpóreo, que demonstra inteligência invulgar. Pelo que dizes, as religiões e suas igrejas são inúteis!

— Não, meu bom sacerdote, a religião é necessária, na medida em que congrega os homens para a prática do bem. Até mesmo, quando admoesta, repreende ou ensina, convidando o homem a repensar seu comportamento. Ela claudica quando condena e aponta o Inferno irreversível ou alicia a fé pela promessa de um Paraíso Eterno. Ela se afasta dos princípios evangélicos quando coloca os valores materiais como pressupostos de obediência ou desobediência a Deus. A fé, meu bom padre, deve ser livre, autêntica, racional e acorde com as leis do amor.

O doutor Aroldo Pim, o juiz, interferiu, questionando:

— Meu bondoso Arcana, eu creio que você, seja quem for, realmente fala por esta frágil mocinha. Diante dos fatos que tenho vivenciado, não posso negar o espírito nem a possibilidade da reencarnação, até mesmo por uma imposição racional. O que me intriga é a razão de tantos acontecimentos insensatos envolvendo pessoas que se encontram enleadas, de alguma forma, nesta cidade.

— Você, hoje como ontem, é o que foi, expressando a Justiça dos homens, tentando modulá-la entre o interesse momentâneo e o justo. Das brumas do passado ressurgem almas e destinos que se buscam no processo de aprendizado, pelo rescaldo de culpas e falências no palco da presente existência. Aqui estão espíritos que se pagam e purgam suas ambições, mazelas e vícios do passado. Você, meu bom juiz, os verá desfilando à frente de teus conceitos e de tua razão, um a um, e os reconhecerá no reencontro que já está em curso, creia ou não, o pastor, o padre ou o ateu.

Turuna, ao ser mencionado o ateu, o tomou para si, como se fora um desafio, passando a questionar o mensageiro daquela oportunidade.

— Embora perplexo pelo inusitado dos últimos acontecimentos, eu continuo a ver nisso, apenas, a captação de informações gravadas em outras mentes, pelo equipo mental desta mocinha.

— Isso não me surpreende, você é hoje o mesmo orgulhoso de tempos idos, que se obstina em descreer da existência de Deus.

— Qual a prova da existência desse Deus, que só tem servido como insenso das religiões, que oprimem, exploram o homem, obliteram o pensamento e lastreiam-se? Como podem os homens que dizem acreditar em Deus, trucidarem-se em guerras e disputas econômicas e territoriais? Onde encontramos um religioso doutrinando, existe sempre outro, doutrinado para obedecer e servir. Por que esse Deus poderoso não intercede pelos fracos? Por que os ricos tornam-se cada vez mais ricos e os pobres, a cada momento, mais miseráveis? Por que o triunfo do arbítrio sobre a liberdade e a imposição dos dogmas sobre o livre pensar? Por que a guerra, os terremotos, os furacões, as pestes que dizimam, se dizem que Deus é bom e justo e todos são seus filhos?

Depois daquela alocução quase raivosa do notório contestador, Arcana, pausadamente, com fala sonora e bem postada, que em nada lembrava a tetraplégica por quem falava, respondeu:

— Meu amigo, as tuas colocações dizem bem do teu orgulho, de tuas frustrações intelectuais e materiais, que fazem exsudar tanta revolta e incongruência. Deus não precisa prestar contas a ninguém, quanto à sua existência e desígnios. A razão nos indica que não existe efeito sem causa. O portento do contexto universal, que transita das micro-partículas aos intervalos galácticos e destes aos Universos fáticos e aos seus correspondentes paralelos; o fenômeno da vida que crepita, do verme à estrela, do bruto ao ser angelical; o poder de pensar, de escolher, de decidir, que permite, até, que você d’Ele descreia; mostram, com certeza, que Ele existe e é a causa primária de tudo.

— Resta, apenas, você provar que não existimos, que tudo isso não passa de um reflexo do nada.

— Só o néscio pode supor que o **nada** pode oferecer reflexos. Você contesta, porque é livre e existe, em obediência às leis pré-existentes que emanam dessa fonte infinita que é Deus. Anote, meu bondoso ateu, hoje, renovando-nos, seria mais justo afirmar: **existio, logo penso**.

— Se Ele é tão sábio, poderoso e bom, por que as guerras, as convulsões da natureza, a fome e a dor?

— As respostas somente podem ser aferidas pela métrica de quem as recebe, para serem compreendidas ou não. Você não poderia explicar ao verme as razões da erupção vulcânica que o dizima. Ao selvagem não podemos elucidar as fórmulas e caminhos do processamento de dados. Também a ti, que te obstinas em descrer de Deus e que não passas de um simples verme a parasitar a Terra, não seria possível vislumbrar os desígnios de Deus.

— Se você é um espírito tão esclarecido, certamente poderoso, por que não cura a moça tetraplégica, que diz utilizar para falar?

— Seria fácil levantá-la do leito, o impossível seria a interferência de outrem na oportunidade da sua provação, pois o que vês, é uma conseqüência de seus atos no passado, que só ela

pode remover, em obediência às leis maiores. Também só você poderá remover o véu da ignorância e as peias da teimosia e do orgulho que obumbram o teu espírito.

Naquele momento, um perfume de rosas encheu o ambiente, enquanto um leve ruído se fez ao lado do leito de Nina. Um halo brilhante aumentou a luminosidade do recinto e, no seu interior mostrou-se presente a figura de Valença, a Dama do Tempo, a qual, em outras ocasiões já se fizera visível a alguns dos presentes. Todos sentiram-se envolvidos por um leve e doce enlevo, enquanto o perfumado olor aumentava. A impressão coletiva era a de que todos haviam sido envolvidos por uma estranha força que os projetava nos caminhos do tempo. Cada um, de per si, reviu as estradas que percorrera em vidas passadas, nas quais, os que ali estavam reunidos cruzavam os seus caminhos. Naquele momento perceberam que não eram estranhos e que somavam entre si experiências comuns. Todos reviram, aqui ou ali, a figura de Raquel. Elias, vencido pela emoção, viu-se novamente como o sacerdote de Baal, sacrificando Ina que agora sabia ser a mesma Raquel. Naqueles retalhos de memória e lembranças do passado, viu no altar de Baal e Astarote, um oficial da guarda, que sorria com o sacrifício e o incentivava a prolongá-lo. Reviu o mesmo personagem no episódio da tomada de Potyra como escrava. Sentia que aquele ser dotado de grande potencialidade magnética negativa, o perturbava e se projetava sobre si, como se fora uma sombra tétrica e apavorante. O doutor Pim viu-se em cenas perdidas no tempo, no corpo de um certo Wilhelm, enfrentando o poder religioso personificado por Tetzal. Sentiu calafrios, mas reagiu para guardar a compostura.

Valença consolidou a sua presença, perfeitamente materializada, tomando movimentos livres que permitiam-na deslocar-se, o que fez, colocando-se em frente ao pastor Elias, passando a falar de forma audível a todos.

— Elias, seja você o sacerdote de Baal, o padre Antão da época da Reforma Religiosa, ou o Dom Avelar, conquistador de ontem, o certo é que você é o mesmo espírito lutando para vencer as dívidas e alcançar o conhecimento. Neste cenário, os

caminhos de todos os que se encontram presos à mesma experiência se cruzam para a reparação de erros e desacertos e, sobretudo, para que vençam em si, os reflexos do mal. Todavia, ainda falta aquele que foi vítima da sua prepotência no passado, o qual, por isso, vem acompanhando os passos de vocês, como sombra perseguidora, sedenta de vingança. Ele está entre vós, nesta cidade, e não tarda a se fazer visível.

O pastor Elias estremeceu, o padre Alex, observava tudo, sem forças para pronunciar uma palavra sequer. Valença, aquele ser perfumado e doce, colocou-se em frente ao juiz, pondo a mão em sua cabeça fazendo-o estremeecer.

— Meu bom amigo, continue a ser o ponteiro fiel do equilíbrio entre o bem e o mal, fazendo prevalecer a Justiça.

— Como resistir ao império do poder, da prepotência e das leis injustas e dirigidas?

— Existe um poder maior que se vale do tempo, para fazer triunfar a Sua Justiça. Assim, quando não puderes ou não souberes fazer o que te parece justo, entrega a solução ao tempo.

— Ao tempo?

— **O tempo é o senhor da razão**, não esqueça.

Valença deixou o doutor Pim, colocando-se em frente a Zé Turuna.

— Você é um escravo do orgulho, por isso não vê, para que possa alcançar a verdade. Você ainda teima em pensar que sou uma projeção magnética da mente de Nina ou dos presentes? Pode supor que eu seja uma ilusão? É possível acreditar que todos não existimos e que a verdadeira realidade é o nada?

— Eu tenho dúvidas, não posso crer em espíritos e, menos ainda em Deus. Cure a tetraplégica Nina, para que eu possa crer.

— Meu teimoso amigo, Deus que é o Poder, a Sabedoria, o Conhecimento e a Luz, não precisa alterar as Suas leis e desígnios para provar nada a você. Se, com a existência e capacidade de pensar que desfrutas, ainda perduras na descrença, só resta para ti o conselho que acabo de dar ao amigo juiz.

— Qual?

— Entrega-te ao tempo, ele que é o senhor da razão, fará pelo sofrimento, a lapidação do teu espírito.

Valença encaminhou-se para o lugar onde se encontrava Jô. Colocando a mão sobre sua cabeça, orou:

“Deus, pai de amor e excelsa misericórdia, nós louvamos o teu santo nome, pois sabemos que és a razão da existência, és o manancial infinito de poder, sabedoria, conhecimento e luz; sabemos que estás em tudo a quanto destes origem: do grão de areia ao gigante estelar, da gota d’água ao oceano insondável, do ninho à fonte, de horizonte a horizonte; Te manifestas em todo o esplendor e, em nós, que sentimos a Tua presença, nos anseios do bem e nos desejos de progresso; Jesus, doce e amado mestre, nós louvamos o teu santo nome, porque sabemos que és o exemplo e o caminho que devemos seguir; por tudo isso vos pedimos a permissão, para que os bons espíritos se aproximem de nós, direcionando os nossos pensamentos e atos, para a edificação do bem. Permitas que haja paz e entendimento entre os homens e os povos e que sejam rompidas as cadeias da intolerância, dos preconceitos e dos dogmas, para que o espírito humano seja arejado pelo conhecimento, pela fraternidade e pela humildade, para que haja paz na Terra”.

A luminosidade esmaeceu, Valença se foi, mas permaneceu indelével na mente de todos.

Após o encerramento, todos calados como se abstraídos da vida e em reflexão, preparavam-se para sair, quando Duvirges, amável, convidou-os para o tradicional café do interior, numa mesa posta, bem servida pelos acudidos na casa. O pastor Elias aproximou-se de Jô, o presidente do Centro Espírita.

— Diante dos fatos eu tenho que renegar a minha fé e tornar-me espírita?

— Não, Pastor, Deus sabe o que faz e, por isso, tudo está bem posto onde se encontra. Eu penso que você deve continuar onde está, servindo com honestidade e praticando o bem, como Jesus nos ensinou.

— Eu estranho o comportamento dos espíritas, que não lutam para arrebanhar adeptos.

— Cremos que para tudo existe o lugar e a hora certa e que, todos somos irmãos e presos aos desígnios de Deus. O que importa é a prática do bem e isto, nós ensinamos.

Sáiram dali, cada um para o seu rumo, levando dentro de si, a carga de ensinamentos que o inusitado acontecimento lhes trouxera.

Turuna, embora sentindo um leve torpor que fazia suas pernas mais pesadas, caminhou vagarosamente para sua casa, procurando apagar da mente o que acontecera.

4. Reencontros

A vida na cidadezinha corria mansa, na mesmice de sempre, a igreja matriz e o carrilhão convidando para a missa ou anunciando a hora das Ave-Marias, a igreja evangélica, os cultos e a escola dominical, o Centro Espírita e o seu silêncio rodeado de mistérios e de um certo halo do além, os benzedores, raizeiros, “tiradores de sorte” e os indefectíveis fofoqueiros da cidade, tudo desaguando na praça, lugar de encontros e desencontros, onde muitos encontraram ou diluíram o amor, a união ou a separação, pois ali se fazia e recordava-se a história das gentes e do lugar.

Na roda obrigatória, que se formava ao cair da tarde, faltava um personagem indispensável, o Zé Turuna. Chico Discurso, que sabia de tudo quanto ocorria na comunidade, foi chamado às falas por alguém.

— Como é, Chico, onde está o ateu?

— Ele está acamado.

— O que aconteceu?

— Dizem que ele desafiou um espírito, lá na casa da Duvirges, para que ele provasse a existência de Deus, curando a Nina, uma mocinha tetraplégica.

— E daí?

— Daí, meu caro, ele agora está sentindo uma dormência nas pernas que o impede de caminhar.

- Isso é sugestão, logo passa.
- Não, o doutor Canuto já diagnosticou uma doença que pode levar à paralisia.
- Será verdade?
- Não sei, o melhor é calar a boca e ver o que acontece.
- É verdade. Eu é quem não brinco com essas coisas do outro mundo.

Verdade ou não, o certo é que o conhecido Zé Turuna começou a definhar no leito, sob os cuidados do zeloso doutor Canuto, com os recursos de que dispunha, recebendo aqui ou ali a visita de conhecidos, curiosos, que pouco a pouco se afastaram temendo serem atingidos pela maldição, que diziam haver caído sobre o ateu. Só Duvirges, o velho Jô e a Pequena Raquel o visitavam com frequência, trazendo-lhe revistas, jornais, alimento e o conforto da palavra, pois o mesmo era afastado da família, distante e indiferente.

Certo dia, após ser levado ao banho pelo amigo Jô, auxiliado por Zino, Turuna quis saber:

- Qual é a força que os torna tão benevolentes?
- É o nosso dever, como seguidores dos ensinamentos de Jesus.
- Amigo Jô, todos falam em nome de Jesus, mas, da palavra aos atos, só vemos laborando, os seguidores do Espiritismo.
- Você comete injustiça quando pensa desse modo. Todos nós somos irmãos, filhos do mesmo Pai. Os praticantes de outras religiões, também entregam-se à prática do bem. O padre Alex, desenvolve um maravilhoso trabalho social em sua paróquia. O pastor Elias dirige a Escola Evangélica, que presta um serviço de valor inestimável. Todos são úteis, no campo de ação que Deus lhes destinou.
- Bom, meu amigo, é você que não condena, não julga e aceita a todos como irmãos.
- Esqueçamos isso e vamos pedir a Deus o auxílio dos bons espíritos para que você volte a gozar de saúde.
- Eu gostaria de ter a fé que vejo em vocês.
- Um dia ela despertará em seu espírito.

O dia amanhecia com o despontar do sol, cujos raios refletiam-se nas gotas de orvalho, que teimavam enfeitando a folhagem e as flores do jardim. As crianças, em grupos, dirigiam-se à Escola Evangélica, enquanto as beatas caminhavam vagarosas na direção da Igreja Matriz, atendendo ao convite do badalar dolente dos sinos, para o ofício religioso matinal.

No banco da praça, Colito, um ser estranho à comunidade, olhava, como se avaliasse a tudo quanto via. Ele chegara, não sabiam de onde, ali permanecendo, sem que dele alguém soubesse a procedência e quais seus propósitos. Sem ser convidado, ele ia a todos os lugares, tornando-se conhecido, embora sem vencer a desconfiança própria das pessoas do interior. Ia à Igreja Católica, aos cultos evangélicos, ao Centro Espírita e não era raro encontrá-lo na casa da Duvirges, auxiliando, como se desejasse vencer as resistências que fingia desconhecer. Ninguém ao certo sabia quem era, de onde viera, o que era e o que desejava. No banco, olhando quem passava, ele foi assaltado por um estranho pensamento.

— Que força estranha e irresistível o trouxera àquela cidade?

Naquele momento, como se fora uma projeção mental, reviu cenas, onde se entrelaçavam ídolos, monumentos, religiosos, teimando em sua tela mental a figura de uma índia, que sabia chamar-se Potyra. Aquela selvagem que o assediava à noite em seus sonhos, o magnetizava, a ponto de deixá-lo sem movimentos. Ele reagiu, tentando afastar da mente aqueles pensamentos.

As crianças passavam, alegres, saltitantes, numa algazarra própria da idade. Do meio delas, destacou-se a Pequena Raquel, que postou-se em frente à Colito, oferecendo-lhe um biscoito.

— Tome-o Colito, é de polvilho, muito gostoso, foi minha mãe quem fez.

Colito, vencido pela fome, aceitou. Raquel percebendo o que se passava, retirou mais alguns da sacolinha de merenda, entregando ao homem. Ele ao receber os biscoitos, olhou no rosto da menina, percebendo sobre o mesmo, como se fora uma sombra sobreposta, o rosto da índia Potyra, que tanto o

atormentava. Estremeceu, sentindo uma verdadeira convulsão interior. Quando voltou a refletir, quis devolver os biscoitos à menina mas percebeu que ela já ia longe, cantarolando em conjunto com a meninada que a acompanhava em coro, chamando a atenção de todos quanto passavam pela praça:

*Avezita,
Buliçosa,
Que volita,
No espaço além;
És o alento,
A doce brisa,
A voz do vento,
Propagando o bem.*

*Avezita,
Esperança,
Que palpita
No azul dos Céus;
És alegria,
A vibração
Que anuncia
A presença de Deus.*

*Louva a natureza,
Na obra infinita,
No esplendor, na beleza,
Onde Deus habita.*

*Louva a natureza,
Na obra infinita,
No esplendor, na beleza,
Onde Deus habita.*

E foram cantando, até desaparecerem no pátio da escola.

Colito, passado o torpor, foi chamado à realidade, pela presença de um servente do Banco, que tomou lugar ao seu lado, aguardando o momento de entrar em serviço.

As pessoas passavam cada uma buscando os seus afazeres, levando consigo suas preocupações e sonhos. Colito e o moço recém-chegado olhavam, curiosos, analisando tudo. O moço, cheio de sonhos, falou:

— O mundo é muito desigual, pouca gente tem muita coisa e muitos vivem na miséria. Eu gostaria de estudar e não posso, enquanto os filhos do Gororoba gastam fortunas na farra e não estudam.

— Olha aqui, não adianta estudar, o que conta é herdar ou tomar o dinheiro por alguma forma, pois o que vale no mundo é a grana.

— Não, eu penso que vale a pena o estudo, o conhecimento, pois o saber dá destaque.

— Nada disso, o que dá destaque e prestígio, o que outorga o poder de decisão é o talão de cheques e, nunca, o diploma.

— Quem não tem o saber, não tem condições de administrar, nem mesmo o que possa herdar.

— Você é um tolo, o Pepê e o Gororoba, não têm diploma, só têm cheques gordos, por isso são eles que mandam aqui, botando os diplomados a trabalhar para eles. Neste mundo quem tem reina e quem não tem rela.

— Você parece muito revoltado, mas o que vejo aqui é que os que sabem sempre são ouvidos pelos que possuem riquezas.

Falavam, quando o pastor Elias cruzou a praça dirigindo-se à Escola Evangélica, sobraçando livros, distraído, sem se dar conta da presença dos dois observadores.

— Está vendo esse aí?

— É o pastor Elias.

— Eu sei, já fui à igreja dele, onde ele só faz ralhar com os outros, como se ele fosse o dono da verdade, cobrando um tal de dízimo dos crentes e ofertas de quem vai lá ouvir suas arengas. Ralha, cobra, mas vive gordo, penteado e bem nutrido.

— Vive assim, porque estudou, sabe falar, ensinar. Agora mesmo ele recebeu um dinheirão que veio de fora.

— Como você sabe disso?

O moço, ao ser questionado, encheu-se de importância, estufou o peito, raspou a garganta e respondeu:

— Sei porque sou funcionário do Banco.

— E o que tem isso? Funcionário não sabe de tudo.

— Mas eu sei. Vi ele retirar a dinheirama e fui mandado acompanhá-lo à sua casa, pelo gerente, pois sou de confiança.

— Para fazer o que?

— Ora essa, fui auxiliá-lo levando a sacola com o dinheirão.

— Esse pastor é um besta, não seria melhor deixar a grana no banco?

— Eu ouvi ele dizer que iria efetuar pagamentos aos operários da construção da escola e de gado e outras coisas para a fazenda da Congregação deles.

— Você foi até à casa dele?

— Sim, fui até o escritório na casa.

— Ele deve ter um bom cofre.

— Nada, ele colocou o dinheiro numa gaveta, como se fosse um papel qualquer.

— Ele não tem medo de furtos?

— Olha meu amigo, aqui não tem ladrão, essa gente é pobre, mas não temos notícias de que alguém haja colocado a mão nas coisas alheias.

— É, pode até ser, mas eu não creio nisso.

O moço despediu-se, dirigindo-se para o seu trabalho no Banco. Colito calou-se, envolvido por pensamentos trevosos. Saiu dali, impulsionado por desejos acordes com sua alma doente e minada pelas emanações do mal. Foi para o seu quarto alugado, ruminar o mal que guardava em suas entranhas.

Naquele dia, ao entardecer, Jô, como sempre o fazia, passou em direção da casa de Zé Turuna, em companhia de Zino, levando coisas e com a disposição de prestar-lhe a devida assistência. Após a higienização, Turuna, com os olhos umedecidos, agora, com a fala mansa, diferenciada da costumeira arrogância, puxou conversa.

— Senhor Jô, o que os leva a serem tão caridosos?

— Os ensinamentos de Jesus.

— Mas todos falam de Jesus, fazem sermões em seu nome, entretanto, enquanto os outros religiosos condenam, exprobram e fazem sermonárias, os espíritas, caladinhos, sem foguetórios, quermesses e ofícios religiosos de porte grandioso, colocam a mão na massa, praticando o que ensinam, doando-se em toda a integridade ao próximo.

— Você está sendo rigoroso com os nossos irmãos que professam as outras religiões.

— Só os espíritas consideram a todos, como seus irmãos.

— Olha aqui, não é bom julgarmos os outros. Todos os religiosos, bem como os não religiosos, servem, cada um ao seu modo e com o instrumental de que dispõem.

— Eu discordo, pois reconheço que sou inútil, nada fiz em benefício dos outros, só critiquei, acusei e diverti-me com os erros e mazelas dos outros. Reconheço que sou um inútil e, além do mais, transformei-me agora, em um estorvo, sofrido e pesado para você.

— Mais uma vez você labora em erro, pois nada resulta inútil na maravilhosa sintonia da Creação. Você é tão útil, que o meu dever é agradecer-lhe por estar aqui.

- Útil em que, senhor Jô?
- Pela oportunidade que nos oferece, de servir e aprender.
- É muita bondade a sua, mas, de fato, eu tenho pensado em sair da vida pela porta do suicídio.
- Você teima em persistir em erro. Você não é senhor da vida e, jamais sairá dela, pois a existência continua após a libertação do corpo físico, com o acervo de conhecimentos, erros e equívocos acumulados. Olha, meu irmão, eu posso afirmar com a autoridade de quem já vivenciou o fato concreto do suicídio, que o clamor mais lancinante e desesperado ouvido no mundo espiritual é o grito dos suicidas. Quem deseja melhora, luta para aperfeiçoar-se; quem deseja superar dificuldades, as enfrenta com decisão e confiança em si; quem deseja alcançar a paz, pratica o bem, pois o amor é o grande artífice da felicidade, tal como a oportunidade do tempo é a grande mestra da vida.
- Senhor Jô, de onde vem tanta paz e tanta sabedoria?
- Do Reservatório e Manancial de Sabedoria, Poder e Luz, que é Deus, ao qual todos estamos ligados, pois Ele está em tudo quanto existe, na própria expressão da existência que d'Ele eflui.
- Esse Deus não é um ser, conforme ensinam as religiões, que cria ou faz, que dá prêmio aos crentes e castiga os descrentes?
- Um ser, que faz, que vive de olhos em suas criaturas, que dá prêmios a alguém e pune aos teimosos com penas eternas, contraria os princípios divinos, pois tal ser, exige limites, o que o torna finito. O Deus, no qual acreditamos, é o Deus Lei, Justiça, Sabedoria e Poder infinitos, que elimina as limitações do ser. Deus é **causa**, o manancial do qual efluem leis eternas e imutáveis e, não, um feitor, que faz ou cria, como um artesão qualquer, o que o tornaria finito e por isso falível.
- Qual o alicerce do Espiritismo?
- O amor e a prática do bem, tal como ensinou Jesus.
- O que mais?
- A busca da verdade, que só alcançamos pelo conhecimento e, este, pelo esforço, pelo trabalho e pela perseverança.
- O que vem a ser a verdade?
- A Verdade Absoluta é Deus. A verdade relativa, é adequação do conceito ao fato concreto circunstancial.

— Verdade é verdade, não pode ser relativa.

— Você está equivocando, a Verdade Absoluta é Deus e Suas Leis. Todos os demais conceitos e princípios, são relativos e adequados a cada estágio do homem. Quando esses princípios ou conceitos são provados e comprovados cientificamente, eles se integram à Verdade Absoluta, através de Suas Leis.

— Para mim não existe essa verdade relativa, é ou não é verdade.

— Considere que o que é aceito por verdade para um povo primitivo, pode não o ser por sociedades mais desenvolvidas. Alguém já afirmou e ensinou, nas academias, que a Terra era o centro do sistema solar. Hoje a verdade é que o Sol é esse referido centro. Amanhã, talvez fique provado que todos os corpos deste sistema giram em torno de um novo centro. Só Deus e Seus princípios são imutáveis, por isso, só Ele é a Verdade Absoluta.

— Senhor Jô, apesar da aparente humildade, concordando ou não com o que diz, vejo-o como um poço de sabedoria.

— Nada sou, apenas agradeço pela inspiração que me vem do alto.

— Para ser espírita eu preciso ser batizado?

— O Espiritismo não adota símbolos, rituais ou sacramentos. Para nós, não interessa o que você seja, pois somente você é o seu juiz e responsável pelos seus atos. Para nós, o essencial é que busquemos a melhoria do espírito pela luz do conhecimento e pela prática do bem.

— Nos centros espíritas não existe a exclusão daqueles que não se comportam de acordo com os ensinamentos doutrinários, como ocorre nos outros credos religiosos?

— Não somos donos da verdade e, tampouco, senhores do destino alheio. Cada um é senhor e juiz de seus próprios atos e, por isso, responsável pelo que faz. Não excluimos a ninguém, pois somos todos irmãos.

— Por que, então, existe tanto rigor nas reuniões espíritas, cada um para um lado, cada um em hora determinada, como se fora em um quartel?

— Eu não vejo assim, mas creia, que nada se faz com proveito, sem o toque da ordem e da disciplina.

— Por fim, se os espíritas falam tanto em luz, por que apagam a luz em algumas reuniões?

— A luz que nos arrebatava é a luz interior, a luz espiritual. Quanto à luz ambiente, o único motivo que nos leva a escolher a penumbra é o fato de ser ela um bom auxiliar para alcançarmos melhor concentração de nossos pensamentos na direção que desejamos.

— Senhor Jô, não posso negar que os espíritas e o Espiritismo nos convidam a pensar.

Quando falavam, foram interrompidos pela entrada de Duvirges e Raquel, que traziam coisas para agradecer ao doente.

— Senhor Turuna, diz a Pequena Raquel, eu trouxe biscoitos que minha mãe mandou.

— Tua mãe? Questionou admirado.

— Sim, ela mesma.

— Mas crente faz isso?

— Senhor Turuna, interferiu Duvirges, dona Sara é nossa irmã, embora louvando a Deus ao seu modo. O importante é que ela expressa o seu amor através de Raquel.

— Deixem de lado essa estória de religião, vamos cantar para alegrar o ambiente, interferiu Raquel.

Raquel e Zino, agora acompanhados por Duvirges e outros que, atraídos, adentraram à moradia de Turuna, cantaram, melodiosamente, tendo por âmago a voz maviosa e ainda infantil de Raquel.

*Vale a pena viver,
Sonhar,
Servir e amar;
Vale a pena aprender.*

*Vale o perfume da flor,
O brilho do sol,
A brisa, o arrebol;
Vale o afeto, o amor.*

*Canta,
Vamos cantar;
A vida
É viver e amar;
Vale a pena viver,
E vivendo,
Servir, sorrir,
Aprender.*

*Canta,
Vamos cantar;
A vida
É viver e amar;
Vale a pena viver,
E vivendo,
Servir, sorrir,
Aprender.*

Turuna, não pode esconder a emoção, ouvindo a voz da Pequena Raquel, que esmaecia no distanciamento alongado das ruas, vibrando o estribilho rico da lição:

*Vale a pena viver
E vivendo,
Sorrir, servir,
Aprender.*

O velho Bino, o Contador de Estórias, sentado no banco da praça, conversava com o Chico Discurso, enquanto as pessoas passavam, participando daquele cenário típico das cidades do interior, onde todas as emoções, conflitos e ambições deságuam no coreto, na Igreja ou nas rodas dos faladores. Chico Discurso, contrariando o próprio temperamento, parecia tristonho e reticente.

— O que está acontecendo com você, amigo Chico?

— A única coisa que sei fazer é discurso e declamar poesias.

— Isso é muito bom.

— Mas...

— Mas o que?

— A freguesia está sumindo, as festas estão rareando, até a morte parece estar fugindo daqui, não há defunto para que eu o louve e elogie em meus discursos fúnebres. Não há mais comemorações de datas como antigamente, o civismo está morrendo.

— É, mas a política está aí.

— Está, mas...

— Mas o que Chico?

— Olha, eu vou contar a você o que aconteceu.

— Conte logo, homem.

O Chico Discurso empertigou-se, ajeitou a gravata borboleta, limpou a testa com o lenço amarelado pelo uso, e falou:

— O Pepê, que me deve tantos favores, me proibiu de subir em palanques da oposição sob pena de ser surrado.

— Por que ele fez isso?

— No último comício eu elogiei o Gororoba, mas ele esquece que eu o elogiei também no comício dele.

— Por que você elogia um e o outro?
— Você sabe que eu não falo mal de ninguém, só abordo o que é bom e positivo. Para mim tanta faz governo ou oposição, eu só faço elogios.

— Isso é dubiedade, Chico, ou você elogia um ou o outro.

— Eu não me importo com os personagens, o que eu gosto mesmo é de discursar e declamar. Agora estou frito, o homem matou meus sonhos e a razão de viver.

— Nada Chico, ninguém mata os sonhos alheios, só você mesmo os pode matar pelo desalento.

— Essa frase é bonita, é aproveitável em um belo discurso.

— Pois pode aproveitá-la, não vou cobrar direitos autorais.

Quando a conversa descambava para a brincadeira, atravessava a praça, o Pepê, o poderoso político e fazendeiro, objeto da fala de Chico Discurso. O homem, orgulhoso e prepotente, olhou para o grupo ironizando.

— Ta contando lorota aí Bino?

— Estou.

— E qual é o bicho que está falando na lorota de hoje?

— É você!

— Eu?

— Sim, você mesmo, o burro metido a sabido, o poderoso que nada pode.

— Que estória é essa?

— Venha cá, vou contá-la.

Pepê, entre irado e curioso, pois conhecia a sabedoria do velho Contador de Estórias, aproximou-se.

— Pois conte logo mais uma de suas lorotas.

E o velho contou.

“O leão, o senhor da selva, julgava-se tão poderoso, que não permitia a ninguém falar mais alto que ele. Ele se considerava o mais sábio e o senhor de tudo e de todos. Dizia ele:

— Não existe no mundo um ser vivo que possa resistir à minha força.

Não passou tempo algum, a Patativa começou a cantar no galho fronteiro à toca do rei leão. Ele, importunado e raivoso gritou:

— *Cala-te, ou mando o meu guarda, o gavião, apanhar-te.*

A Patativa, obediente, calou. Passado algum tempo, o leão foi acossado por uma praga de piolhos, que não lhe davam sossego. Atrofiando e quase louco pela coceira, o leão pediu socorro ao seu guarda, o gavião, que lhe respondeu:

— *Majestade, só a Patativa tem um bico apropriado para eliminar os piolhos. Mas ela canta.*

— *Pois chame-a, e que cante, desde que cate e elimine este malditos piolhos.*

A Patativa foi convocada e por não ser orgulhosa, enquanto se alimentava dos piolhos, cantava alegremente pousada na juba do orgulhoso e prepotente leão”.

Arrematando, o velho Bino completou a lição.

— Você Pepê, detém o poder que é transitório, mas não tem a sabedoria que é eterna. O Chico Discurso é a patativa que você tenta silenciar, mas você vai passar, com o teu poder e a tua riqueza e ele, permanecerá na graça e na sabedoria de seus discursos, que não ofendem, apenas adoçam e elogiam.

No comício que aconteceu logo depois, Chico Discurso estava lá, alegre, tecendo elogios, enaltecendo o civismo, a competência e o altruísmo de Petrônio Paz, o Pepê.

As eleições passaram, os eleitos tomaram posse, os eleitores e o povo foram esquecidos. A cidade calou-se sem novidades. Os únicos fatos que despertavam a ansiedade, eram os preparativos para a formatura dos alunos que terminavam o curso primário na Escola Evangélica. Raquel e Zino, preparavam-se, participando dos ensaios do coral, pois eram considerados os primeiros alunos da classe e as vozes mais destacadas do grupo. Os pais dos alunos encomendavam as melhores roupas para comparecerem à cerimônia. Maria, a costureira mais afamada da cidade, trabalhava dia e noite acossada pelas freguesas. Dora, a filha da costureira, que a auxiliava nas tarefas, já cansada, comentou:

— Não sei porque tanto barulho, pois festa de crente é a coisa mais insossa que já vi. É só cantar, ler a Bíblia e orar. Ninguém bebe, não soltam foguetes e, pior de tudo é que ninguém pode namorar e nem dançar.

— Cada um faz sua festa como quer, redargüiu a costureira.
— É, mas o que faz festa boa, é música, moleque e samba.
— Isso é para você, Dora, que não se comporta e é por isso que você é tão mal falada.

— Eu posso até ser mal falada, mas aproveito minha vida.

— É, mas nenhum dos rapazes que se aproveitam de você vai querer casar e você vai ficar para titia.

— Eu não quero casar e ir para o fogão, bater bife para sustentar homem na farra. Mulher casada só serve para parir filho e agüentar safadeza de marido.

— Não, filha, existem muitos homens bons e casamentos felizes.

— Isso é conversa para consolar solteirona. Onde está meu pai? Você ficou velha trabalhando como condenada para ajudar em casa e ele se foi com a primeira mais nova que encontrou. Os homens são assim, aproveitam a beleza e a juventude das esposas e, quando elas murcham, eles se vão e as marias costureiras ficam por aí, só, morrendo no serviço. Eu prefiro aproveitar, a servir de bibelô para marido.

— Eu penso que você está sendo levada pelas emoções e pelas alegrias passageiras da vida. Na velhice você vai receber o retorno desse comportamento leviano.

— Pois deixe a velhice chegar, até lá eu seguirei aproveitando a vida.

Maria, que desejava ver a filha casada com um rapaz trabalhador, pensando em livrar-se de uma velhice marcada pela pobreza, calou-se entristecida. Uma freguesa bateu à porta, certamente em busca da encomenda ou para fazer uma prova da que fizera. Maria foi atender, cheia de cansaço e tristeza. Era a vida, seus atropelos e incertezas. Valeria a pena viver? O velho Jô, presidente do centro espírita, afirmava que sim. Quando assim pensava, ouviu a conhecida voz da Pequena Raquel, que adentrava à casa, saltitando como sempre o fazia, cantando o estribilho de uma canção que sempre cantava.

*Vale a pena viver,
E vivendo,
Sorrir, servir,
Aprender.*

Vendo alguém como a Pequena Raquel, esparzindo alegria, creio que vale a pena. Assim arrematou Maria, o seu pensamento, tentando colocar fim à sua amargura.

O dia da solenidade chegou. As crianças, agitadas, forçavam os pais a se movimentarem. A cidade em peso compareceu à cerimônia na Escola Evangélica. Cantaram belos hinos, sentidas e emocionantes orações, seguindo-se um sermão eloqüente, bem trabalhado e rico do pastor Elias. Para surpresa de todos, foi dada a palavra ao padre Alex, que teceu elogios ao trabalho dos dirigentes da Escola. A surpresa maior veio quando o pastor Elias deu a palavra ao conhecido Chico Discurso, para que falasse em nome da sociedade. O povo presente aplaudiu com inusitada alegria, o que, de certa forma, quebrou a formalidade e sisudez do ato. Chico falou, elogiou com natural eloqüência, teceu loas à educação e ao trabalho dos educadores, mas se absteve de mencionar religião e política. Ao final, arrematou o discurso, afirmando: *“A instrução que se oferece na escola, completa-se pela experiência da vida e se presta a ilustrar o intelecto, mas a educação, que é oferecida no lar, traz o burlamento do caráter. O homem só é completo e útil à sociedade, se tem a ilustração do intelecto e o enriquecimento do caráter, que só é possível pela associação do lar e da escola, e que resulta da sabedoria do pai em ser mestre no lar e do mestre transformar-se em pai na escola”*.

A platéia explodiu em palmas e vivas ao Chico Discurso, que roubou a cena por algum tempo. Orgulhoso e alegre pelo sucesso, Chico misturou-se com o povo, participando vivamente da solenidade, que prosseguia com os comes-e-bebes costumeiros.

Enquanto isso, na praça, um ser solitário ruminava seus pensamentos, ao peso de influências tenebrosas. Era Colito, que pensava:

— Enquanto alguns sofrem o peso da miséria, outros se refestelam na fartura. O pior, é que os ricos tornam-se cada vez mais ricos, sugando o suor dos pobres, que a cada dia se tornam mais pobres.

Naquele momento, Colito lembrou-se da notícia que lhe dera o servente do Banco, sentindo avolumar-se na mente, um plano diabólico. Sabendo da vulnerabilidade das casas, onde o povo não guardava cautelas, dado a inexistência de furtos, ele lembrou-se do dinheiro guardado pelo Pastor, em sua própria casa. Percebendo que todos estavam entregues à solenidade que se desenvolvia na Escola, não pensou duas vezes, encaminhando-se para a residência do Pastor. Lá, encontrou a porta fechada, apenas pelo trinco, o qual acionado deixou aberta a entrada. Penetrou na casa e, seguindo as informações do servente, foi direto ao escritório, onde, sem dificuldade, encontrou a bolsa que já vira conduzida por Elias, a qual guardava avultada quantia. Colito esvaziou a bolsa, colocando o dinheiro em uma sacola que trazia consigo. Naquele momento, a ambição cresceu, superando o medo. Ele pensou que ali deviam existir jóias valiosas e passou a revistar móveis e a revolver gavetas, seguro de que todos assistiam às solenidades. O que não supunha Colito, é que fora visto ao entrar na casa, por Zino, que por algum motivo se afastara da escola.

Enquanto desenvolviam-se as solenidades, não sendo possível ao moço aproximar-se de Elias, ele confidenciou a Sara, o que vira. A mulher, de imediato, tomou a decisão de ir verificar o que estava ocorrendo, esgueirando-se por entre as pessoas. Chegando em casa, encontrou a porta aberta e percebeu, pelas gavetas reviradas, que algo de anormal estava acontecendo. Ao entrar no seu quarto, fronteu-se com Colito, que a mirou de cima a baixo como se a desnudasse com os olhos, encenando um sorriso onde o cinismo não podia ser escondido.

— O que faz aqui, falou Sara medrosa, quase aos gritos.

— Eu, eu...

— Eu o que?

— Estava procurando algo para comer.

— No quarto?

— É, no quarto mesmo.

— Você...

— Cala a boca para não ficar pior.

O homem puxou Sara pelo braço, colocando-a perto de si.

Sara, apavorada, não sabia o que fazer.

— Leve o que quiser, mas deixe-me em paz.

Enquanto Sara vivia aqueles momentos de terror, Zino comunicou o que se passava a outras pessoas, as quais, aos grupos, acorreram à moradia de Elias, que foi literalmente invadida. Colito apercebendo-se do que ocorria, ameaçou ferir a mulher, se alguém tentasse aproximar-se, exigindo que saíssem, abrindo caminho para sua fuga.

Avisado, o sargento, comandante do destacamento local, homem truculento, afeito à violência, apressou-se em acudir ao chamado. Os minutos pareciam uma eternidade, para Sara e para as pessoas que acompanhavam o desenrolar dos fatos. Naquele momento, antes da chegada das autoridades, ouviu-se a voz doce, mas impositiva da Pequena Raquel, causando espanto a todos. Ela encostou a mão na porta, que se abriu, como se fosse forçada por um poder miraculoso, colocando-se frente a frente com o agressor.

— Colito, o que você está fazendo aqui?

O homem, como se fora hipnotizado, arregalou os olhos, tentando reagir de alguma forma.

— Você tem coragem de ferir minha mãe? Largue-a já.

Colito, naquele momento, viu sobrepor-se à figura de Raquel, a imagem já conhecida da índia Potyra, que vivenciara em outras oportunidades. Estremeceu, movido por uma estranha força.

— Largue-a.

— Eu, eu...

Colito, sem saber o que fazer ou dizer, deixou Sara livre, que ao desvencilhar-se correu ao encontro da filha, que naquele momento já era protegida por Elias e Zino. O povo presente, gritava a uma só voz. Pega o ladrão, lincha, lincha...

Quando isso se passava, chegou o sargento e seus homens, subjugando Colito com brutalidade, espancando-o, acolitados pelo povo que continuava a pedir o linchamento do infeliz.

Mais uma vez, a Pequena Raquel, como se fora um homem forte a comandar, intrometeu-se entre Colito e os seus captores, falando com energia.

— Sargento, prenda esse homem, cumpra a lei, mas não o maltrate.

— Quem é você guria, para dar-me ordens?

— Quem é você e quem te deu o direito de agredir teus semelhantes?

— Quem me deu poder foi a lei.

— A lei só autoriza que prendas, mas nunca a surrá-lo. Pára de espancá-lo ou vou chamar o doutor Pim.

Uma voz forte, autoritária, se fez ouvir, calando a todos.

— Não precisa Raquel, eu estou aqui.

O doutor Aroldo Pim, o juiz da Comarca, deu suas ordens ao sargento.

— Sargento, cumpra o seu dever, prenda esse homem, coloque-o em grades, mas não o maltrate.

O sargento, pouco acostumado a receber ordens não emanadas de seus comandantes, olhou o juiz com os olhos fuzilando ódio.

— Sendo assim, é melhor deixar esse desgraçado solto, pelo menos não dá despesas na cadeia.

— Cale-se e obedeça, do contrário vou processá-lo por desobediência. O povo assistia a tudo, torcendo para que o militar desobedecesse ao juiz e entregasse o preso à sua fúria.

— Obedeça ao doutor Pim, sargento.

Era Pepê, o político poderoso, que nomeava e demitia, senhor da vida e da morte naquelas paragens. O sargento abriu um sorriso largo, tirando o pé do pescoço de Colito.

— Agora sim, meu comandante deu-me ordens para obedecer ao deputado Pepê, não me falou de obediência a juiz, padre ou pastor.

Deu um chute em Colito e gritou:

— Vamos desgraçado, vamos para a cadeia, se correr eu mato.

Aquele episódio, grotesco e cruel, marcou o noticiário e, até mesmo, a vida daquela gente.

Colito permaneceu preso, sob a ameaça de linchamento pela população que não aceitava a presença de um criminoso daquela espécie na cidade. Além das ameaças, o preso era maltratado pelos carcereiros e, por isso, definhava dia a dia, vencido pelos maus tratos e pela maceração da própria consciência que começava a despertar. O sargento fora transferido e substituído no cargo por um tenente, que era considerado avesso à política, além de duro e inflexível.

Naquela noite, chuvosa e escura, o grupo que freqüentava a casa de Duvirges, reuniu-se, como já era de costume, anotando-se apenas a ausência de Zé Turuna, agora preso ao leito. Ali estavam o Pastor e o padre Alex, mesmo contrariando seus princípios doutrinários, vencidos que foram pela força contundente dos fatos. Na reunião, abertos os trabalhos, Jó fez uma prece, pedindo paz para toda a humanidade, luz e sabedoria para todos os homens. Por intermédio de Nina, a moça tetraplégica, médium versátil e de grande potencialidade, comunicou-se Valença, a Dama do Tempo, que falou pausadamente.

— Meus irmãos, o último elo desse reencontro, atrelou-se aos acontecimentos que acabam de vivenciar. Colito é o cobrador secular, que caminha desde os templos de Baal até o momento, no veio de perseguições e lutas, enleado aos que aqui se encontram, em episódios, que, em retalhos de reminiscências, já foram trazidos a todos, em sonhos ou manifestações mediúnicas. Urge, pois, que se perdoem mutuamente, para recomeçarem uma nova caminhada, em busca da redenção, do conhecimento e da luz. O ódio acorrenta o espírito, na dor, no sofrimento e na ignorância, por isso, quem deseja a libertação deve seguir os ensinamentos de Jesus, vencendo o ódio pela força viva do amor.

O doutor Pim, lúcido e equilibrado, formulou uma questão.

— Se devemos entregar tudo ao império do amor e do perdão, deveríamos conceder a liberdade ao criminoso?

— Meu irmão, a sentença que o criminoso recebe, é uma consequência de seus atos e, não, uma imposição do arbítrio. Além disso, a pena, que é uma consequência, é uma benção pelo despertamento para que o espírito tome a decisão de trilhar os caminhos do bem. O juiz, ao julgar, é apenas um instrumento de aplicação da justiça, desde que o faça com isenção e sem o peso do interesse.

— Qual a razão de tantos encontros e desencontros, tantos caminhos cruzados pela trama do destino?

— É a saga do aprender, da busca do conhecimento, que liberta e nos eleva para a Verdade Absoluta que é Deus.

— Por que e para que?

— Ouça a voz do tempo, na palavra de Arcana.

5. Por que e para o que?

Arcana, O Viajor do Tempo, falou:

— O encontro ou reencontro dos irmãos aqui reunidos traz a lume a prova das trilhas que as almas percorrem para alcançar o conhecimento. Se olharem para dentro de si e analisarem os fatos ocorridos, perceberão que remanesce no íntimo a certeza de que têm liames comuns, na treliça dos destinos. Basta um pouco de humildade e sabedoria para que se apercebam dessa grande verdade.

O doutor Pim, diante da pausa feita pelo instrutor, formulou a primeira questão.

— O que é a reencarnação?

— A reencarnação compõe os ciclos de retorno ao corpo físico tridimensional, no esforço co-criador de regresso ao Núcleo da Energia e Conhecimento Absoluto, que é Deus.¹

— Se o espírito tem origem no plano espiritual, qual a razão da reencarnação, ou seja, do mergulho na carne, para aprender e evoluir? Por que esse processo de evolução não se completa no mundo do espírito, sem a necessidade da provação das vicissitudes da matéria?

¹ Ver CAPELLI, Esse. Crestomatia Espiritualista: a grande análise. Goiânia: Editora Proluz Ltda, 1998.

— Cada princípio inteligente, que chamamos de espírito, tem a sua trajetória própria, desde o momento de origem, até o retorno ao Núcleo da Energia Absoluta que é Deus. Nessa caminhada, dentro dos termos do livre arbítrio, alguns não ultrapassam os limites da quarta dimensão, permanecendo no plano da luz, onde impera a energia mental, que não é passível de transformação. Outros, todavia, rompem os espaços da quarta dimensão, transgridem leis pré-constituídas e, por isso, a curva da elíptica de suas trajetórias, no movimento de retorno, pode se dar no campo tridimensional, do qual se libertam, gradativamente, em ciclos de retorno, até que retomem o rumo ascensional às dimensões superiores.

— O que é o espírito, em si?

— É o princípio inteligente que labora como elemento co-criador, no contexto universal.

— Arcana, eu creio em Deus, mas alimento algumas dúvidas. Se tudo quanto existe tem uma origem, de onde veio Deus?

— Se um protozoário questionasse, querendo saber de onde vem a luz, alguém poderia responder-lhe de forma circunstancial, que ela procede do sol. Se aquele hipotético questionador perquirisse o que seria e de onde se originaria o Sol, por certo aquele ser na escalada inferior da evolução não poderia apreender uma explicação sobre a possível origem do Universo e de seus componentes, por lhe faltar, na intimidade, uma unidade de aferição. Assim, também, o homem, simples verme no contexto esplendoroso da existência, não tem em si o domínio da métrica capaz de lhe permitir definir e compreender a Energia Absoluta, posto que não é dado ao finito mensurar o infinito. O que a razão nos permite é aceitarmos a existência de Deus, como causa do efeito inescusável da existência. Também a razão nos leva a aceitarmos Deus como sendo o manancial infinito de Poder, Sabedoria, Conhecimento e Luz, por serem esses os pressupostos básicos da expressão da existência e, da Justiça, por ser, esta, o requisito basilar do equilíbrio.

— Se Deus é infinitamente bom e sábio, origem de tudo, como pode permitir a existência do mal, do sofrimento e da dor?

— Todas as mazelas que atribulam a caminhada do homem na Terra, resultam como conseqüência do desrespeito às Leis Divinas. Deus é o bem, a bonança, a alegria, por isso que, o mal, o sofrimento ou a dor, resultam da ausência de Deus, tal como as trevas só existem por ausência da luz.

— Essa concepção de um Deus universal, abrangente, **causa** e não **autor** da existência, não vem a contrariar a concepção religiosa do Espiritismo de um Deus quase pessoal?

— De forma alguma. Aos estudiosos remetemos para Allan Kardec, “A Gênese”, 25 e 29 do Capítulo II, que enfoca Deus, onde está explícito que Ele escapa dos limites da individualidade. Na questão 29, diz o Instrutor:

“Nada impede que se admita, pelo princípio da soberana inteligência, um centro de ação, um foco principal que irradia sem cessar, inundando o universo com os seus eflúvios, tal como o sol faz com a sua luz...”

Se você, meu bom amigo, tiver o cuidado de ler com atenção “A Gênese”, nela vai encontrar em letras claras a moderna concepção filosófica de um Deus Lei, causa ou origem da existência, bem como a teoria de formação unitária do Universo. Leia e verá.

— Voltando à questão do bem e do mal, o Diabo existe e, com ele o Inferno?

— Como ser e como lugar, não existem, todavia o mal pode se fazer presente, individualizando o Demônio, se o bem é ausente. O Inferno, pode existir, como estado de espírito, pela ausência do bem no imo de cada um. Quando Jesus disse “**Um de vós é Diabo**” (João VI, 70), não quis dizer que Judas era a própria figura do Demo, pois foi Ele, Jesus, que os escolhera (João VI, 70), mas quis afirmar que o mal se alojara no coração de Judas.

— Por que o Espiritismo não se preocupa com templos?

— Cristo deixou Sua mensagem, sem escritos, gravando-a nas mentes e nos corações, à margem dos ribeiros, à sombra dos carvalhais, nos lagos e nas choupanas. Não foi sem razão que

disse: “O reino de Deus está dentro, em vós” (Lucas XVII, 20 e 21) e Paulo, afirmou: “Não sabeis que sois santuário de Deus, e que o espírito de Deus habita em vós?” (I Coríntios, III, 16).

— Por fim, bondoso Arcana, se o Espiritismo não tem sacramentos, dogmas e rituais, qual a essência, o alicerce da Doutrina Espírita?

— A essência é a crença em Deus, como causa da existência, manancial infinito de Poder, Sabedoria, Conhecimento e Justiça e, a prática do bem. Como assessorio, as verdades inquestionáveis da reencarnação, evolução e progresso.

— E qual o objetivo do ensinamento Espírita?

— A busca da verdade e o aprimoramento do espírito.

A Pequena Raquel passava pela praça, sobraçando uma sacola, em companhia de Zino. O velho Bino, o Contador de Estórias, sentado no banco costumeiro, a interpelou:

— Onde vais, meu doce anjinho?

— Levar alguma coisa ao senhor Zé Turuna.

— Posso acompanhá-la?

— É um prazer.

Foram os três, conversando até chegarem à moradia do Turuna, onde o encontraram numa cadeira de balanço ofertada por Sara. O homem abriu um sorriso largo, como se recebesse naquele momento o roçar de uma brisa. Raquel entregou-lhe o que trouxera, encorajou o amigo e se preparava para sair.

— Onde vais? Quis saber o velho Bino.

— Vou à cadeia pública levar alguma coisa para o Colito.

— Filha, você não guarda ódio daquele homem, que tanto mal fez à tua família?

— Não, senhor Bino, o mal fere a mão que o pratica e o amor é o melhor remédio para anulá-lo.

A pequena e doce fada se foi. Turuna e o velho Bino ficaram a contemplá-la, enquanto ela e Zino cantavam um estribilho:

*Vale a pena viver,
E vivendo,
Sorrir, servir,
Aprender.*

Turuna tentou, sem sucesso, movimentar uma das pernas. Olhou para o velho Bino que o observava com atenção. Turuna fechou os olhos, tentando esconder as lágrimas que teimavam em vencer a sua aparente dureza.

— Senhor Bino, dizem que o que sofro é um castigo de Deus, o senhor acredita nisso?

— Não, Deus não vive por aí a castigar ou a oferecer prêmios. Tudo quanto acontece conosco é consequência de nosso próprio comportamento. Todavia eu considero tua moléstia, uma bênção, uma pausa para que você dela se aproveite para fazer uma reflexão sobre o que fez até aqui. Deus, meu bom Turuna, nos oferece a oportunidade do tempo e o império de leis que devem ser observadas.

— O que sou eu?

— Você é um espírito caminhando no tempo, no esforço co-criador do retorno ao Pai.

— Por que estou aqui?

— As mutações universais são dinâmicas e eternas, você é parte do Todo, por isso não pode fugir às regras da dinâmica do conjunto. Você **É** e **ESTÁ**, essa é a lei inexorável à qual todos estamos sujeitos.

— Está bem, **eu sou e estou**, mas pergunto, **até quando?**

— Meu amigo, você faz parte do Conjunto Universal que tem uma métrica infinita, por isso poderíamos arrematar dizendo: você **É** e **ESTÁ** na projeção infinita do Todo.

O estribilho, nas vozes adocicadas de Raquel e Zino, ainda vibrava ao longe:

*Vale a pena viver,
E vivendo,
Sorrir, servir,
Aprender.*